INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Os "passos portugueses" de Ronald Reagan: analise da visita de Estado do quadragésimo Presidente estadunidense a Portugal

Diogo dos Santos Amaral

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientador:

Professor Doutor Luís Nuno Rodrigues, Professor Catedrático, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2024

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

Os "passos portugueses" de Ronald Reagan: análise da visita de Estado do quadragésimo Presidente estadunidense a Portugal

Diogo dos Santos Amaral

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientador:
Professor Doutor Luís Nuno Rodrigues, Professor Catedrático,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2024

Em memória de José Henriques dos Santos (Zé da Mina) (1924-2018)

Em memória de António Manuel Montez Amaral (1957-2022)

"All in all, not bad, not bad at all."

(Ronald Reagan)

"Once and for all, why not the best?"

(Oscar Brand)

Agradecimento

Tendo apenas por mote a grandeza intelectual que propícia, decidimos ingressar nos estudos da História. Não tivemos qualquer outra pretensão que não fosse a de colaborar para que, enquanto portugueses, nos conhecêssemos um pouco melhor. Poder-se-á mesmo afirmar que este é o desígnio da dissertação que ora se apresenta. O tema escolhido é uma gota no oceano, como se costuma dizer. Estamos cientes disso. Mas, caso assim não fosse, não seria, certamente, um trabalho académico. E, apesar dessa pequena gota que é uma viagem de um presidente dos EUA a um pequeno país como é o nosso, foi possível verificar que é nas pequenas coisas que, muitas vezes, se podem encontrar as maiores.

Em todo o caso, e utilizando em comodato as palavras do então Cardeal Ratzinger, acabado de se tornar Bento XVI, em abril de 2005, o texto que se apresenta trata-se apenas de um contributo de um simples e humilde trabalhador na *vinha* da História do Portugal Contemporâneo, em especial, das suas Relações Internacionais.

Evidentemente que, para quem não tem como base estudos em História, e veio das Ciências Jurídicas, vulgo Direito, a empresa de uma dissertação em História pode, muitas das vezes, parecer um objetivo inalcançável, *ferido* de incompletude insanável.

Ora, todos esses sentimentos foram ultrapassados com a ajuda do nosso Orientador. Por esta ordem de razões, não será de estranhar que a página subordinada ao ato de agradecer tenha como principal recetor o Senhor Professor Doutor Luís Nuno Rodrigues, Professor Catedrático do ISCTE. De facto, a sua calma, paciência e, sobretudo, o interesse que teve ao ler os meus textos foi, para mim, mote para continuar, com um entusiasmo incessante, a redação da dissertação.

Por fim, deixar registado o agradecimento à minha família, em especial à minha mãe, irmã, Maria, primos Nuno, Pedro e Maria e ainda aos tios Hilário e Maria Odete, bem como aos amigos de uma vida, Maria Ana Sampaio Maia (eterna colega de gabinete), Teresa Moniz, Simão Venâncio e Gustavo Costa. Obrigado por andarem de braço dado comigo nas ladeiras da vida, sendo certo que muitas dessas ladeiras não têm sido muito fáceis de descer. Para vós vai o meu abraço fraterno e o meu sentimento comovido.

Resumo

A dissertação que ora se apresenta pretende analisar a visita de Estado do 40.º Presidente dos Estados Unidos da América, Ronald Reagan, a Portugal, entre os dias 8 a 10 de maio de 1985. Inserida num périplo mais alargado, com duração de 10 dias, pela Europa do Ocidente, onde visitou a Alemanha Federal, a Espanha e a França, Ronald Reagan acabaria esse périplo no nosso país. Assim, e dada a ausência de estudos académicos relativos a esta visita de Estado, pretende-se proceder a uma reconstituição dos "passos portugueses" de Ronald Reagan, através da análise dos momentos mais importantes da sua visita ao território português. Com efeito, para além da análise da visita de Estado *tout court*, procede-se à devida contextualização da mesma, através de um *olhar* ao Portugal político dos anos 1980, à análise das relações diplomáticas entre os dois países, pelo menos, a partir do momento em que Portugal se torna uma democracia, e ainda uma análise às relações diplomáticas entre os países da Europa do Ocidente e a Administração Reagan-Bush (1981-1989).

Palavras-chave: Ronald Reagan; Mário Soares; visita de Estado; relações bilaterais; Portugal; EUA.

Abstract

This Thesis analyses the State visit of the 40th President of the United States of America, Ronald Reagan, to Portugal from 8 to 10 May in 1985. As part of a wider 10-day tour through Western Europe, where he visited Federal Germany, Spain and France, Ronald Reagan ended the tour in Portugal. Given the lack of academic studies on this state visit, the purpose of this study is to reconstruct Ronald Reagan's 'Portuguese steps' by analysing the most important moments of his visit to Portuguese territory. In addition to the analysis of the state visit, we will contextualise it by looking at the political Portugal of the 1980s, the diplomatic relations between the two countries, at least from the moment Portugal became a democracy, and the diplomatic relations between the countries of Western Europe and the Reagan-Bush Administration (1981-1989).

Keywords: Ronald Reagan; Mário Soares; visita de Estado; relações bilaterais; Portugal; EUA.

Índice

Agradecimento iii

Resumo v

Abstract vii

Introdução 1

CAPÍTULO I 3

1. Breve contextualização das relações luso-americanas no Portugal democrático – do momento pós-revolucionário ao ano de 1985 3

2. Breve resenha de viagens de Estado, Oficiais e Particulares de presidentes estadunidenses a Portugal e vice-versa 10

3. As relações EUA-Europa Ocidental durante a Administração Reagan-Bush (1981-1989) 13

3.1 Introdução 13

3.2 Convergências e divergências entre a Europa Ocidente e a Administração Reagan-Bush: Ocidente versus Ocidente? 14

3.3. Ronald Reagan visto pela Europa aquando da sua eleição como quadragésimo Presidente estadunidense 19

4. A visita de Ronald Reagan a Portugal inserida num contexto mais vasto: o périplo de 10 dias pela Europa do Ocidente 22

4.1. Ronald Reagan chega à Europa do Ocidente 22

5. O Portugal político de 1985 – os acontecimentos de política interna e externa 26

5.1. Uma justificação 26

5.2. A conjuntura política portuguesa dos anos 80: uma contextualização 26

5.3. O apogeu de Cavaco Silva e o fim do Bloco Central 27

5.4. A formalização de adesão de Portugal à CEE: opção europeia em detrimento da opção atlântica? 28

5.5 A visita da Rainha Isabel II a Portugal como demonstrativo da consolidação democrática . 29

5.6 A eleição presidencial portuguesa de 1986 30

6. Portugal sob o "olhar" da intelligence estadunidense 30

6.1. A História de Portugal de 1140 ao 25 de abril de 1974 sob o "olhar" da intelligence estadunidense 32

6.2. Legislativas 83: uma análise eleitoral e pós-eleitoral através do "olhar" da intelligence americana 35

6.3. A adesão de Portugal à CEE sob o "olhar" da intelligence americana: a CEE como uma panaceia de oportunidades para Portugal? 35

6.4. O "olhar" da intelligence americana sobre o ano de 1985 sob aos comandos do Governo do "Bloco Central": as pretensões portuguesas aquando da vinda do Presidente Reagan 36

7. Os atores da vida política portuguesa coevos à visita de Ronald Reagan através do "olhar" da intelligence americana e vice-versa: do "hábil teórico" Álvaro Cunhal ao "carismático líder" Lucas Pires…..……..41

7.1. Mário Soares o "amigo especial"……42

7.2. Carlos Alberto Mota Pinto: um moderado, com fraca capacidade de administrar 45

7.3. Francisco Lucas Pires: um jovem carismático, mas demasiado teórico 45

7.4. Álvaro Cunhal: um bom orador e hábil teórico 46

CAPÍTULO II 47

8. Os "passos portugueses" de Ronald Reagan: das ruas estreitas de Sintra ao insólito caso da gaiola na Assembleia da República 47

9. Ronald Reagan em Portugal: o que o trás por cá? 47

10. O plano da visita 48

11. A segurança do Presidente 49

11.1. Detenções, protestos, apelos, manifestações, e ataques bombistas aquando a vinda de Ronald Reagan a Portugal 52

11.1.1. Detenções pré-visita de Estado 52

11.1.2. As manifestações na baixa lisboeta 53

11.1.3. Associação Portuguesa de Ecologistas Amigos da Terra 55

11.1.4. Movimento Democrático das Mulheres (MDM) 55

11.1.5. Movimentos Solidários com Timor-Leste 56

11.1.6. O ataque bombista à Rádio Europa Livre 57

11.1.7. Ações por parte das Forças Populares 25 de Abril (FP-25) 57

11.1.8. Ações por parte de extremistas líbios 58

11.1.9. O comportamento da comunicação social 58

12. A posição dos partidos políticos portugueses relativamente à visita de Ronald Reagan a Portugal 59

12.1. A posição do PS e dos quatro deputados eleitos da UEDS 59

12.2. A posição do PPD/PSD 60

12.3. A posição dos partidos que constituem a Aliança Povo Unido 61

12.4. A posição do CDS 62

13. O discurso de Ronald Reagan Assembleia da República 64

13.1. O caso insólito da gaiola 64

13.2. A dimensão espiritual do homem – as aparições de Maria, mãe de Jesus, aos pastorinhos de Fátima……66

13.2.1. A importância da Religião e da Fé para Ronald Reagan – uma breve contextualização.....68

13.2.2. A amizade entre João Paulo II e Ronald Reagan: unidos na fé e na ideia de colocar o comunismo nas "Cinzas da História" 77

13.2.3. Ronald Reagan, um devoto de Nossa Senhora de Fátima? 82
13.3. O Portugal democrático como exemplo para toda a Aliança Atlântica: a capitalização da visita de Estado, por parte de Mário Soares, para as eleições presidenciais? 87
14. Os "passos portugueses" de Ronald Reagan como os melhores do périplo pela Europa? 91
Conclusão 93
Referências bibliográficas 96

Introdução

A dissertação que ora se apresenta, pretende analisar a visita de Estado do quadragésimo presidente estadunidense Ronald Reagan (1981-1989) a Portugal nos dias 8 a 10 de maio de 1985, onde terminaria um périplo europeu mais alargado, com duração de 10 dias, pela República Federal da Alemanha, Espanha, França e, por fim, ao nosso país. Estamos, portanto, no início do segundo mandato de Reagan como presidente dos Estados Unidos e ainda em pleno ambiente de Guerra Fria. Portugal teria que esperar mais de 20 anos para receber um Presidente dos Estados Unidos da América (doravante EUA) em visita de Estado. A última havia sido realizada pelo presidente Dwight David Eisenhower, trigésimo-quarto presidente estadunidense, num tempo e num regime completamente diferentes daquele que Reagan encontrou aquando da sua visita. Para além de vir retribuir a visita oficial de um Presidente português aos EUA, no caso António Ramalho Eanes, em 1983, Ronald Reagan visitou Lisboa e outras capitais da Europa no intuito de prosseguir a sua "cruzada" contra o comunismo, bem como reforçar a cooperação com aqueles países europeus.

O objetivo central deste trabalho é, em primeiro lugar, traçar os "*passos*" de Ronald Reagan em Portugal. No entanto, para atingir esse propósito, é necessário enquadrar esta visita numa conjuntura mais vasta, analisando em que ponto se encontravam as relações externas entre a Europa do Ocidente e a Administração Reagan-Bush ao tempo daquela visita. Para além disso, devemos entender qual a visão da Europa do Ocidente sobre as políticas externas e sobre a própria personalidade do presidente estadunidense naquilo que, sumariamente, podemos designar como o "*olhar europeu*" sobre Ronald Reagan e a sua Administração. Só assim, munidos de uma contextualização ampla sobre a Guerra Fria e sobre as relações externas entre os EUA e a Europa do Ocidente, será possível entender os contornos da visita de Reagan ao nosso país. Face ao objetivo central apresentado, procurámos estruturar a nossa investigação em duas partes: a primeira delas, dedicada essencialmente à explanação de conceitos operativos, como seja a destrinça entre visitas de Estado, visitas Oficiais e visitas particulares, e toda a contextualização necessária para enquadrar a visita de Estado de Ronald Reagan a Portugal. Aqui, conforme mencionado, procede-se a uma contextualização da Europa do Ocidente e das suas relações bilaterais com os EUA nos anos 80, ainda num ambiente de Guerra Fria. No que respeita a Portugal, para além da devida contextualização política, procurou-se entender qual a visão americana (através da Central Intelligence Agency, doravante CIA) sobre a conjuntura do país e sobre as eleições, os eleitos e os atores políticos coevos à visita, naquilo que, de forma sumária, designámos por Portugal sob o "*olhar"* da *intelligence* americana.

A segunda parte da nossa investigação centrar-se-á diretamente na visita de Estado *tout court*. Aqui, para além de procedermos ao esboço de uma reconstituição da visita, dando conta dos momentos mais importantes, bem como da análise de toda a logística inerente, procederemos ao exame das reações políticas que daí advieram, bem como da opinião pública portuguesa sobre a política, a visita e figura

de Ronald Reagan. Neste ponto em concreto, iremos verificar que existiam vários movimentos pela Paz contra a vinda do presidente americano. Aqui, para além de analisarmos as suas pretensões, iremos perceber que se enquadram num movimento mais vasto, que abrange não só a Europa Ocidental, mas também os próprios EUA.

Um outro tema que se pretende analisar é o de saber em que ponto se encontravam as relações bilaterais entre os EUA e Portugal ao tempo da visita, bem como quais os pontos de concórdia e quais os pontos de possível discórdia entre as suas diplomacias. Aqui, procederemos à análise daquilo que os americanos, através do "*olhar*" da CIA, previam ser as pretensões portuguesas durante a visita de Estado, verificando se as mesmas ocorreram ou não. Além disso, procede-se a uma auscultação das diferentes opiniões da elite política portuguesa – da esquerda à direita – coevas à visita, bem como da perceção que a sociedade civil, muitas das vezes através da unicidade de uma agremiação ou associação, detinha do presidente americano, e das suas políticas, numa altura em que Portugal se preparava para integrar a CEE.

Outra problemática levantada nesta dissertação, incide sobre as mensagens que Reagan transmitiu através dos seus discursos, em especial a quase ausência de passagens sobre o Presidente Ramalho Eanes, em oposição, podemos adiantar, a um elevado número de vezes em que o Primeiro-Ministro Mário Soares foi citado. Em que se traduziu esta ausência de referência ao Presidente da República? Terá havido, por parte de alguma elite política portuguesa, em especial do partido vencedor das eleições legislativas de 1983, a capitalização da visita de Reagan em assuntos de política interna ou até mesmo eleitoral? Não nos podemos olvidar que, aquando da vinda de Reagan, as eleições presidenciais dar-se-iam a menos de um ano. Um outro aspeto a ser investigado sobre os discursos de Reagan em território português, é sobre a importância dada ao Papa João Paulo II e a Nossa Senhora de Fátima, através de um discurso proferido na Assembleia da República, e pouco estudada e escrutinada nos meios académicos portugueses e estrangeiros. A referência ao líder católico e ao fenómeno mariano coloca um conjunto de questões a que procuraremos responder: seria Ronald Reagan um conhecedor do fenómeno de Fátima? E, em caso afirmativo, seria devoto? Como teve conhecimento do acontecimento que ocorreu em 1917, num pequeno lugar situado em Fátima, Portugal? Seria Ronald Reagan um especialista em assuntos da Fé portuguesa ou da sua história? Qual a importância dos assuntos da Fé para Reagan? E porque ousou citar João Paulo II num Parlamento laico, onde a maioria dos deputados era de esquerda, e vários deles favoráveis ao regime da URSS? Procuraremos, através de uma análise à importância da Fé para Reagan, de publicações da imprensa nacional da época, e ainda pela quase inexistente literatura académica sobre a relação entre Reagan e Fátima, responder a estas questões.

Cumpre, assim, apresentar nas linhas seguintes o resultado das nossas investigações, que tiveram como escopo dar resposta ao que nos propusemos nos parágrafos anteriores.

CAPÍTULO I

1. Breve contextualização das relações luso-americanas no Portugal democrático – do momento pós-revolucionário ao ano de 1985

As relações luso-americanas não são recentes. Remontam praticamente ao estabelecimento dos EUA enquanto país[1], ou seja, durante o Século XVIII. Não é nossa pretensão proceder a uma análise exaustiva das relações diplomáticas entre estes dois países desde os seus primórdios até à vinda de Ronald Reagan a Portugal.[2]

Nesse sentido, devemo-nos, pois, debruçar sobre qual o estado das relações luso-americanas desde a revolução de 25 de abril de 1974 – portanto, quando Portugal se transforma numa democracia, até ao ano da visita de Ronald Reagan ao nosso país, em maio de 1985. No entanto, a fim de proceder a uma contextualização correta, devemos recuar um pouco mais no tempo. É entendimento de António José Telo que as relações bilaterais entre Portugal e os EUA se desenvolveram desde a Segunda Guerra Mundial [3], em termos de defesa e segurança. Aliás, este autor defende mesmo que os EUA são, desde 1949, considerados uma referência nessas matérias para Portugal.[4] Este autor refere que foi a influência dos EUA que permitiu a entrada de Portugal na NATO, ser um dos primeiros países a receber ajuda do Plano Marshall e até integrar-se como membro da ONU. António Telo aponta ainda o ano de 1951 como o ano que permitiu a criação de um novo tipo de relação entre estes dois países: o acordo de defesa de Portugal com os EUA que, apesar de inserido na NATO, foi baseado numa relação bilateral (isto é, entre Portugal e os EUA) que garantia a modernização das Forças Armadas portuguesas em troca da cedência das bases dos Açores em tempo de paz e da sua utilização pela NATO em tempos de eventual guerra.[5] Esta relação permitiria às Forças Armadas portuguesas "alcançarem o nível qualitativo das suas congéneres europeias durante os anos cinquenta, um caso raro no período contemporâneo."[6]

---

[1] Para uma análise da Revolução Americana, cf., RODRIGUES, Luís Nuno. "A Revolução Americana (1763-1787)". In *As Revoluções Contemporâneas*. Lisboa. Edições Colibri/IHC da Universidade Nova de Lisboa, 2005, pp. 29-47.

[2] Para uma análise completa sobre as relações bilaterais entre Portugal e os EUA desde o século XVIII, v. MOREIRA DE SÁ, Tiago, *História das Relações Portugal - EUA (1776-2015)*, D. Quixote, Lisboa, 2016; MAGALHÃES, José Calvet de, *História das Relações Diplomáticas entre Portugal e os Estados Unidos da América (1776-1911)*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1991; e ainda MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, *Portugal, Paradoxo Atlântico. Diagnóstico das Relações Americanas*, Fim de Século Edições Lda., 1993.

[3] Segundo Luís Nuno Rodrigues, "a segunda guerra mundial funcionou como um poderoso estímulo para a aproximação política e diplomática entre Portugal e os Estados Unidos." Cf., neste sentido, RODRIGUES, Luís Nuno, *Salazar-Kennedy, a Crise de uma Aliança*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002, p. 15.

[4] Neste sentido, cf., TELO, António José, *História Contemporânea de Portugal - Do 25 de abril à Actualidade*, Volume II, Editorial Presença, Lisboa, 2008, p. 237.

[5] Ibidem.

[6] Ibidem, p. 238.

O ano de 1961 traria uma mudança significativa neste modo de agir: os EUA condenaram as guerras de África e cortaram a ajuda militar como forma de pressão. Portugal não renovaria o acordo de cedência das bases dos Açores com os EUA, mas também não solicitou nem a sua retirada nem estabelece qualquer prazo para uma eventual retirada. Segundo António José Telo, tratou-se de uma "forma hábil de Lisboa de manter uma pressão constante sobre Washington."[7] No fundo, enquanto os EUA mantivessem apenas a política de condenação e não passassem a uma política mais ativa, como seja o apoio direto a movimentos independentistas de África, Portugal continuaria a permitir a permanência estadunidense nos Açores.[8]

Entre 1963 [9] e 1974, as sucessivas Administrações americanas vão sendo mais compreensivas com os esforços militares portugueses, essencialmente por duas razões: em primeiro lugar, pelo envolvimento norte-americano no Vietname e, em segundo lugar, por uma mudança de política no que concerne a África. Desta feita, os EUA começam a ajudar Portugal a vários níveis, a saber: cultural; fornecimento de material militar não ofensivo a ser usado apenas na zona da NATO e, já na fase final do Estado Novo, o desvio de certo equipamento e material para uso em África.[10]

Segundo António José Telo, a grande mudança de paradigma[11] em relação à questão da base das Lajes dá-se com Marcelo Caetano, através da celebração de um novo acordo de cedência das bases assinado em 1971, portanto, já na Administração Nixon-Agnew (1968-1974)[12]. Será a primeira vez que Portugal, desde 1943, aceitaria celebrar um acordo com os EUA em troca de contrapartidas formais, isto é, montantes para ajuda económica e material militar não destinados a África.[13] Em 1973, este novo clima foi realçado através da utilização dos Açores para a ponte aérea de apoio a Israel, que se encontrava a perder a guerra contra os Estados árabes. A renovação do acordo de 1971, em fevereiro de 1974, ocorreria sem problemas.[14]

No entanto, cerca de um mês depois, dar-se-ia em Portugal o 25 de abril[15], que mudaria por completo a política portuguesa, quer a nível interno, quer a nível externo. O fim do regime do Estado Novo e o processo de transição para um Portugal democrático veio determinar forçosamente uma revisão e

---

[7] Ibidem.

[8] Para uma análise aprofundada sobre as relações luso-americanas entre os anos 1961 e 1963, v., RODRIGUES, Luís Nuno, op. cit., e ainda FREIRE ANTUNES, José, *Kennedy e Salazar. O leão e a raposa*, Lisboa, Difusão Cultural, 1991

[9] Para uma análise desenvolvida sobre a Administração Johnson (1963-1968) e a questão colonial portuguesa, cf., RODRIGUES, Luís Nuno, "A Administração Johnson e a Questão Colonial Portuguesa". In Luís Nuno Rodrigues (Ed.), *Regimes e Império: As Relações Luso-Americanas no século XX*. (pp. 89-112). Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, e ainda RODRIGUES, Luís Nuno, "Missão impossível: O Plano Anderson e a questão colonial portuguesa em 1965". In *Relações Internacionais*. Lisboa. N.º 1, 2004, pp. 99-112.

[10] Cf., TELO, op. cit., Vol. II, p. 239.

[11] Cf., no mesmo sentido, MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos; *Portugal, Paradoxo Atlântico. Diagnóstico das Relações Americanas*, Fim de Século Edições, 1993, p.55.

[12] Sobre a Administração Nixon e a sua relação com o Portugal do Estado Novo, v. FREIRE ANTUNES, José, *Nixon e Caetano. Promessas e abandono*, Lisboa, Difusão Cultural, 1992.

[13] Cf., TELO, op. cit., Vol. II, p. 239.

[14] Ibidem.

[15] Sobre a intervenção americana na revolução portuguesa, cf. MOREIRA DE SÁ, Tiago, *Os americanos na Revolução portuguesa (1974-1976)*, Editorial Notícias, Lisboa, 2004.

redefinição profundas no modo de ver a política externa portuguesa, atento o espírito do programa do Movimento das Forças Armadas (doravante MFA) – os três D´s: democratizar, descolonizar, desenvolver.[16] No que ao Eixo Atlântico e aos compromissos com a NATO diz respeito, se alterações houve, foram no sentido de reafirmar o reforço desse vetor da política externa portuguesa e logo no seu início: em junho de 1974, o Ministro do Negócios Estrangeiros (doravante MNE) Mário Soares, reafirmou fidelidade à NATO como um dos princípios fundamentais da orientação da política externa portuguesa em Otava, na conferência ministerial da NATO, e ainda na XXX sessão da Assembleia Geral da ONU, em setembro do mesmo ano.[17]

Álvaro de Vasconcelos desenha um esquema referente para o lapso temporal que vai de 25 de abril de 1974 a 1988. Segundo este autor, este período pode ser dividido em três fases (no que respeita à política de segurança portuguesa): i) a neutralidade atlântica, ii) o atlantismo antitotalitário e iii) multilateralismo euro-atlântico. Julgamos pertinente pela sua importância, desenvolver as ideias subjacentes a esta subdivisão. Segundo aquele autor, a neutralidade atlântica[18] situa-se numa fase muito curta, isto é, aquando da aliança entre o Partido Socialista (doravante PS) e o Partido Comunista Português (PCP). Nesta fase, nenhum dos partidos políticos – nem mesmo o PCP – colocou em causa a participação portuguesa na NATO. O próprio MFA, no seu programa, afirma que "o governo provisório respeitará os compromissos internacionais decorrentes dos tratados em vigor". Era a forma de Portugal tranquilizar, de certa forma, os EUA que, segundo Álvaro de Vasconcelos, não eram tanto vistos como "aliados", mas sim como "uma fonte de potencial ameaça, quer política como até economicamente, que era preciso tranquilizar."[19] A segunda fase da política de segurança portuguesa pós-25 de abril é denominada "Atlantismo Antitotalitário". Aqui, Álvaro de Vasconcelos refere que a modificação da visão dos partidos políticos para com os EUA deve-se, fundamentalmente, a motivos de ordem interna ou nacional.[20] Segundo este autor, "ao breve período da "unidade antifascista" seguiu-se um período mais longo de intensa luta entre partidos democráticos e o PCP. Nesse período de luta aberta, os Estados Unidos encontravam-se do lado certo, e foram um fator importante na vitória das forças democráticas sobre as forças totalitárias. A URSS, por seu turno, apoiou abertamente o PCP; e, se não existia então a clara perceção de uma ameaça externa, criou-se, na opinião pública portuguesa, a partir dessa altura, a convicção de que a URSS era uma ameaça real."[21] Álvaro de Vasconcelos defende que a intervenção soviética e cubana em Angola, em apoio do MPLA, foi confundida com a situação interna portuguesa,

[16] TEIXEIRA, Nuno S., "Portugal e a NATO: 1949-1989". In *Nação e Defesa*. Lisboa, n.º 89 – 2.ª Série, 1999, p. 30.
[17] Ibidem, p. 31.
[18] Nuno Severiano Teixeira, sobre este lapso temporal, refere-se a "neutralismo vagamente terceiro-mundista". Cf., TEIXEIRA, Nuno S., op. cit. 31.
[19] Cf., neste sentido, MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, op. cit. p.67.
[20] Ibidem.
[21] Ibidem

o que resultou num reforço das posições pró-atlânticas e favoráveis a uma aliança anti-soviética com os EUA na opinião pública. Exemplo de um marcado "Atlantismo Antitotalitário", segundo o autor, é o Governo da Aliança Democrática (coligação do Partido Social Democrata (PSD), Partido Centro Democrático e Social (CDS) e Partido Popular Monárquico (PPM)) que, em 1979, "tomou medidas retaliatórias de natureza económica e cultural contra a URSS, inscrevendo no seu programa, como destacada prioridade de política externa, a luta contra o "expansionismo político e militar da União Soviética."[22] Esta fase de Álvaro de Magalhães parece ir ao encontro da fase que António José Telo define como "o segundo reencontro". Segundo este último autor, o 25 de novembro de 1975 iria permitir uma reavaliação das relações portuguesas com os EUA e com a NATO. António Telo classifica esta fase como o "segundo reencontro"[23], uma fase que permitiu Portugal voltar à lógica de inserção na defesa ocidental. Portugal volta assim a uma integração plena com a NATO, o que resultou também no estreitamento de laços com os EUA.[24] No entanto, nenhum acordo foi celebrado. Tal como Kennedy – Salazar, abriu-se a porta a um novo "acordo de cavalheiros" entre os dois países: enquanto os EUA não promovessem a independência insular, a sua presença nos Açores não iria sofrer qualquer contestação.[25] [26] Relativamente às negociações sobre a renovação do acordo dos Açores, pese embora tendo começado em 1974, o mesmo continuava na lógica do já referido "acordo de cavalheiros". Tal não impediu, no entanto, a presença americana nas Lajes e o lançamento de programas de modernização.

No ano de 1981[27], o MNE André Gonçalves Pereira, assina um acordo sobre a ampliação das instalações das Lajes. Nesta altura, os EUA estão preocupados com o reforço do flanco sul da NATO (onde se insere a força portuguesa) para além do agravamento da situação do Médio Oriente, da queda

[22] Ibidem.
[23] O primeiro tinha-se dado com a entrada de Portugal na NATO.
[24] Cf., neste sentido, TELO, António José, op. cit. Vol. II, p. 240.
[25] Ibidem.
[26] Álvaro de Magalhães refere que o separatismo insular foi tendência que por vezes se manifestou nos Açores como também na comunidade açoriana emigrada nos EUA. Segundo este autor, não é que as tendências separatistas tivessem, de facto, uma importância significativa política nas ilhas. No entanto, em 1974/1975, "o separatismo foi de facto usado por sectores americanos e até franceses como factor de pressão de possível alternativa, caso os presságios pessimistas de Kissinger se concretizassem. Este autor, refere que, em certo momento, existiam pessoas bem posicionadas na Administração americana a apoiarem abertamente a Frente de Libertação dos Açores (FLA) em 1974/1975, o que resultou em suspeitas por parte dos portugueses relativamente aos americanos, em especial no exército, que se viu forçado a considerar o seu aliado como uma ameaça. No entanto, com a derrota do PCP, a consagração da autonomia regional na Constituição de 1976, bem como o PSD aos comandos do Governo Regional, resultou no desvanecimento da ideia de separatismo. Neste sentido, cf., MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, op. cit. p. 75.
[27] Refira-se ainda que, um ano antes, em fevereiro de 1980, neste excecional clima de aproximação ideológica entre EUA e Portugal, que coincidiu com o fim de mandato de James Carter, o secretário de Estado Cyrys Vance dirigiu uma missiva ao MNE Diogo Freitas do Amaral, solicitando o pedido de alargamento das facilidades concedidas ao território continental português. Ademais, exprimia-se "o desejo de que essas facilidades pudessem ser utilizadas duma forma permanente e não só no quadro NATO, mas também pelas forças de intervenção rápida, tendo mesmo sido feito um levantamento dos pontos de apoio viáveis em território português. Cf., MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, op. cit. p.68.

do Xá no Irão e ainda a invasão soviética do Afeganistão[28], e é mesmo discutida a utilização de Beja por unidades permanentes americanas.[29]

Em 1983, inicia-se uma nova fase das negociações sobre a base das Lajes. Em setembro de 1983, Ramalho Eanes visita os EUA, aproveitando esta ocasião para resolver problemas pendentes referentes ao novo acordo, que é assinado por troca de notas. Mais uma vez, a lógica de "acordo de cavalheiros" é trocada pela lógica de Marcelo Caetano: Portugal pede contrapartidas diretas aos americanos, que se traduzem em termos não apenas militares, mas também culturais, sociais e económicos.[30] Nuno Severino Teixeira refere que este novo acordo resultou, a nível militar, numa dádiva no valor de 517,5 milhões de dólares e um crédito de 412,5 milhões de dólares por oito anos. Nos planos culturais, sociais e económicos este novo acordo resultou num crédito de 75 milhões de dólares e uma dádiva no valor de 320 milhões de dólares.[31] O único contratempo em relação ao período anterior é que, segundo António José Telo "o período de ouro das disponibilidades americanas neste campo tinha passado e agora não se consegue que os EUA assumam um compromisso fixo em termos financeiros. A administração americana promete que desenvolver os "*seus melhores esforços*" para que determinados alvos sejam alcançados, mas sem garantia formal da sua concretização, sempre dependente da concordância do Congresso."[32]

Veremos em ponto subsequente se essa argumentação foi ou não utilizada pelos americanos aquando da visita de Reagan a Portugal. Na sua Administração, surgem novas preocupações no campo da defesa, em especial com a criação do programa "Guerra das Estrelas", que inclui o pedido para instalar uma das cinco estações de rastreio de satélites no Alentejo (Almodôvar). O acordo seria concluído em 1988[33], mas nunca concretizado, devido à desativação do programa pela Administração Bush-Quayle (1989-1993).[34]

Cumpre, enfim, verificar em que estado ficou a relação bilateral entre Portugal e os EUA com a entrada do nosso país na CEE (com adesão oficial a 1 de janeiro de 1986) e que, como veremos mais adiante nesta dissertação, foi alvo de análise escrita pela *intelligence* estadunidense. Álvaro denomina esta faz das relações luso-americanas de "Atlantismo multilateral". A adesão de Portugal à então CEE foi vista, primeiramente, como uma opção de fundo indispensável à própria sobrevivência da democracia, e não apenas como um ato de "pragmatismo económico".[35] Segundo Álvaro de Vasconcelos, a entrada na CEE promoveu uma série de modificações - defendidas tanto pelo PS como

[28] Cf., neste sentido TEIXEIRA, Nuno S., op. cit. p. 32.
[29] Cf., neste sentido, TELO, António José, op. cit., Vol. II, p.241.
[30] Ibidem.
[31] Cf., neste sentido TEIXEIRA, Nuno S., op. cit. p. 32.
[32] Cf., neste sentido, TELO, António José, op. cit. Vol. II, p. 241.
[33] No sentido de que a criação da Fundação Luso-Americana foi uma contrapartida para a instalação desta estação de militar de rastreio, cf., publicação do *Diário* de 8 de maio de 1985.
[34] Cf., neste sentido, TELO, António José, op. cit., p.241.
[35] Cf., neste sentido, MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, op. cit., p.69.

pelo PSD - visando dar um conteúdo menos ideológico às relações externas para com os países (donde, obviamente, se incluem os EUA) e seguir uma linha de rumo e atitude mais europeias, isto é uma linha "dita pragmática ou realista, mais focada na prioridade do desenvolvimento do que na defesa de uma política de valores antitotalitária."[36] Com a integração europeia, Portugal abre a "porta" a um multilateralismo ao nível da segurança (euro-atlântico), "(…) afirmando-se a vontade de compensar a dependência estratégica dos Estados Unidos com a integração europeia. A aceleração da construção europeia (…), e o crescente ascendente da Europa nas negociações internacionais levaram a que o peso relativo de cada um dos vectores do euro-atlantismo (…), que durante bastante tempo variou um pouco ao sabor da conjuntura, pendesse mais fortemente para o lado europeu. O atlantismo assume também contornos mais largos, sem que se esgote, pois, na relação com os Estados Unidos, antes signifique de uma forma crescente a procura de uma relação privilegiada com os países africanos de língua portuguesa (…)."[37]

Que conclusões podemos tirar desta breve contextualização das relações luso-americanas? Em primeiro lugar, é percetível que, durante um longo período, as relações entre estes dois países se restringiram a questões de defesa e segurança, onde a base das Lajes foi sempre a questão central. Apenas com a revolução de 25 de abril de 1974 é que Portugal ampliou os campos das suas relações com os EUA, ultrapassando as questões de estratégia militar. Um exemplo desse alargamento foi, no âmbito do acordo das Lajes de 1983, a criação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), que "tem desempenhado um papel nos equilíbrios internos nacionais e no fomento da investigação."[38] Em uma publicação do *Jornal de Notícias* de 8 de maio de 1985, com o título "Criação da Fundação Luso-Americana – A nova aposta nas Relações Bilaterais", destaca-se que o maior progresso alcançado com a celebração do acordo das Lajes de 1983 foi, precisamente, a criação da referida Fundação.[39] A publicação menciona ainda que Jaime Gama, que em 1983 ocupava o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros, se referiu à FLAD como uma "segunda Gulbenkian", sublinhando que é "(…) uma instituição cuja actividade poderá vir a revestir-se de uma importância para o desenvolvimento económico, cultural, científico e pedagógico do nosso país." Além disso, segundo a publicação, Jaime Gama considerou que a FLAD reforçaria os laços históricos entre os países, uma vez que se trata de "um instrumento privilegiado para activar o intercâmbio de Portugal com os Estados Unidos no plano das consequências mais modernizadas que tal relação possa ter para a economia e a sociedade portuguesas. (…) À proximidade geoestratégica entre Portugal e os Estados Unidos (…) deverá corresponder uma proximidade humana entre agentes económicos, sociais e culturais, sem a qual a diplomacia oficial seria um aparato desprovido de conteúdo concreto. A Fundação Luso-Americana vem precisamente abrir um novo caminho nessa direcção. (…)". [40]

[36] Ibidem.
[37] Ibidem.
[38] Cf., neste sentido, TELO, António José, op. cit. Vol. II, p.241.
[39] Cf. publicação do *Jornal de Notícias* de 8 de maio de 1985.
[40] Ibidem.

Atenta a contextualização acima realizada, é possível concluir que Portugal, após a Revolução de 25 de abril de 1974, e durante os anos Reagan (1981-1989), mantinha uma relação especial com o Estados Unidos, caracterizada por uma relação de "privilégio" e "distinção" em relação a outros países europeus? Quanto a nós, sustentados na literatura estudada para a presente dissertação, a resposta a esta questão só poderá ser negativa. Não existe, na verdade, nenhum elemento que nos permita concluir que, durante aqueles anos, havia uma relação diferenciadora, de forma positiva, por parte dos EUA para com Portugal. Segundo Álvaro de Vasconcelos, cuja tese subscrevemos na íntegra, e que, sumariamente, se poderá intitular como a tese da "dupla ilusão", parece existir, em Portugal "(…) uma generalizada convicção, mais arreigada nalguns círculos políticos, diplomáticos e militares, de que existe uma relação especial entre Portugal e os Estados Unidos. (…) Nos Estados Unidos, (…), há, por sua vez, a convicção de que Portugal é um fiel aliado, ao qual não é preciso prestar especial atenção, pois sempre corresponderá de forma positiva, por fraqueza ou por convicção, às solicitações da grande potência ocidental"[41]. Álvaro de Vasconcelos refere que este sentimento, provindo de ambos os lados, padece de certa ilusão, pois, na verdade, nem Portugal tem uma relação especial com os EUA, nem é um apoio dado como certo dos EUA.[42] Uma das justificações para esta "ilusão" pode advir do "(…) carácter verdadeiramente excepcional das relações entre os dois países (..) logo nos anos após a crise de 1974/75. As relações luso-americanas foram tão intensas e tão acentuadamente políticas na segunda metade dos anos setenta e princípios da década seguinte que é realmente tentador aceitar que a apregoada natureza dessa relação decorre naturalmente da posição geográfica de Portugal e da tradição histórica dos dois países. No entanto, ao olharmos mais atentamente, verifica-se que este breve período constitui uma exceção no curso normal das relações entre os dois países, e os fatores internos e internacionais que para ele contribuíram se atenuaram e tendem a desaparecer."[43] Para corroborar esta tese, Álvaro de Vasconcelos refere que, de um ponto de vista político, científico, técnico e comercial[44], as relações Portugal e os EUA nunca atingiram níveis significativos, especialmente quando comparados com outros parceiros europeus.[45] Assim, salvo melhor opinião, acreditamos que esta é a tese que melhor ilustra a relação entre os EUA e Portugal nós pós 25 de abril de 1974 até, pelo menos, ao fim da Guerra Fria, em 1989.

[41] Cf., neste sentido, MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, op. cit. p.59.
[42] Ibidem.
[43]Cf., neste sentido, MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, op. cit. p.60.
[44] Para um maior desenvolvimento no que respeita às relações EUA/Portugal ao nível económico, cf., MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, op. cit. pp. 99 – 194.
[45] Em comparação com Espanha, Álvaro de Vasconcelos entende mesmo que "não se pode fazer aos Estados Unidos a injustiça de afirmar que privilegiaram Portugal em detrimento de Espanha, isto do ponto de vista estratégico. (…)." Cf., neste sentido, MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos, op. cit. p.77.

Realizada esta breve contextualização entre as relações bilaterais entre Portugal e os EUA, cumpre agora dar nota das viagens realizadas pelos presidentes americanos a Portugal e *vice-versa.*

2. Breve resenha de viagens de Estado, Oficiais e Particulares de presidentes estadunidenses a Portugal e *vice-versa* [46]

Ronald Reagan viria a Portugal retribuir a visita de Ramalho Eanes aos EUA em setembro de 1983. Esta foi a primeira visita de Estado de um presidente estadunidense a Portugal desde o tempo do Estado Novo, realizada pelo então 34.º presidente estadunidense, General Dwight David Eisenhower (conhecido por Ike[47]), em 1960 [48]. Feitas as contas, Portugal teria de esperar cerca de 25 anos para um presidente norte-americano pisar Portugal continental. Depois de Eisenhower, Lyndon Baines Johnson (também tratado por LBJ) [49], Richard Nixon e James (Jimmy) Carter, respetivamente, estiverem em Portugal. Richard Nixon, eleito 37.º Presidente dos EUA em 1968, visitaria Portugal, mais concretamente a Região Autónoma dos Açores, por duas vezes: a primeira, ainda durante o Estado Novo, em 1971, por ocasião do encontro com o Presidente francês Georges Pompidou e, três anos mais tarde, em 1974, já numa democracia *embrionária* onde se encontrou, a 16 de junho, com o General António de Spínola.

Nos EUA, após a derrota de Gerald Ford[50], Jimmy Carter, do Partido Democrata, venceu a eleição presidencial em 1976. Visitou Lisboa, durante algumas horas, no dia 26 de junho de 1980, antes de

[46] Devemos referir que, sem prejuízo de outras fontes utilizadas e devidamente referenciadas, tomámos no presente capítulo por referência "base" as informações disponibilizadas no sítio eletrónico do Portal Diplomático, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em especial a secção dedicada às relações bilaterais entre os Estados Unidos da América e Portugal, subsecção "visitas de Estado e oficiais", disponível para consulta em https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises-geral/estados-unidos-da-america [Consulado a 1 de agosto de 2024].

[47] Diminutivo pelo qual ficaria ainda mais conhecido devido ao sucesso do jingle político "I Like Ike" de 1952.

[48] Para mais desenvolvimentos sobre a visita do Presidente Eisenhower ao nosso país, cf., RODRIGUES, Luís Nuno. "Dwight Eisenhower Visita Portugal". In *Anos de Salazar*, 40-49. Lisboa, Planeta Agostini, 2008.

[49] Apesar de Lyndon Baines Johnson ter estado em Portugal, tratou-se apenas de uma escala no Açores. Portanto, pese embora possamos considerar que o 36.º Presidente dos EUA esteve em Portugal, tal estadia não tem qualquer caráter oficial. Aliás, efetuada uma consulta ao sítio institucional do Portal Diplomático Português, na secção dedicada às relações bilaterais entre os Estados Unidos da América e Portugal, subsecção "visitas de Estado e oficiais", não existe qualquer apontamento sobre esta curta estadia. Podemos, no entanto, verificar a referência àquela curta escala no Açores no diário do Presidente norte-americano. V., neste sentido, President's Daily Diary, December 23, 1967, disponível no sítio eletrónico LBJ Library, em http://www.lbjlibrary.net/assets/lbj_tools/daily_diary/pdf/1967/19671223.pdf. [Consultado a 15 de março de 2024]. V., também, documento audiovisual disponível no sítio eletrónico dos arquivos da RTP (Rádio Televisão Portuguesa), com o título "Viagens do Presidentes dos EUA a Portugal", datado de 30/05/2000, onde se procede a uma retrospetiva das anteriores visitas presidenciais americanas a Portugal, a propósito da visita de Bill Clinton, 42.º Presidente dos EUA, em https://arquivos.rtp.pt/conteudos/visitas-de-presidentes-dos-eua-a-portugal/ [Consultado a 15 de março de 2024].

[50] Que, note-se, ocuparia o lugar de Presidente dos Estados Unidos da América aquando da resignação de Richard Nixon, após o escândalo de Watergate, em 1974.

seguir para Madrid, num périplo mais alargado às capitais europeias com vista à obtenção de ajuda contra a expansão soviética no Afeganistão[51] e ainda para participar na cimeira económica de Veneza.[52] Esta passagem por Portugal, segundo o Embaixador João Hall Themido "(…) obedeceu ao propósito de exprimir apreço pelo apoio de Sá Carneiro e Freitas do Amaral nas crises enfrentadas pelos Estados Unidos nas suas relações com o Irão e com a União Soviética. Mas, embora já distante, a Revolução de 25 de abril de 1974 foi a verdadeira explicação da visita, correspondendo à ideia de apoiar as forças democráticas do nosso país."[53] Ainda em 1980, Carter seria derrotado pelo ex-actor de Hollywood, ex-Presidente de Sindicato e ex-Governador da Califórnia Ronald Reagan, que cumpriria dois mandatos com o *ticket* Reagan-Bush entre 1981 e 1989. Chegaria a vez de Ronald Reagan, já no seu segundo mandato [54], mais precisamente em maio de 1985, visitar Portugal.

Face ao exposto, podemos concluir que, com exceção de Gerald Ford, todos os presidentes dos EUA, desde 1963 (data de falecimento de John F. Kennedy e tomada de posse de LJB) até 1985, estiverem em território português. No entanto, cumpre realçar o facto de que nem todos foram recebidos com a mesma pompa e circunstância que reveste uma visita de Estado: nesse sentido, as visitas de Eisenhower e de Reagan foram aquelas que tiveram uma maior organização do ponto de vista protocolar. Sobre este aspeto, dedicaremos a nossa atenção em ponto ulterior.

No que concerne a visitas de Chefes de Estado e de Governo portugueses aos EUA, o primeiro Chefe de Governo a pisar solo estadunidense foi Marcelo Caetano, entre 31 de março e 1 de abril de 1969. Após a revolução de 25 de abril de 1974, logo em outubro desse ano, mais precisamente entre os dias 17 e 18, Francisco Costa Gomes desloca-se aos EUA, onde discursa na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e é recebido pelo Presidente Gerald Ford. Segue-se Mário Soares, que visitou o país a 21 de abril de 1977, numa visita privada. Volvido um ano, em 1978, Ramalho Eanes visita os EUA e marca presença na conferência da NATO que decorreu entre 30 e 31 de maio. Já na Administração Reagan-Bush, em 1982, mais exatamente entre 14 e 16 de dezembro, Francisco Pinto Balsemão viaja aos EUA, numa visita oficial. Em 1983, os EUA voltariam a receber Mário Soares, agora como líder da oposição portuguesa e Vice-Presidente da Internacional Socialista.

---

[51] Cf., neste sentido, documento audiovisual disponível no sítio eletrónico dos arquivos da RTP (Rádio Televisão Portuguesa), com o título "Viagens do Presidentes dos EUA a Portugal", datado de 30/05/2000, onde se procede a uma retrospetiva das anteriores visitas presidenciais americanas a Portugal, a propósito da visita de Bill Clinton, 42.º Presidente dos EUA, em https://arquivos.rtp.pt/conteudos/visitas-de-presidentes-dos-eua-a-portugal/ [Consultado a 15 de março de 2024].

[52] Cf., THEMIDO, João Hall, Dez anos em Washington. 1971- 1981, Dom Quixote, 1995, Lisboa, p. 287.

[53] Ibidem, p. 288.

[54] A eleição presidencial americana ocorreu em 6 de novembro 1984 onde Walter Mondale, candidato pelo Partido Democrata e Vice-Presidente de Jimmy Carter (1974-1980), perdera para Ronald Reagan em 49 dos 50 Estados. De notar que foi a segunda vez que tal sucedeu na história das eleições presidenciais norte-americanas, tendo Richard Nixon sido o primeiro, em 1972, a obter tal feito. Pela sua importância, cumpre ainda referir que fora também pela primeira vez na história das eleições presidenciais estadunidenses que uma mulher se candidatou a Vice-Presidente do Estado Unidos. Escrevemos sobre Geraldine Ferraro, do Partido Democrata, e que integrou o *ticket* Mondale – Ferraro.

No mesmo ano, Ramalho Eanes, que já se encontrava no seu segundo mandato presidencial, voltaria a visitar os EUA mas, desta vez, com caráter de visita de Estado, mais precisamente entre 14 e 17 de setembro, tendo partido de solo estadunidense apenas a 20 de setembro, uma vez que, após a referida visita de Estado, visitou a cidade de Nova Iorque. Nesta visita de Estado, no seu livro de memórias, Selwa Roosevelt, Chefe de Protocolo da Casa Branca durante os anos Reagan, relata, nas suas memórias, um episódio caricato aquando do jantar de receção aos Eanes na Casa Branca. [55] [56] Por fim, e tendo como limite temporal o ano de 1985, Mário Soares voltaria aos EUA em 1984 para uma visita oficial, entre 13 e 16 de março. Aproveitou ainda para realizar uma visita particular a Nova Iorque. Nesta visita oficial, Mário Soares foi recebido também por George Schultz, onde "discutiu a criação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), como contrapartida pela utilização norte-americana da base aérea das Lajes, na ilha Terceira."[57]

Ao longo desta breve contextualização, foi possível verificar que se fez referência a três tipos de viagens distintas: vista de Estado, visita Oficial e visita particular. De notar que, ao longo de toda a investigação para esta dissertação, notámos, em especial nas fontes provenientes da imprensa portuguesa, que os termos visita de Estado e visita Oficial são, muitas das vezes, tratadas indistintamente, levando os mais incautos a concluir de que se trata exatamente do mesmo, quando, em bom rigor, não o é.[58] Assim sendo, nos parágrafos que se seguem, procederemos, sem pretensões de exaustividade, à destrinça entre aqueles tipos de viagem, afim de evitar erros técnicos. Julgamos que a melhor forma de fazer a distinção entre uma visita de Estado e uma visita Oficial é através da figura de Estado que se desloca ao país visitado. Por outras palavras, se se tratar da visita de um Chefe de Estado, a convite de outro Chefe de Estado, estaremos perante uma visita de Estado. Se, pelo contrário, a visita for realizada por um Chefe de Governo, estaremos perante a realização de uma visita oficial. Uma outra caraterística que diferencia uma visita de Estado de uma visita de Oficial, pelo menos no que ao caso português diz respeito, tem de ver justamente com todo o protocolo envolvido. Nas visitas de Estado existe uma comitiva ou delegação oficial convidada e um programa protocolar rígido, que envolve cerimónias civis e militares, e um programa social. Nas visitas oficiais, não existe a participação do Protocolo de Estado; não há acompanhamento de comitiva oficial, nem o seu programa é sujeito a aprovação dos Ministérios de Negócios Estrangeiros dos países visitados. Também a regra da

[55] Cf., para um maior desenvolvimento, ROOSEVELT, Selwa, *A Anfitriã. Memórias de uma Chefe de Protocolo da Casa Branca*, Edições ASA, 1990, p. 196 e ss.

[56] O embaixador Hall Themido, na obra já citada, refere que as visitas de Estado de Presidentes portugueses ao EUA "(…) se limitaram a proporcionar encontros de trabalho na Casa Branca, onde nenhum foi obsequiado com uma refeição." (cf. p. 289). No entanto, e salvo o devido respeito, parece-nos que esta afirmação é incorreta, atentas investigações desenvolvidas a este respeito. O testemunho de Selwa Roosevelt é demonstrativo da existência de "uma refeição." Se mais dúvidas a este respeito houvessem, cf., no sentido de as refutar, por exemplo o documento audiovisual da Reagan Library com o título "Toasts at State Dinner for President Eanes of Portugal on September 15, 1983", disponível em https://www.youtube.com/watch?v=N_7of8Jqj5I. [Consultado a 6 de junho de 2024].

[57] Cf., VIEIRA, Joaquim, *Mário Soares. Uma Vida*., Reverso, Lisboa, 2022, p. 682.

[58] Com a mesma constatação, v. PANIZO, Alonzo, "Las visitas de Estado en el mundo". In *Estudios Institucionales*. Madrid. Vol. II, n.º 3, 2015, pp. 157-187.

"precedência" é um elemento de destrinça entre estes dois tipos de visita: no caso das visitas de Estado, um Chefe de Estado não visita oficialmente um país pela segunda vez, se a primeira visita não tiver sido retribuída. A reciprocidade não se refere à figura do Presidente, mas sim ao país, o que significa que um Presidente pode retribuir uma visita feita a um seu antecessor.[59]

No que respeita ao caso português, as cerimónias integrantes do programa da viagem são, regra geral, as seguintes: i) prestação de honras militares frente ao Mosteiro dos Jerónimos ou Pátio dos Bicos, no Palácio de Belém; ii) acolhimento, à chegada, por um membro do Governo; iii) colocação de uma coroa de flores no túmulo de Camões, no Mosteiro dos Jerónimos; iv) encontro dos dois Chefes de Estado e declaração à imprensa no Palácio de Belém (visitas de Estado); v) almoço no Palácio de Belém; vi) banquete no Palácio da Ajuda; vii) deslocação à Assembleia da República e encontro com o Presidente e Deputados; viii) deslocação e receção na Câmara Municipal de Lisboa pelo seu Presidente e Vereação (eventual entrega das chaves da cidade, apenas nas visitas de Estado); ix) encontro do Chefe de Estado com o Primeiro-Ministro e almoço em São Bento; x) programa separado para o cônjuge do Chefe de Estado visitante; xi) troca de condecorações (apenas nas visitas de Estado).[60]

3. As relações EUA-Europa Ocidental durante a Administração Reagan-Bush (1981-1989)

3.1 Introdução

Antes de nos inteirarmos da visita do Presidente dos EUA a território português, julgamos conveniente verificar qual a política externa colocada em prática pela sua Administração em relação à Europa do Ocidente, ainda em contexto de plena Guerra Fria. Pretende-se, neste capítulo, elaborar uma resenha geral sobre de que modo *conviviam* e se *viam* a Europa do Ocidente e a América de Reagan-Bush para, posteriormente, nos debruçarmos sobre o caso português. É, portanto, neste capítulo, que desenvolveremos quais as questões de "divergência" e "convergência" entre os EUA e a Europa do Ocidente ao tempo da Administração de Reagan-Bush (1981-1989).

De referir que este capítulo tem um duplo objetivo: se por um lado pretende, como afirmado, dar uma visão geral das relações entre EUA e Europa do Ocidente em contexto de Guerra Fria ao tempo da visita de Reagan a Portugal, por outro, pretende aferir o *modo* como o Presidente estadunidense era *visto* pelo "povo europeu". Tal ser-nos-á útil, uma vez que, através deste estudo, será possível verificar se existe ou não um modo europeu comum de *olhar* e caraterizar a política externa de Reagan-Bush. No entanto, deve advertir-se para o facto de não nos parecer correta a hipótese de se estabelecer uma caraterização europeia *homogénea* sobre a forma como era caracterizado Reagan e avaliadas as suas

[59] Cf., neste sentido, SERRANO, Estrela, *As Presidências Abertas de Mário Soares. As Estratégias e o Aparelho de Comunicação do Presidente da República*, Edições Minerva, Coimbra, 2002, p. 75, nota de rodapé 33.
[60] Cf., SERRANO, José de Bouza, *O Livro do Protocolo*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2011, pp. 76-77.

políticas. Em boa verdade, cada país tinha a sua agenda interna própria, os seus interesses. Ademais, não nos parece correto concluir que algumas elites políticas europeias eram favoráveis ou não às políticas de Reagan através de jargões como "esquerda" e "direita" ou outros termos em que se possam, eventualmente, proceder a comparações. Prevalece, assim, uma certa *heterogeneidade* de pensamento – aquilo que poderemos simplesmente designar como tese das *opiniões difusas*. Esta linha de pensamento é defendida por William Gleen Gray, Professor Associado de História na Purdue University Northwest, no Indiana, e que consideramos ser a mais correta. Este autor sustenta que é difícil fazer uma generalização sobre a opinião da população europeia[61] e das suas elites políticas. Dando como exemplo o Presidente francês Mitterand, que "(…) embora fosse socialista por filiação e governasse em coligação com o Partido Comunista de França, (…) estava descontente com a acumulação convencional e nucleal soviética em curso na Europa; por isso, apoiava as políticas da NATO concebidas para contrariar esta ameaça acrescida (…)", para além de ver os EUA como "um baluarte antissoviético essencial na Europa Central",[62] este autor demonstra a dificuldade que parece existir na concretização de uma tese que permita afirmar, com clareza, que certa europa era contra Reagan e a restante não. Aliás, como veremos no decorrer do presente capítulo, se é verdade que Mitterrand via os EUA como "um baluarte antissoviético essencial na Europa Central", tal não significou que fosse, a todo o tempo, defensor acérrimo das políticas do Presidente norte-americano. Na questão do programa "Guerra das Estrelas", por exemplo, Mitterand rejeitava-o de forma liminar.

Em suma, não nos parece incorreto concluir que tentar esquematizar uma Europa "pró" ou "contra" Reagan durante os anos 80, como se de dois polos, tais como os do mundo bipolar se tratasse, será uma hipótese muito genérica, que sempre sofrerá de certa incompletude e que nunca conseguirá agregar todos os pontos de vista europeus sobre Reagan, pelo simples facto de os mesmos serem difusos e mudarem consoante as situações. Podemos, no entanto, através desta difusão, verificar quais eram os grandes pontos de "convergência" e "divergência" entre a Europa do Ocidente e os EUA de Reagan-Bush. Analisaremos, de seguida, esta questão.

3.2 Convergências e divergências entre a Europa Ocidente e a Administração Reagan-Bush: Ocidente *versus* Ocidente?

Quais eram os pontos de "convergência" e de "divergência" entre a Europa do Ocidente e os EUA, aquando da chegada de Ronald Reagan à presidência americana? Segundo Piers N. Ludlow, Professor e Diretor do Departamento de História Internacional da London School of Economics and Political Science, a grande diferença entre a Europa do Ocidente e os EUA era a questão da decisão de *como* dar

[61] Existem, no entanto, autores que procuraram estabelecer, através de sondagens, uma linha *homogénea* da perceção pública europeia sobre Ronald Reagan. Neste sentido, cf. a obra US-West European Relations during the Reagan Years: The Perspective of West European Publics dos autores Steven K. Smith e Douglas A. Wertman.
[62] Cf., GRAY, William Glenn, "Reagan and Western Europe". In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons Lda., 2015, p. 396.

resposta às práticas e políticas do oponente, isto é, a União Soviética.[63] Assim, ao longo da Administração Reagan-Bush, muitos foram os pontos de tensão entre os EUA e a Europa Ocidental. A primeira delas teve que ver com as novas táticas no "campo de batalha" colocadas em prática por Reagan.[64] Um outro aspeto tem que ver com a "divergência" entre os Aliados da NATO sobre de que forma se deveria responder à imposição da Lei Marcial na Polónia em 1981, 1982. Aqui, pese embora a URSS se tivesse abstido claramente de uma intervenção militar externa, certo é que o Presidente estadunidense a considerou responsável, desencadeando uma série de sanções económicas sem precedentes. Por outro lado, os líderes da Europa Central não viam motivos para intensificar ainda mais a Guerra Fria.[65]

Ainda relativamente à questão polaca, um outro ponto que contribuiu para a tensão das relações transatlânticas foi o "conflito" da Solidariedade, isto é, à sua "supressão" na Polónia. Relativamente a esta questão, durante o ano de 1982, Ronald Reagan tentou aplicar as suas sanções "antissoviéticas" da forma mais rigorosa possível, proibindo que qualquer tecnologia industrial sofisticada desenvolvida por empresas americanas chegasse a mãos soviéticas.[66] Esta forma de abordar a questão em termos tão rigorosos poderia resultar na diminuição da capacidade da Europa em fazer negócios com a URSS, bem como a capacidade das empresas americanas fazerem negócios com a própria Europa.[67] Este era o grande objetivo de Reagan: a Administração não queria que as empresas ocidentais ajudassem na construção de um gasoduto de gás natural da URSS para a Europa Central. Sobre esta questão, mais uma vez os EUA e a Europa do Ocidente estariam de "costas voltadas": se, por um lado, para os líderes políticos e empresariais europeus, os EUA estavam a tentar impedir unilateralmente um esforço legítimo por parte da Europa para diversificar o seu abastecimento de energia carbónica, por outro, os EUA entediam que não faria qualquer sentido os europeus intensificarem a sua relação energética com a URSS para, depois, ficarem dependentes dela.[68]

O programa americano "Strategic Defense Initiative" (em português, Iniciativa Estratégica de Defesa - IED), também conhecido como programa "Guerra das Estrelas", ou "Star Wars", foi outro ponto de fratura nas relações Europa do Ocidente-EUA. Refere Gray que os Aliados europeus foram apanhados de surpresa na decisão do afastamento do Tratado de Mísseis Antibalísticos de 1972, que

[63] Cf., neste sentido, LUDLOW, N. Piers, "The Unnoticed Apogee of Atlanticism? U.S.–Western European Relations during the Early Reagan Era?". In *European Integration and the Atlantic Community in the 1980s: new barriers, new openings*. Cambridge University Press, Cambridge, Reino Unido, 2013. Para a presente dissertação, tivemos por base o documento disponível online, com mesmo título, disponibilizado pela London School of Economics Research Online, através do link https://eprints.lse.ac.uk/46740/1/The%20unnoticed%20apogee%20of%20Atlanticism%28lsero%29.pdf. Neste sentido, as páginas citadas referem-se a ao documento disponível online. Cf., relativamente à questão de *como* responder dar resposta às práticas e políticas da URSS, p. 5.
[64] Cf., neste sentido, GRAY, William Glenn, op. cit, p. 396.
[65] Ibidem, p. 396
[66] Ibidem, p. 397.
[67] Ibidem.
[68] Ibidem.

assegurava que os EUA e a URSS permaneceriam mutuamente vulneráveis. Gray, citando Kori Schake, afirma que a questão da militarização do espaço e o discurso de Reagan sobre a "Guerra das Estrelas" foi a "gota de água" para muitos líderes europeus. Segundo Schake, os líderes europeus "consideravam os EUA imprudentes e o SDI confirmou os seus piores receios".[69] Aqui, mais uma vez, é especialmente importante relembrar o que se escreveu acima, isto, é, a ideia de uma certa *heterogeneidade* de pensamento na Europa ou de *opiniões difusas*. Se, por um lado, temos a Primeira-Ministra britânica, Margaret Thatcher, "moderadamente recetiva" ao SDI, e a Alemanha de Helmut Khol a não querer ficar para trás no que diz respeito à investigação de alta tecnologia, por outro lado, temos a França de Mitterand a dar um sinal de rejeição imediata e absoluta da "Guerra das Estrelas".[70] No que ao caso português diz respeito, Mário Soares, em entrevista concedida à jornalista Maria João Avillez, refere ter sido recetivo à ideia do programa "Guerra das Estrelas" e que tal recetividade lhe trouxe alguns momentos de discussão com "camaradas socialistas europeus ".[71] Este é apenas um dos muitos exemplos pelo qual será de sustentar a tese que acima defendemos, isto é, que a ideia de criar uma linha de pensamento *homogénea* europeia relativamente à Administração Reagan-Bush é de muito difícil sustentação. Se não vejamos: se é certo que Mitterand, relativamente à questão do SDI, teve uma posição de rejeição, a verdade é que via nos EUA um baluarte antissoviético essencial na Europa, conforme já referimos. Isto só demonstra que *aqui e ali*, houve, de facto, divergências, mas não é possível dogmatizar tais divergências numa teoria geral "anti" ou "pró" Reagan.

Um outro ponto de divergência entre os EUA e a Europa do Ocidente é a questão da Guerra Fria no terceiro mundo, que, segundo, tem sido pouco desenvolvido pelos historiadores.[72] Aqui, está-se fundamentalmente a pensar na aplicação da chamada "Doutrina Reagan"[73] em países como a Nicarágua, o Afeganistão, etc. Uma vez que não é nossa pretensão analisar a "Doutrina Reagan" no espaço extraeuropeu de forma extensa, trataremos da questão no capítulo dedicado à visita de Estado a Portugal, uma vez que, podemos adiantar, o modo de agir de Reagan nos países do terceiro mundo – como Angola – não era bem visto, por exemplo, pelo Presidente Ramalho Eanes. Deixámos assim em aberto esta questão para outro momento desta dissertação.

Voltando à questão das "convergências" e "divergências" entre a Europa do Ocidente e os EUA, segundo Gray, para muitos historiadores da Guerra Fria, o conflito decisivo da chamada "Segunda Guerra Fria" (1979-1985), isto é, o período correspondente à escalada de tensão entre o Ocidente e a União Soviética, coincidente com o primeiro mandato de Reagan à frente da Casa Branca, foi a questão sobre a implementação de novos mísseis na Europa (os designados Euromísseis). Aqui, ao contrário dos

[69] Ibidem.
[70] Ibidem, p. 398.
[71] Cf., AVILLEZ, Maria João, *Soares – Democracia*, Círculo de Leitores, 1996, p. 142.
[72] Cf., neste sentido, GRAY, William Glenn, op. cit, p. 398.
[73] Para um maior desenvolvimento sobre a "Doutrina Reagan", Cf., WALCHER, Dustin, "The Reagan Doctrine". In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons Lda., 2015, pp. 339-358.

outros conflitos a que fizemos alusão, em que os lados opostos eram os Governos Europeus do Ocidente e a Administração Reagan-Bush (portanto, as elites políticas), sobre este aspeto o "confronto" foi entre os países Aliados da NATO e o povo europeu desde a Grã-Bretanha, passando pelos Países Baixos, Alemanha Ocidental, e até nos países aliados geograficamente mais pequenos, incluindo o nosso.[74] No mesmo sentido, Robert J. McMahon, historiador norte-americano de Relações Externas dos EUA e da Guerra Fria, refere que "a instalação de uma nova geração de mísseis de alcance intermédio dos EUA na Europa Ocidental revelou-se a questão transatlântica mais controversa de todas. Colocou não só os Estados Unidos contra certos governos europeus, mas também alguns desses mesmos governos contra o seu próprio povo."[75] O resultado desta visão da Guerra Fria, que rejeitava a ideia da *Détente* em favor da ideia de "paz através da força" (Peace Through Strength), a que Reagan tantas vezes aludiu, resultou numa vasta coligação de ativistas provenientes de vários setores da sociedade civil– ambientalistas, católicos, sindicalistas, sociais-democratas - que, horrorizados, saíram à rua (literalmente) para se manifestarem contra a instalação de mais mísseis estadunidenses na Europa. Como acima referimos, estes grupos de manifestantes fizeram-se ouvir desde a Grã-Bretanha até aos países mais pequenos da NATO. Portugal, como veremos, não foi exceção e, aquando da visita de Reagan ao nosso país, foram marcadas manifestações contra as suas políticas, em especial as respeitantes a questões de armamento na Europa. Mesmo no seio do seu próprio país, Reagan não foi poupado a manifestações, tendo-se criado a maior coligação pela Paz desde a Guerra do Vietname.[76]

Para além de questões relacionados com a Guerra Fria, podemos também encontrar momentos de fricção, de "divergência", entre os EUA e a Europa do Ocidente no plano económico. Aqui, a razão da divergência incidia com a teoria económica denominada por "Reaganomics" (por ser atribuída a Ronald Reagan) e que, curiosamente, foi criticada por George H. Walker Bush, seu Vice-Presidente, quando era candidato às primárias republicanas de 1980, pouco tempo antes de integrar o *ticket* com Ronald Reagan. Bush, reportou-se à "Reaganomics" como "Voodoo Economics"[77], uma teoria económica sem sentido e que nunca iria dar certo. Mas, afinal, o que é a "Reaganomics"? A Ronald Reagan Foundation and Presidential Institute define-a como uma política económica voltada para reduzir a regulamentação governamental (no fundo, desburocratizar), diminuir os impostos e promover o capitalismo de livre

[74] Ibidem, p. 399.
[75] Cf., neste sentido, MCMAHON, Robert J., *The Cold War, A Very Short Introduction*, Oxford University Press, Oxford, New York, 2003 (versão e-book), p.165.
[76] Ibidem, p. 167. Para mais desenvolvimentos sobre esta tema, cf., Capítulo 8, ibidem, p. 156 e ss.
[77] Já como Vice-Presidente de Reagan, George H. Bush negaria ter proferido a expressão, e desafiava a comunicação a encontrá-la. A NBC assim o fez. A peça jornalística televisionada sobre o "achado", foi disponibilizada pelos NBC Universal Archives, e está disponível na plataforma Youtube, com o título "1982 Voodoo Economics", através do link https://www.youtube.com/watch?v=o8hnM6xNjeU. [Consultado a 16 de agosto de 2024]. V., ainda, sobre este assunto, o artigo de opinião de Catherine Rampell, do The Washington Post, com o título "The other way George H.W. Bush's passing was the end of an era", disponível através do link https://www.washingtonpost.com/opinions/george-hw-bush-was-the-last-of-his-kind--a-republican-who-didnt-believe-in-voodoo-economics/2018/12/03/25aa090a-f740-11e8-8c9a-860ce2a8148f_story.html. [Consultado a 16 de agosto de 2024].

mercado como meio de estimular o crescimento económico e aumentar a riqueza individual.[78] [79] Gray, refere que a "Reaganomics" foi encarada com ceticismo desde o início, afirmando que os líderes europeus não conseguiam entender a vontade da Administração Reagan de aumentar as despesas sem elevar os impostos.[80] Consequentemente, os défices orçamentais cada vez mais crescentes, exigiram a venda de obrigações a taxas de juro elevadas, atraindo grande quantidade de capitais europeus, resultando na subida das taxas de juro no continente. O valor do dólar também disparou em relação às principais moedas europeias, o que constituiu uma segunda grande fonte de "irritação" para a Europa. De acordo com o Historiador Harold James, da Universidade de Princeton, citado por Gray, as tensões diminuíram um pouco durante o segundo mandato de Reagan. O Secretário do Tesouro, James Baker, mostrou-se mais recetivo a lidar com o dólar sobrevalorizado, em parte para atenuar a forte intensificação do sentimento protecionista nos Estados Unidos. Por seu lado, os Ministros das Finanças europeus e japoneses concordaram em coordenar as intervenções dos Bancos Centrais com o objetivo de baixar o valor do dólar celebrando, assim, os Acordos Plaza e Louvre, de 1985 e 1987, respetivamente.[81] Outra questão de relevo, que pareceu ser uma possível resposta à "Reaganomics", foi o desenvolvimento do projeto europeu, ampliado para incluir novos países. A década de 1980 assistiu a um compromisso renovado com o projeto europeu por parte dos principais Estados-membros da então CEE, e cujas novas adesões da Grécia em 1981 e da Espanha e Portugal em 1986 expandiram a CEE de 9 para 12 Estados. Em 1986, a Comunidade dá um novo passo com a assinatura do Ato Único Europeu, que tinha como objectivo-base a criação de uma economia de mercado verdadeiramente unificada entre os Estados-Membros. Gray, citando Klaus Larres, Professor da University of North Carolina, refere que o impulso para o alargamento e solidariedade da CEE foi o "mau estado" das relações entre a Europa do Ocidente e os EUA.[82] Para estes autores, a ideia do alargamento e aprofundamento do projeto europeu, estendido a 12 Estados-Membros (até 1986), parece ter resultado das divergências em termos de políticas económicas com a Administração Reagan-Bush. Assim, parece que os Estados europeus se "voltaram para dentro", atento à deterioração das relações transatlânticas com a Administração americana.

[78] V., "Reaganomics: Economic Policy and the Reagan Revolution", disponível no sítio eletrónico da Ronald Reagan Foundation and Presidential Institute, através da hiperligação https://www.reaganfoundation.org/ronald-reagan/the-presidency/economic-policy/?srsltid=AfmBOop5kI13q7NQjtZKSv54OfIb8BOmsrXgVorVzfhYnuf2r4uPDnKN. [Consultado a 16 de agosto de 2024].

[79] Para um desenvolvimento mais aprofundado sobre a teoria "Reaganomics", cf., BRONWNLEE, W. Elliot, "" Reaganomics" The Fiscal and Monetary Policies". In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons Lda., 2015, pp. 131-148.

[80] GRAY, William Glenn, op. Cit., p. 403.

[81] Ibidem, p. 404.

[82] Ibidem, p. 405.

Após esta breve síntese dos grandes temas que colocaram em "confronto" a Administração Reagan-Bush e a Europa Ocidental, analisaremos, de seguida, as avaliações da opinião pública sobre Reagan, especialmente durante a sua eleição. Fazemo-lo, por forma a conseguir verificar, em capítulo posterior, se a opinião pública em Portugal apresentava semelhanças com a opinião pública europeia, que, sendo mais ampla, era também, como já discutido, difusa, heterogénea.

3.3. Ronald Reagan visto pela Europa aquando da sua eleição como quadragésimo Presidente estadunidense

"Ronald Reagan! O ator? Então quem
é o Vice-Presidente, Jerry Lewis?"[83]

Até 1980, a figura de Ronald Reagan despertava pouco interesse na Europa. O que se sabia dele limitava-se, na melhor das hipóteses, à sua atuação em filmes do estilo *western* e ao facto de se ter tornado Governador da Califórnia, apesar da sua falta de experiência em cargos públicos. Por sua vez, a Europa não figurava entre as prioridades de Reagan. Terá estado apenas alguns meses, no ano de 1949, em Inglaterra, realizando gravações para um filme e, anos mais tarde, já nos anos 70, terá feito um périplo mais alargado pela Europa para se "reeducar geopoliticamente"[84]. Com a sua eleição em 1980, rapidamente se formaram duas correntes de pensamento distintas na Europa sobre Reagan. Por um lado, os europeus que viam Reagan como um "salvador" que derrotara a Administração Carter e as suas políticas.[85] Por outro, aqueles que o consideravam um ator de "segunda", um "cowboy", "um peso-leve" (lightweight)[86], que carecia de intelecto e que colocaria a vida de todos em risco, dada a escalada do armamento que preconizava através dos seus discursos mais inflamados. A visão de Reagan sobre o contexto da Guerra Fria era clara: existiam apenas dois protagonistas, dois polos antagónicos – os EUA e a URSS. Assim, as suas políticas seguiam essa linha de pensamento bipolarizado. Em relação à Europa, Klaus Larres, citado por Gray, argumenta que, com a saída de Carter e a passagem de testemunho a Reagan, houve uma substituição de uma atitude que o primeiro autor designa como "negligência

[83] Frase do filme estadunidense "Regresso ao Futuro", de 1985.
[84] Cf., GRAY, William Glenn, op. cit, p. 394.
[85] Parece ser este o entendimento de Aníbal Cavaco Silva que, na sua autobiografia política refere que "(…) Reagan era um Presidente de sucesso. Tinha conseguido restituir confiança à sociedade americana ultrapassando as sequelas derrotistas do Vietname e do caso "Watergate" e barrando o expansionismo soviético. Era uma pessoa muito simpática (…)". Cf., CAVACO SILVA, Aníbal, *Autobiografia Política, Volume I*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002, p. 254.
[86] Contra a ideia de que Reagan era um "lightweight", v. o artigo de opinião "Reagan was no lightweight" do historiador John Lewis Gaddis, disponível em https://www.historynewsnetwork.org/article/john-lewis-gaddis-reagan-was-no-lightweight [Consultado a 31 de agosto de 2024]. Veremos, igualmente, em capítulo subsequente que Mário Soares também era contra esta ideia.

benigna" para uma "negligência autoritária". Este modo de ver o mundo, de forma bipartida, aliado a uma certa autoridade por parte do Presidente americano, causou, muitas vezes, tensões e "conflitos" com os Governos e populações da Europa Ocidental em relação ao rumo a seguir para colocar fim à Guerra Fria, conforme já analisámos no ponto anterior. A postura energética e pró-beligerante de Reagan em relação ao conflito com a URSS destoava da dos seus antecessores e pode ser resumida da seguinte forma: enquanto os presidentes anteriores procuravam evitar a perda na Guerra Fria, Reagan acreditava que o objetivo deveria ser vencê-la.[87] Na verdade, esta dinâmica não se alinhava com a defendida pelos Governos europeus, que priorizavam o cumprimento dos acordos de desarmamento alcançados na década anterior. A ideia de "Détente", seguida pelos seus antecessores, para Reagan, simplesmente não funcionava; ele criticou essa abordagem em várias ocasiões. Antes mesmo de ser tornar Presidente, Ronald Reagan já havia questionado esta forma de encarar o conflito mundial, levando até Gerald Ford ta proibir essa temática durante a campanha presidencial de 1976.[88]

Esta linha de rumo seguida pelo presidente americano, que poderia recorrer ao uso de armas nucleares se necessário, resultou numa intensa crítica por parte de vários setores das populações europeias, muitas das vezes organizadas em movimentos pela paz [89] [90], que temiam que Reagan pudesse, a qualquer momento, pressionar o "botão" para a destruição da humanidade. Esses movimentos, como já mencionámos, fizeram ecoar as suas vozes por toda a Europa, desde a Grã-Bretanha até Portugal. O receio era comum: a destruição do mundo através de armas nucleares. Segundo Robert J. McMahon, "a perspetiva de novas armas nucleares norte-americanas em solo europeu, em conjunto com o acentuado arrefecimento das relações soviético-americanas e a retórica anticomunista exacerbada que emanava da Casa Branca, provocou o nível mais profundo de preocupação pública com a corrida ao armamento nuclear em décadas. A introdução eminente dos mísseis Pershing II e Cruise contribuiu, assim, para desencadear um movimento pacifista maciço e alargado em toda a Europa Ocidental."[91] [92] McMahon, na obra citada, apresenta números impressionantes: por exemplo, quando Reagan visitou a França e a Alemanha Ocidental em junho de 1982, "(…) foi recebido com mais manifestações de massas, incluindo uma reunião pacífica de 350.000 manifestantes antinucleares ao longo das margens do rio Reno, em Bona, e uma multidão turbulenta de mais de 100.000 pessoas em Berlim Oriental."[93] O resultado dessa

[87] Cf. Sobre o surgimento desta fórmula de analisar a Guerra Fria, cf., O´SULLIVAN, *John, O Presidente, o Papa e a Primeira-Ministra, Ronald Reagan, João Paulo II e Margaret Thatcher. Três figuras que mudaram o mundo*, Aletheia, Lisboa, 2007, p. 117 e ss.
[88] Cf., LUDLOW, N. Piers, op.cit, p. 6.
[89] Aludiremos, em capítulo próprio, sobre estes movimentos de paz em Portugal, mais precisamente em Lisboa, aquando da vida de Ronald Reagan.
[90] Gray, no seu estudo dedicado às relações entre a Europa do Ocidente e a Administração Reagan-Bush, realça que alguns autores defendem que os movimentos pela paz tinham, de modo direto ou indireto, relações com Moscovo. Neste sentido, cf., GRAY, op. cit., p.399.
[91] Cf., MCMAHON, Robert J., op. cit, p. 166.
[92] Mas não só. Reagan enfrentaria manifestações semelhantes nos EUA, onde "a crescente consciência pública sobre o perigo da guerra nuclear deu origem à maior coligação de paz desde a Guerra do Vietname." Neste sentido, McMahon, Robert J., op. cit., p. 167.
[93] Ibidem.

abordagem agressiva por parte de Ronald Reagan em relação ao conflito, traduz-se na sua caracterização como "um cowboy ignorante e perigoso"[94], cuja pistola estaria pronta a disparar a qualquer momento. Piers N. Ludlow dá dois exemplos de como uma alegada má comunicação não ajudou Reagan a melhorar a sua imagem na Europa do Ocidente. O primeiro exemplo ocorreu quando Reagan, em 1982, acreditando que o microfone de uma estação de rádio estava desligado, afirmou que havia passado uma lei que permitiria bombardear a Rússia em cinco minutos. O segundo exemplo é a adaptação do pôster do filme "E Tudo o Vento Levou", de 1939, por um movimento pacifista, onde Ronald Reagan é retratado como Rhett Butler e Margaret Thatcher como Scarlet O´Hara, nos braços do presidente americano, com um fundo em forma de cogumelo e a frase "Ela prometeu segui-lo até ao fim do mundo. Ele prometeu organizá-lo!" Piers N. Ludlow defende que este cartaz exemplifica as ansiedades europeias em relação à atitude pró-beligerante de Reagan.[95]

Será, no entanto, possível, conceber um padrão comum ou generalizado sobre a perceção de Reagan pelo povo europeu ou pela opinião pública europeia em geral? Assim como os líderes políticos podem ter, em determinados assuntos, alguma discordância política com Reagan, o mesmo acontece com a opinião pública geral. Sem dúvida, os movimentos de paz representam a maioria dos descontentes com as políticas e com o próprio presidente americano. No entanto, parece-nos difícil estabelecer quadros que permitam afirmar quais os países da Europa do Ocidente que tinham mais ou menos simpatia por Ronald Reagan. Seja como for, na obra de Smith e Wertman, de 1992, e que já mencionámos, estes autores apresentam um quadro diferenciado, baseado em sondagens de opinião em vários Estados europeus. A este respeito, o redator da presente dissertação tende a concordar com Gray, que defende que "(…) os críticos de Reagan têm usado frequentemente "europeus" indiferenciados como uma espécie de coro grego que entoa avisos prescientes (em uníssono) contra as políticas intrinsecamente erradas da Administração Reagan-Bush. No entanto, a tónica do trabalho empírico recente é sublinhar o julgamento independente de vários líderes aliados. Helmut Schmidt, Helmut Kohl, François Mitterrand e Margaret Thatcher raramente reagiram como "europeus": avaliaram as iniciativas americanas numa base individual. Só raramente Reagan se deparou com uma falange de rejeição por parte dos líderes europeus; o embargo do oleoduto pode muito bem ser a exceção que prova a regra. Os europeus encontraram boas razões - com base no interesse nacional, no pragmatismo das alianças e na convicção real - para apoiar vários programas de Reagan (…)."[96]

Realizada esta breve contextualização das relações entre os EUA e a Europa do Ocidente ao tempo da Administração Reagan-Bush, é necessário "subir mais um degrau" e, antes de nos focarmos exclusivamente na vinda de Ronald Reagan a Portugal, fazer uma resenha geral pelo seu périplo de dez dias pela Europa em 1985, no qual se insere a visita ao nosso país.

[94] Cf., LUDLOW, N. Piers, op.cit, p. 2.
[95] Ibidem, p. 8.
[96] Gray, op. cit., p. 406.

4. A visita de Ronald Reagan a Portugal inserida num contexto mais vasto: o périplo de 10 dias pela Europa do Ocidente

4.1. Ronald Reagan chega à Europa do Ocidente

Como mencionado, antes de entrarmos na análise da visita de Estado a Portugal por parte de Ronald Reagan, devemos colocá-la no seu devido contexto. Em primeiro lugar, conforme já escrevemos na Introdução, esta visita não foi um ato isolado; Ronald Reagan não visitou apenas Portugal. De facto, a curta estadia do Presidente Reagan em território nacional foi apenas o culminar de um périplo mais alargado de dez dias pela Europa do Ocidente. Antes da visita a Portugal, Reagan passou pela Alemanha Federal, Espanha e França, entre os dias 30 de abril e 10 de maio de 1985. Qual o ambiente que encontrou ao chegar? Nos pontos anteriores, discutimos as "divergências" e "convergências" entre os EUA e a Europa do Ocidente durante as Administrações Reagan, concluindo que, de facto, existiram certas "divergências". Atenta a nossa breve contextualização, a resposta parece ser simples: ele não encontrou a melhor receção. Assim, nos parágrafos seguintes, iremos verificar quais foram as "convergências" e "divergências específicas" nos países visitados, bem como as pretensões das elites políticas que receberam Reagan e a eventual presença de tumultos e manifestações por parte dos movimentos de paz durante este périplo. Tentaremos, enfim, através da relação entre o geral e o específico de cada país visitado, destacar as questões que, de modo positivo ou negativo (ou seja, procedendo a uma dialética entre um reforço de cooperação entre o país visitante e o país visitado *versus* o distanciamento entre Reagan, as elites políticas europeias e a sociedade civil europeia), marcaram a visita de Reagan ao "Velho Continente".

A visita à Europa do Ocidente teve início no dia 30 de abril. A primeira deslocação foi à Alemanha Federal, onde Reagan permaneceu até dia 6 de maio. Entre 30 de abril e 4 de maio, o Presidente americano participou na Cimeira Económica do G-7, reunindo-se com os Chefes de Estado e de Governo do Canadá, França, Alemanha Federal, Itália, Japão, e Reino Unido. Após esta Cimeira, Reagan iniciou a visita de Estado na Alemanha Federal, que se estendeu entre os dias 5 e 6 de maio. Durante esta fase, deslocou-se a Bonn, visitou o cemitério de Bergen-Belsen, Bitburg e ainda a Hambach Castle, marcando presença nas cerimónias do 40.º aniversário do fim da II Guerra Mundial. No dia 6, Reagan viajou até Espanha, Madrid, onde ficou até dia 8. Neste país, também realizou uma Visita de Estado, reunindo-se com o Rei Dom Juan Carlos I e o Chefe de Governo Felipe González. Nesse mesmo dia, partiu para Estrasburgo, França, onde fez um discurso no Parlamento Europeu, seguindo para Portugal, Lisboa, onde encerrou este périplo pela Europa. Relativamente aos "passos portugueses" de Ronald Reagan, dedicámos todo o II Capítulo a este tema, pelo que remetemos para lá as nossas considerações sobre a visita, que foi, aliás, "pedra de toque" para esta dissertação. Ao iniciar uma investigação sobre as notícias

que acompanharam a vinda de Reagan à Europa, parece que o périplo europeu já havia sido alvo de duras críticas, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa do Ocidente, mesmo antes de se concretizar. O primeiro "embate" relativamente ao périplo europeu ocorreu quando a Casa Branca anunciou a visita de Reagan ao cemitério Bergen-Belsen, onde se encontravam sepultados 47 oficiais nazis das SS. Alguns desses militares faziam parte de uma unidade de Wehrmacht (Forças Armadas de Hitler) que executou prisioneiros estadunidenses a sangue-frio, em dezembro de 1944. Esses soldados foram capturados no segundo dia da batalha das Ardenas e, posteriormente abatidos a tiro.[97] Chefes de Estado[98], dirigentes políticos e partidários, bem como associações de diversas índoles, dentro e fora[99] dos EUA[100], classificaram a visita a esse cemitério como um ato de blasfémia contra as vítimas das SS e todos os que combateram durante a II Guerra Mundial. Reagan justificou a visita ao cemitério com a ideia de reconciliação com o passado, afirmando que os soldados alemães enterrados no cemitério de Bitsburg também foram vítimas do nazismo, assim como as vítimas dos campos de concentração. [101] Estamos convictos de que esta visita foi, entre todas as realizadas durante o périplo europeu, a que gerou o tom de crítica mais elevado por parte de diversos quadrantes políticos e associações, devido à irrascibilidade de Reagan em deslocar-se àquele cemitério. Essa convicção é ainda sustentada pelas inúmeras notícias que foram publicadas sobre o assunto.

Após a visita de Estado à Alemanha Federal, Reagan dirige-se para Espanha. Um ponto de "divergência" específica entres este os EUA e Espanha dizia respeito à presença militar dos EUA na América Central, especialmente ao apoio americano aos "Contras" que combatiam o regime

[97] Cf., neste sentido, publicação do *Jornal de Notícias* de 4 de maio de 1985.

[98] Julgamos que aqui está um bom exemplo do que defendemos em ponto anterior sobre a existência de uma certa *heterogeneidade* de pensamento na Europa ou de *opiniões difusa.* Relativamente à ida do cemitério, Reagan encontraria oposição por parte de um Chefe de Estado que, muitas das vezes se encontrava alinhado com as suas políticas. Escrevemos sobre a Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher que, segundo a nossa investigação, parece não ter sido favorável à deslocação de Reagan ao cemitério de Bergen-Belsen. Cf., neste sentido, a título de exemplo, a publicação do *Diário* de 7 de maio de 1985 e a publicação da revista *Time* de 13 de maio de 1985.

[99] A nível nacional, cf. a publicação do jornal *Tarde* de 3 de maio de 1985, que refere que a visita de Reagan ao cemitério alemão, mereceu um protesto "energético" por parte dos deputados do PS Manuel Alegre, Sottomayor Cardia e Rodolfo Crespo. Também o partido ecologista "Os Verdes" exigiu, através de comunicado datado do dia 6 de maio de 1985, "o imediato cancelamento do convite a Portugal ao Presidente norte-americano Ronald Reagan para visitar oficialmente Portugal." Para este partido, a política "cega e arrogante" de Reagan tornaria "cada vez mais assustadora" a ameaça de um confronto nuclear. No mesmo comunicado é afirmado que que o périplo europeu de Reagan "se transformou numa monumental provocação". "Desprezando e ignorando os mais enérgicos protestos em todo o mundo, Reagan visitou o cemitério dos SS nazis em Bitbutg, na RFA." Ao realizar esta visita, "Reagan corporizou no presente a onda de destruição e mote que no passado foi responsável pelo holocausto de milhões de vítimas do nazi-fascismo". Por seu turno, o PCP classificou a visita de Reagan ao cemitério como "chocante provocação". Cf, neste sentido, a publicação do jornal *Diário* de 7 de maio de 1985.

[100] Cf., neste sentido, publicação do jornal *Los Angeles Times*, de 26 de abril de 1985, com o título "80 senadores instam Reagan a reconsiderar a visita a Bitburg: O senador Dole co-patrocina a resolução.", disponível para consulta online nos L.A Times Archive, através do link https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1985-04-26-mn-20834-story.html [Consulado a 25 de agosto de 2024].

[101] Para um maior desenvolvimento sobre a "controvérsia" em Bittburg, cf., Lipstadt, Deborah E. "The Bitburg Controversy." In *The American Jewish Year Book* 87 (1987): 21–37.

sandinista[102]. Embora houvesse "convergência" entre os chefes das diplomacias dos dois países (Fernando Moran, do lado espanhol, e George Shultz, do lado americano), quanto aos objetivos a serem alcançados, o que os distanciava era o *modo* pelo qual esses objetivos seriam atingidos.[103]

Para além deste tema, também foi abordada a questão da redução das tropas norte-americanas em Espanha e a possível renegociação do Tratado de Amizade, Defesa e Cooperação celebrado pelos dois países. Em relação à adesão espanhola à CEE e à NATO, a diplomacia americana considerava essas adesões positivas, pois serviriam tanto os interesses do próprio país como os da Aliança. Além disso, foram discutidas questões relacionadas a Gibraltar, Próximo Oriente, a cimeira do G-7 que ocorrera dias antes, a uma nova ronda do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), ao comércio bilateral e ainda à economia do país visitado.[104]

A vinda de Reagan a Madrid, resultou em manifestações contra a política externa americana na América Central, bem como contra a adesão de Espanha à NATO, que seria referendada um ano depois[105]. Na noite de 6 de maio, um grupo de madrilenos realizou aquilo que a publicação do *Diário Popular* de 7 de maio chamou de "concerto de caçarolas" para protestar a estada de Reagan no país. O jornal *Dia*, na mesma data, classificou as manifestações como "mais ou menos violentas", tendo sido convocadas "pelos partidos à esquerda do PSOE e que, de uma forma ou outra, obedecem às directivas de Moscovo"[106]. Segundo o *Diário Popular*, Reagan comentou sobre a manifestação, afirmando: "Acho que ninguém neste mundo está mais acostumado do que eu às manifestações."[107] Além disso, o Presidente da Câmara Municipal de Madrid, Enrique Tierno Galvan, criticou Reagan por não ter visitado a edilidade, considerando essa atitude como "uma afronta aos madrilenos" e acrescentando que tal afronta não os atingiria, "sobretudo partindo de quem parte". Esta aus~encia, devidamente programada, levou à não comparência do Presidente da Câmara na receção a Reagan durante a sua chegada a Madrid, alegando "outros afazeres". De igual modo, o Vice-Presidente do Governo, Alfonso Guerra, também não esteve presente no aeroporto para receber e dar as boas-vindas ao Presidente americano.[108] Tais atitudes por parte destes responsáveis políticos resultaram em críticas da oposição conversadora espanhola, assim como de associações patronais. Por outro lado, surgiram em jornais espanhóis de tendência progressista, espaços de publicidade paga e cartas abertas de organizações à esquerda do PSOE, acompanhadas por artistas e intelectuais espanhóis, cujo tom era a crítica à política externa da Administração Reagan-Bush.[109] Com igual repúdio pela presença de Reagan em Espanha, manifestantes, usando do sarcasmo, atribuíram ao Presidente Reagan o título de "Doutor Horroris

[102] Uma vez que não é nosso objetivo proceder a uma análise profunda sobre a política externa dos EUA na América Latina durante os anos Reagan, cf., para um maior desenvolvimento., COLBY, Jason M., "Reagan and Central America". In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons.
[103] Neste sentido, cf., publicação do *Diário Popular* de 7 de maio de 1985.
[104] Ibidem.
[105] Cf., neste sentido, publicação do *Correio da Manhã* de 7 de maio de 1985.
[106] Cf., neste sentido, publicação do jornal *Dia* de 7 de maio de 1985.
[107] Neste sentido, cf., publicação do *Diário Popular* de 7 de maio de 1985.
[108] Ibidem.
[109] Ibidem.

Causa". Numa cerimónia realizada na esplanada entre as Faculdades de Filologia e de Direito da Universidade Complutense, organizada pela Comissão Anti-NATO, pelo Partido Comunista de Espanha (PCE), pela Liga Comunista Revolucionária (LCR), pelo Grupo Autónomo de Esquerda Universitária (GUAI) e pelo CC OO (Confederación Sindical de Comisiones Obreras), entre outros, cerca de 1000 pessoas participaram no evento. Durante a cerimónia, conduzida por um porta-voz vestido com o traje tradicional de Professor, foi lido um comunicado que atribuía a Reagan, o grau de "Doctor Horroris Causa". As razões para essa atribuição foram as seguintes: "a sua contribuição para o aumento da luta entre Blocos e a chantagem suprema contra os povos que tal confronto implica"; o "apoio armado àqueles que no mundo querem ter cada vez mais contra aqueles que não querem ter cada vez menos, que são os mais"; "a sua implacável atividade a favor de uma ordem económica, política e moral baseada na guerra, na ameaça de guerra e na exaltação da guerra"; pela "sua comprovada atividade como criminoso internacional na América Central"; e, por fim "(…) pelo seu périplo imperial pela província europeia". O porta-voz deste manifesto concluiu que "por todas estas razões (…) pode dizer-se que o nosso doutorando avança com cada vez mais entusiasmo no currículo do horror: começa por ameaçar a subsistência de toda a raça humana, depois hostiliza os pequenos países e termina a contar piadas de mau gosto".[110]

Após a visita de Estado a Espanha, Reagan partiu para França, onde discursou no dia 7 de maio no Parlamento Europeu. Antes da sua chegada, também ocorreram protestos em França. No seio do Parlamento Europeu, um grupo de deputados, levantou a voz contra a cerimónia solene, invocando questões regimentais. Vários deputados de diferentes famílias políticas chegaram a propor um voto sobre a visita de Reagan, mas o Presidente do Parlamento Europeu, Pierre Pflimlin, considerou que não se poderia colocar à votação a sessão solene, uma vez que a mesma não se encontrava na ordem do dia. Exercendo o contraditório e dando uma interpretação diferente ao regimento do Parlamento Europeu, um conjunto de deputados conseguiu que fosse realizada uma votação sobre a inclusão da questão da sessão solene na ordem de trabalhos para aquele dia. A votação resultou em 89 votos a favor de que a sessão solene não fazia parte da ordem do dia, contra 77 que consideravam que deveria ser incluída. Com isso, a tentativa de o grupo de deputados votar sobre a vinda de Reagan ao Parlamento Europeu acabou por ser malograda. Entre os 77 deputados que votaram a favor da inclusão da votação sobre a sessão solene estavam os trabalhistas britânicos, os comunistas gregos e os verdes. Os socialistas franceses optaram pela abstenção e os comunistas do mesmo país não participaram no voto.[111] Durante a sessão solene, os protestos contra a presença de Reagan, por parte dos deputados, manifestaram-se através da distribuição de panfletos, de intervenções ou simplesmente pela sua ausência da sessão.[112]

[110] Neste sentido, cf., publicação do *Diário Popular* de 7 de maio de 1985, publicação do *Diário* de 7 de maio de 1985, publicação do jornal *Dia* de 7 de maio de 1985 e ainda publicação do *El País* de 8 de maio de 1985.
[111] Cf., publicação do jornal *Diário Popular* de 7 de maio de 1985.
[112] Ibidem.

Após esta passagem por Estrasburgo, França, Reagan desloca-se para Portugal, onde finalizaria, a 10 de maio, o seu périplo pela Europa. Posteriormente, ao analisar a visita de Estado a Portugal, será realizada uma comparação para identificar qual o país europeu onde Reagan foi alvo de menos críticas e manifestações, com base nas fontes analisadas.

Antes de desenvolver dessa questão, é pertinente examinar a situação política portuguesa que Reagan encontraria na sua chegada, assim como verificar se existia, por parte dos EUA, algum tipo de visão, de "*olhar*", particular sobre o nosso país.

5. O Portugal político de 1985 – os acontecimentos de política interna e externa

5.1. Uma justificação

Chegados a este ponto, acreditamos que é importante fazer uma breve observação: não é objetivo desta investigação detalhar exaustivamente o cenário político português de 1985. Contudo, omitindo por completo essa contextualização, estaríamos a privar o leitor de uma "*bússola orientadora*" para a compreensão dos próximos tópicos. Assim, consideramos adequado fornecer um panorama conciso, mas suficiente, que facilite a leitura e compreensão dos temas subsequentes.

Não nos propomos, nesta secção, investigar o que a imprensa portuguesa relatava sobre a política nacional. O que nos interessa, considerando o propósito desta investigação, é entender como os americanos (através do *olhar* da sua *intelligence*) viam os portugueses. Para isso, utilizaremos fontes documentais estadunidenses, *maxime*, provenientes da CIA. No entanto, antes de nos debruçarmos sobre essa visão, consideramos oportuno relembrar brevemente alguns dos acontecimentos em Portugal na década de 1980. As próximas linhas dedicam-se a esse propósito.

5.2. A conjuntura política portuguesa dos anos 80: uma contextualização

Em 1985, o General António dos Santos Ramalho Eanes, décimo-sexto presidente da República e o primeiro democraticamente eleito após a Revolução de 25 de Abril de 1974, cumpria já o seu segundo mandato (reeleito a 7 de dezembro de 1980) e aproximava-se o final deste, uma vez que em 1986 se realizariam novas eleições presidenciais. Apesar de não se poder candidatar novamente, devido a restrições legais, o seu nome não continuava a ser associado a fortes críticas ao sistema vigente, acusando-o de incapacidade para resolver os problemas do país. Assim, começam a surgir ideias presidencialistas que defendem uma revisão constitucional nesse sentido.[113] Neste contexto, surge o Partido Renovador Democrático (PRD), fundado em 1983, agregando figuras de diferentes quadrantes políticos que se alinhavam com as posições do Presidente Eanes e tinham como objetivo influenciar o

[113] TELO, António José, op. cit., Vol. I, p. 233.

sistema político português rumo a um modelo mais presidencialista. António José Telo identifica três grandes dificuldades para a formação do PRD. Primeiro, pelo facto de Ramalho Eanes ser ainda Presidente e, de certo modo, não pretender misturar assuntos; segundo, por ser um partido iniciado do zero; e terceiro, porque, embora houvesse um consenso de que o partido seria diferente dos demais, faltava definir como isso se concretizaria.[114]

Em 1985, Mário Soares ocupava a cadeira de São Bento, após vencer as eleições legislativas de 25 de abril de 1983 pelo Partido Socialista. Assim, a 9 de junho de 1983, tomava posse o IX Governo Constitucional, liderado por Mário Soares e sustentado por uma coligação pós-eleitoral com o PSD, popularmente conhecida como o Governo do "Bloco Central". Os resultados das eleições legislativas de 1983 determinaram a seguinte composição na Assembleia da República: Partido Socialista (vencedor, com maioria relativa), com 36,1% dos votos e 101 deputados[115]; PSD com 27,2% dos votos e 75 deputados; APU [116]. 18,1% e 44 deputados e o CDS com 12,6% e 30 deputados. A oposição ao Governo ficaria, assim, a cargo da APU e do CDS.[117]

Soares estaria bem ciente de que não se adivinharia fácil a condução da política nacional. Na verdade, qualquer que fosse o partido a ganhar a eleição legislativa, teria, forçosamente que "assumir uma política de austeridade e de apertar o cinto, num clima que já era de grande contestação social, o que seria extremamente desgastante."[118] Soares procurou, assim, um apoio mais amplo. Sem a possibilidade de contar com o CDS, que agora seguia uma orientação de matriz liberal, Soares procurou o PSD e o seu líder, Carlos Alberto Mota Pinto, com quem mantinha uma boa relação[119], resultando na formação do "Bloco Central".

Não será irrelevante, acreditamos, esclarecer o leitor sobre quem liderava os partidos com assento parlamentar em 1985, uma vez que, em momento oportuno, analisaremos tanto a reação desses líderes à visita do Presidente Ronald Reagan a Portugal, bem como verificar a opinião dos EUA sobre os mesmos. Assim, Mário Soares liderava o Partido Socialista, Carlos Alberto Mota Pinto o PSD, Álvaro Cunhal a APU e Francisco Lucas Pires o CDS.

5.3. O apogeu de Cavaco Silva e o fim do Bloco Central

[114] Ibidem.
[115] De referir que, dos 101 deputados eleitos pelo Partido Socialista, 4 eram do partido União da Esquerda para a Democracia Socialista (UEDS).
[116] APU- Aliança Povo Unido – foi uma coligação formada por um conjunto de partidos a saber: Partido Comunista Português, Movimento Democrático Português/ Democrática Eleitoral (MDP/CDE) e, após 1983, também pelo Movimento Ecologista Português - Partido "Os Verdes" (MEP-PV), que, hodiernamente, se designa apenas por PEV – Partido Ecologista "Os Verdes" e que, em conjunto com o PCP, formam a atual CDU (Coligação Democrática Unitária).
[117] Cf., TELO, António José, op. cit., Vol. I, p. 232.
[118] Cf., TELO, António José, op. cit., Vol. I, p. 233.
[119] Ibidem, p. 234.

Se pudéssemos personificar a queda do "Bloco Central", então Aníbal Cavaco Silva seria a escolha incontornável, pois, seis dias após a visita de Reagan, ele ascenderia ao topo do cenário político português. A 17 de maio de 1985, Cavaco Silva, professor universitário, ministro das Finanças e do Plano do VI Governo de Constitucional de Francisco de Sá Carneiro (de 1980 a 1981), chegaria a Presidente do PSD. Segundo António José Telo, "a vitória de Cavaco Silva no Congresso da Figueira da Foz desfez inúmeros planos e perspetivas políticas em todos os quadrantes."[120] A partir de então, Cavaco Silva passaria a liderar a oposição ao Governo de Soares. No mesmo ano, em consequência da exoneração do Primeiro-Ministro e da rutura do acordo de governo entre PS e PSD, eleições antecipadas o conduziriam ao cargo Chefe de Governo, posição que ocuparia até 28 de outubro de 1995, período que António José Telo designa por "cavaquismo".[121]

5.4. A formalização de adesão de Portugal à CEE: opção europeia em detrimento da opção atlântica?

Em relação à política externa portuguesa, é relevante destacar que foi também em 1985, mais concretamente no dia 12 de junho – menos de um mês após a visita de Reagan - que o Primeiro-Ministro Mário Soares assinou o Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. Seria um dos últimos atos do Governo do "Bloco Central", já em crise. No dia seguinte, a13 de junho, os Ministros do PSD pedem a sua demissão de funções ministeriais.

Apesar de o tratado ter sido assinado em 1985, o processo de adesão começou cerca de oito anos antes, em 1977. Conforme observa Nuno Severiano Teixeira, (…) "a «opção europeia» é (…) a grande novidade da política externa pós-25 de Abril e o grande desafio do Portugal democrático. Inicia-se em 1977, durante o I Governo Constitucional, com o pedido de adesão de Portugal à Comunidade Europeia e concretiza-se com a assinatura do Tratado de adesão, em junho de 1985. Esta é a grande inovação da política externa do regime democrático."[122] Dessa forma, abria-se a porta para um Portugal não apenas europeu em termos geográficos, mas também alinhado com os valores comuns da Comunidade Europeia, integrando-se plenamente num grupo alargado de países.

[120] Cf., TELO, António José, op. cit., Vol. II, p.9.
[121] Ibidem, p.35 e ss.
[122] TEIXEIRA, Nuno S., "Portugal e a NATO: 1949-1989". In *Nação e Defesa*. Lisboa, n.º 89 – 2.ª Série, 1999, p. 33.

Neste ponto, importa levantar a seguinte questão: considerando a «opção europeia», qual o papel dos EUA? Foram deixados de lado? Reduzidos a uma posição secundária? Ou mantiveram a influência anteriormente exercida? De acordo com o Embaixador Hall Themido, "se a situação geográfica de Portugal e a segurança foram os factores essenciais no quadro das relações luso-americanas, a evolução de Portugal no sentido da Europa revê consequências sensíveis na sua posição face os Estados Unidos."[123] O que pretendia o Embaixador afirmar? Ao aderir à então CEE, Portugal posicionava-se numa plena integração com essa comunidade. No fundo, "(…) ao entrar no grupo dos países democráticos, ao desenvolver-se económica e socialmente procurando aproximar-se dos outros europeus (…)"[124] o nosso país deixaria de ter a mesma legitimidade para procurar apoio financeiro por parte dos EUA. Assim, ao tornar-se membro da CEE, Portugal teria de assumir uma postura compatível com essa adesão. A interpretação que se retira das palavras do Embaixador Themido é a de que Portugal, ao integrar-se na CEE, não poderia mais procurar ajuda económica dos EUA com a intensidade de outros tempos, ajuda essa que frequentemente esteve associada a questões estratégicas, como a Base das Lajes.

Apesar da vocação atlântica, Portugal voltava-se para "dentro", isto é, para projetos europeus, *maxime*, os da CEE. Contudo, consideramos incorreta qualquer tese que defenda que Portugal "esqueceu" os EUA ao ingressar na CEE. Tal tese, a nosso ver, não se sustenta. Em primeiro lugar, como já mencionado, houve um esforço para que as relações luso-americanos evoluíssem, indo além das questões de defesa para outras áreas de interesse. Além disso, a adesão à CEE não retirou a Portugal o seu estatuto de membro da NATO, e, com isso, continuavam a existir obrigações para com os EUA. Não houve, portanto, uma rutura das relações, mas sim uma readaptação, onde as questões de ajuda financeira foram revistas, tanto pela adesão de Portugal à CEE como, anos mais tarde, pela redefinição da relevância da base das Lajes após a queda da URSS. Analisaremos, a seguir, se os EUA, através da sua *intelligence*, apresentavam algum "*olhar*" sobre a adesão de Portugal à CEE.

5.5 A visita da Rainha Isabel II a Portugal como demonstrativo da consolidação democrática

Em relação às visitas de Estado de outros líderes europeus, é importante mencionar que 1985 também marcou a segunda visita da Rainha Isabel II do Reino Unido a Portugal, acompanhada do seu marido, Príncipe Filipe, Duque de Edimburgo. Esta visita, a primeira da monarca após o Estado Novo, representou um claro sinal de apoio a Portugal democrático e, como já referido, europeu não só geograficamente, mas também em termos de valores. Esse momento reforçou a histórica Aliança Luso-Britânica - a mais antiga aliança diplomática do mundo, estalecida em 1373 – agora renovada pela partilha de valores democráticos e pela recente adesão de Portugal à CEE. Acreditamos, assim, que as

[123] Cf., neste sentido, THEMIDO, João Hall, op. cit., p. 290.
[124] Ibidem.

visitas de antigos e poderosos Aliados, como os EUA e a Grã-Bretanha, demonstram que, no panorama internacional, Portugal passou em 1985 a ser visto como uma democracia verdadeiramente plena e integrada na Europa, deixando de ser encarado, como ainda o era alguns anos antes, como uma "«vacina» para o resto da Europa do Sul".[125]

5.6 A eleição presidencial portuguesa de 1986

Apesar da impopularidade interna, "fruto das políticas de austeridade e de apertar o cinto"[126] do Governo do "Bloco Central", o Chefe de Governo Mário Soares já mirava a sua próxima candidatura: o cargo de Chefe de Estado, com a eleição marcada para1986. Esta eleição, marcada por vários acontecimentos significativos – como o violento incidente perpetrado na Marinha Grande [127] - culminaria numa das disputas presidenciais mais acirradas da história da democracia portuguesa, sendo que, até à redação deste texto, nenhuma eleição semelhante se repetiu.[128] António José Telo considera a eleição presidencial de 1986 como a "mais renhida de sempre"[129]. É relevante mencionar que Mário Soares se tornaria o primeiro Presidente da República civil desde a I República (1910-1926), uma vez que nenhum dos candidatos à presidência era militar.[130] Segundo Telo, "era uma clara indicação de que, com o desfazer do Conselho da Revolução, tinha acabado o poder militar no sistema político. Não havia dúvidas que o País queria um Presidente civil na altura em que se preparava para entrar na Europa da CEE (…)."[131]

Com a contextualização dos acontecimentos mais relevantes no período da visita de Ronald Reagan a Portugal estabelecida, é agora necessário verificar se, do lado americano, houve algum comentário, estudo ou observação em relação a esses eventos. Assim, o próximo ponto será dedicado à análise realizada pela CIA sobre aos acontecimentos e os atores políticos portugueses já mencionados anteriormente.

6. Portugal sob o "olhar" da *intelligence* estadunidense

[125] Cf., neste sentido, Tiago Moreira de Sá, "Quando Portugal contou para a América». Os Estados Unidos e a transição democrática portuguesa". In *Ler História*, 63, 2012, 109-125.
[126] Cf., TELO, António José, op. cit., Vol. I, p. 233.
[127] Este acontecimento teve lugar na Marinha Grande, distrito de Leiria, onde um grupo de simpatizantes do PCP "agridem fisicamente Mário Soares (…) com tanta falta de tacto político que isto é registado por câmaras de televisão que de imediato transmitem as imagens – com aliados destes Salgado Zenha não tinha grande hipótese." Cf., neste sentido TELO, António José, op. cit, Vol. II, p. 13.
[128] Desde a eleição presidencial de 1986 que não existe segunda volta nas de eleições, tendo os presidentes seguintes ganho as mesmas à primeira volta, mesmo quando incumbentes.
[129] TELO, António José, op. cit., Vol. II, p. 11
[130] TELO, António José, op. cit., Vol. II, p. 12.
[131] Ibidem.

Neste ponto, iremos analisar como os estadunidenses[132] perceberam os acontecimentos da política interna e externa de Portugal. Em primeiro lugar, abordaremos a História de Portugal sob o "*olhar"* americano, antes de nos concentrarmos nos eventos dos anos 80 sob esse mesmo "*olhar*". Justificamos a inclusão deste tema pelo interesse que ele desperta: com a desclassificação de certa documentação proveniente da CIA, e após as nossas investigações, foi possível delinear um possível percurso de pensamento dos estadunidenses - ou pelo menos, dos seus serviços de *intelligence* - sobre o seu a aliado português, já saído da Revolução e em fase de consolidação democrática. Defendemos, assim, que essa análise proporcionará uma contextualização mais ampla no momento da visita de Ronald Reagan a Portugal, especialmente em relação às opiniões do lado americano. Desta forma, quem nos lê, estará devidamente munido de conhecimento sobre os acontecimentos que marcaram a política interna e externa portuguesa sob o ponto de vista do país visitante.

Assim sendo, desenvolveremos os seguintes aspetos:

6.1. A análise estadunidense da História de Portugal: de 1140 ao 24 de abril de 1974;

6.2. Legislativas 83: uma análise eleitoral e pós-eleitoral através do "*olhar*" da *intelligence* americana;

6.3. A adesão de Portugal à CEE sob o "olhar" da *intelligence* americana: a CEE como uma panaceia de oportunidades para Portugal?

6.4. O "*olhar"* da *intelligence* americana sobre o ano de 1985 sob aos comandos do Governo do "Bloco Central": as pretensões portuguesas aquando da vinda do Presidente Reagan.

Antes de avançarmos para o desenvolvimento dos pontos mencionados, é importante justificar a abordagem a anos anteriores, como 1983, dado que nossa dissertação se centra em 1985, mais especificamente no mês de maio. Sem uma explicação, essa análise, poderia parecer descontextualizada em termos da cronologia dos acontecimentos. Assim, é necessário esclarecer: o ano político de 1985 é, na verdade, uma continuidade do ano político de 1983, pois, como já tivemos a oportunidade de observar, ocorreram as eleições legislativas a 25 de abril. O Governo em funções durante a visita do Presidente Reagan é, portanto, aquele que emergiu desse momento eleitoral, tornando sua análise sob o "olhar" americano de particular relevância e, a nosso ver, de alguma curiosidade, que deve ser explorada nas linhas seguintes. O mesmo se aplica à adesão de Portugal à CEE. Encetado o pedido formal de

[132] Neste ponto, devemos advertir que por "*olhar"* americano, ou outras expressões equivalentes, pretendemos referir-nos a documentação provinda da CIA. Estamos cientes, contudo, que a análise a esses documentos, agora desclassificados, deverá ser realizada de forma crítica, devido ao facto de se tratar de memorandos provenientes de um aparelho do Estado e que, muitas das vezes, poderão não refletir a visão oficial do país sobre os acontecimentos nele contidos. No entanto, e dado o enfoque a várias questões que tiveram lugar no Portugal democrático – desde eleições, passando pela análise minuciosa ao perfil dos atores políticos portugueses -, cremos que se trata de uma fonte documental útil para, com as devidas cautelas, desenhar uma visão americana do Portugal dos anos 80. Uma forma de verificar a veracidade, e o caráter tendencioso (ou não) dos textos constantes nos documentos desclassificados foi compará-los com outras fontes.

adesão em 1977, Portugal só entraria oficialmente na Comunidade Europeia a 1 de janeiro de 1986. Já tivemos a oportunidade de analisar este tema. Assim, embora a assinatura do Tratado de Adesão tenha ocorrido a 12 de junho de 1985, aproximadamente um mês após a visita de Reagan, justifica-se investigar se essa adesão era importante para os estadunidenses. É fundamental afirmar que analisar a visita de Estado de *per si,* isto é, de forma isolada, seria um erro. Tal abordagem resultaria numa análise imprecisa e incompleta. Dessa forma, devemos partir do geral para específico, que é exatamente o que temos feito: após uma análise de como a Europa via Ronald Reagan e a sua Administração, bem como um resumo do périplo europeu, voltamos agora a nossa atenção para o caso português. Com esta breve nota metodológica, que acreditamos demonstrar a nossa visão sobre esta investigação, é hora de desenvolver os temas acima enumerados.

6.1. A História de Portugal de 1140 ao 25 de abril de 1974 sob o "olhar" da *intelligence* estadunidense

Num documento da CIA, datado de 17 de abril de 1985, portanto, a menos de um mês da vinda de Ronald Reagan a Portugal, intitulado "Portugal: From Empire to Small Country" [133], a *intelligence* americana apresenta uma breve síntese da História de Portugal, abrangendo desde tempos mais remotos até à década de 80. Sobre esta década, especificamente os anos de 1983 a 1985, dedicamos um ponto específico da nossa dissertação, uma vez que se trata da visão da CIA sobre Portugal ao tempo da visita de Reagan.

Na visão da CIA, Portugal era um país economicamente pobre, mas rico historicamente, tendo-se tornado um Estado-Nação no ano de 1140, quando outros países da Europa moderna ainda não haviam alcançado tal forma. Apesar do seu pioneirismo, a CIA argumenta que Portugal não conseguiu acompanhar o ritmo político, económico e social dos seus vizinhos. O grande inimigo português, segundo a perspetiva da *intelligence* americana, era a Espanha, devido ao temor constante de perda de independência. O documento menciona a perda da soberania para Espanha entre o ano de 1580 e 1640, que resultou na *ininterruptibilidade* da continuidade da independência monárquica de Portugal desde a Idade Média até 1910. A CIA destaca que o domínio espanhol nos séculos XVI e XVIII continua a ser uma memória viva presente no povo português, ajudando a explicar as suspeitas persistentes em relação ao seu vizinho.[134]

[133] V. documento desclassificado da CIA com o título "Portugal: From Empire to Small Country", do Directorate of Intelligence, datado de 17 de abril de 1985, disponível no sítio eletrónico da FOIA - Freedom of Information Act Electronic Reading Room, através do link https://www.cia.gov/readingroom/document/cia-rdp85t01058r000202700001-5 [Consultado a 6 de junho de 2024].
[134] Cf. documento da CIA "Portugal: From Empire to Small Country", p. 1

A CIA também afirma que o estabelecimento de Lisboa como capital consolidou a perspetiva atlântica de Portugal, tornando o nosso país a primeira Nação Europeia a estabelecer um Império Ultramarino, denominado pela *intelligence* americana como o período da "Idade do Ouro da Exploração" e do "Imperialismo português". Este processo começou no início do Século XV, com os marinheiros portugueses a negociar e a conquistar domínios em África, na Ásia e na América do Sul. No entanto, a CIA argumenta que o Império formado naquele século trouxe poucos benefícios duradouros, uma vez que Portugal não utilizou a riqueza adquirida no estrangeiro para impulsionar o crescimento económico nacional na metrópole, preferindo reinvesti-la nas suas colónias. Independentemente disso, a CIA sustenta que a perceção da grandeza acumulada pelo Império deixou marcas profundas na sociedade portuguesa. Muitos portugueses experimentaram um "sentimento de perda" quando as suas colónias conquistaram a independência. Nesse contexto, a CIA observa que tanto Ramalho Eanes como Mário Soares desejavam "restaurar um certo grau de influência de Portugal nas suas antigas colónias."[135]

A visão da CIA sobre os regimes políticos portugueses a partir de 1910 destaca a alternância entre regimes autoritários e democracias fracas e instáveis. A CIA menciona a Primeira República, que substituiu a Monarquia em 1910, estabelecendo novos padrões de instabilidade política, não apenas em Portugal, mas também na própria Europa. O documento analisa detalhadamente a instabilidade da Primeira República, apresentando números que ilustram essa situação: nos quase 16 anos de existência, ocorreram 7 eleições gerais, 45 governos, 7 presidentes, 3 ditaduras contrarrevolucionárias e 25 revoltas. O parlamento era fragmentado, com a participação de 22 partidos, o que resultou em frequentes votos de desconfiança e na incapacidade de resolver os problemas económicos e sociais prementes do país. A CIA conclui de forma fria sobre o regime republicano instituído em 1910 que foram poucos os portugueses que "choraram" quando a Primeira República foi derrubada pelos militares em maio de 1926.

Em relação aos anos subsequentes da nossa história, ou seja, ao Estado Novo (para a *intelligence* americana "New State"), é dedicado um subcapítulo[136], que discute o legado daquele regime como um legado de subdesenvolvimento político e econômico. A CIA relata que, diante do colapso económico ocorrido em 1928, os militares entregaram o controle absoluto das despesas públicas ao professor de economia da Universidade de Coimbra, António de Oliveira Salazar. Este ator político, que governaria o país até 1968, restabeleceu a ordem na economia e consolidou o seu poder absoluto após 1932. A CIA também analisa o objetivo do Estado Novo e do seu autor, António de Oliveira Salazar. O regime foi fundamentalmente concebido para preservar as estruturas sociais e económicas tradicionais de Portugal contra as incursões da modernização e para manter o Império português. Nas palavras da CIA, o Estado

[135] Ibidem, p. 2
[136] Ibidem, pp. 2-3.

Novo era um regime "paternalista", pois Salazar acreditava saber o que era melhor para o povo português. Quanto às consequências das políticas do Estado Novo, a CIA sustenta que, por um lado, estas contribuíram significativamente para o país, incluindo a estabilização da situação financeira, o equilíbrio do orçamento, a construção de estradas e a melhoria dos caminhos-de-ferro. Por outro lado, no entanto, Salazar deixou o povo atolado na pobreza e na miséria, utilizando a polícia secreta para reprimir a expressão política dos cidadãos.

Segundo a CIA, o fim do regime autoritário em Portugal deveu-se ao "peso dos compromissos ultramarinos": confrontado com as guerras de independência nas colónias africanas desde o início da década de 1960, Portugal enfrentou uma mobilização em massa, diminuindo ainda mais uma força de trabalho já enfraquecida pela emigração. A necessidade de Salazar em financiar estas guerras obrigou-o a inverter a sua tradicional oposição ao investimento estrangeiro em Portugal, o que gerou um aumento das transações internacionais e uma mudança do padrão comercial, direcionando-o de África para o Ocidente.

No que se refere ao sucessor de Salazar, Marcelo Caetano, a CIA destaca que ele nunca conseguiu assumir "o controlo total" da situação. A inércia sustentou o regime do Estado Novo até que os militares, insatisfeitos com os baixos salários, a falta de equipamento e a perceção de que as guerras africanas não poderiam ser vencidas militarmente, se uniram para derrubar o governo em 1974, consumando o fim do regime.

É interessante notar que a CIA menciona que o acordo para derrubar o Estado Novo – ou seja, a concentração de forças que levou à Revolução de 25 de Abril de 1974 – não incluiu um consenso sobre o tipo de regime que deveria sucedê-lo. Segundo o relatório da CIA, as nacionalizações generalizadas e as expropriações de terras agrícolas no período inicial indicavam que os comunistas, com o apoio de oficiais militares mais radicais, pareciam prestes a assumir o controlo do país. O documento secreto sustenta ainda que o impasse entre candidatos ao poder nas forças armadas, aliado ao surgimento de partidos democráticos e à pressão dos aliados de Portugal, permitiu a eventual emergência de uma democracia liberal.

A análise da CIA sobre a História de Portugal destaca que, na visão dos Estados Unidos, os diferentes regimes políticos foram um fator determinante para a persistência de problemas económicos e sociais no país. Em particular, a CIA sublinha o impacto negativo de decisões políticas que impediram um desenvolvimento económico sustentado. Tal tese poderá ser sustentada no documento quando se afirma que "Portugal não utilizou a riqueza adquirida no estrangeiro para estimular o crescimento económico nacional (…)" nos tempos da expansão; nos tempos da Primeira República, a instabilidade política era uma constante e resultou na "incapacidade de resolver os problemas económicos e sociais prementes do país"; no que respeita ao tempo do Estado Novo este é referido como tendo " (…) deixado o povo atolado na pobreza e na miséria, usando a polícia secreta para reprimir a expressão política." O documento menciona mesmo a "inércia" do Regime. Digno ainda de interesse é a tese avançada pelos EUA que refere que, em tempos de democracia, o povo português não consegue ultrapassar a

instabilidade. Essa ideia está patente no documento em dois momentos distintos: a primeira, reportando-se à revolução de abril de 1974, onde a CIA afirma que houve consenso no derrube do antigo Regime, mas que não se tinha estabelecido, previamente, um plano político futuro para o país. O outro momento, este sim, expresso de forma direta, é quando o documento refere que após a Revolução "o regime democrático significou um regresso à instabilidade governamental e à imobilidade política. Todos os partidos políticos concordam que Portugal tem de se modernizar, mas divergem profundamente quanto à forma de o fazer. Nenhum partido ou grupo detém poder suficiente para implementar a sua abordagem à modernização. O resultado tem sido a frequente mudança de governo - desde 1976, houve quatro eleições e dez governos. Este caleidoscópio político tem impedido o desenvolvimento de uma abordagem coerente para lidar com a situação económica de Portugal." [137]

Parece-nos assim de concluir que a CIA carateriza a História de Portugal, pelo menos no que concerne à sua História política, como uma constante de instabilidade ou estabilidade "paternalista" que comprometeu a longo prazo o desenvolvimento económico e social do país.

6.2. Legislativas 83: uma análise eleitoral e pós-eleitoral através do "*olhar*" da *intelligence* americana

A análise das eleições legislativas de 1983 pela CIA reflete um forte interesse em compreender as dinâmicas políticas e as potenciais consequências para Portugal e para as relações com os Estados Unidos. No memorando de 15 páginas intitulado *"Portugal: Election and Postelection Outlook"*[138], de abril de 1983, a CIA descreve não apenas o contexto eleitoral, mas também a postura e o histórico dos principais candidatos, fornecendo ainda retratos de perfil dos mesmos. Este documento evidencia a preocupação americana em prever o impacto que os possíveis resultados eleitorais poderiam ter na estabilidade política do país e nas relações diplomáticas com os EUA.

6.3. A adesão de Portugal à CEE sob o "olhar" da *intelligence* americana: a CEE como uma panaceia de oportunidades para Portugal?

De notar que esta adesão não passaria despercebida ao "*olhar*" da *intelligence* americana. Num documento da CIA, datado de 17 de abril de 1985, num parágrafo dedicado à situação interna

[137] Ibidem.

[138] Para uma análise mais aprofundada sobre os prognósticos da *intelligence* americana relativamente às Legislativas de 1983, cf. o documento desclassificado da CIA com o título "Portugal: Election and Postelection Outlook", do Directorate of Intelligence, datado de abril de 1983, disponível no sítio eletrónico da FOIA - Freedom of Information Act Electronic Reading Room, através do link https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP84S00555R000100210002-8.pdf. [Consultado a 6 de junho de 2024].

portuguesa, o "*olhar"* americano sentenciava que a entrada de Portugal na CEE ocorreria em janeiro de 1986, e os portugueses tendiam a ver essa adesão como uma panaceia que iria garantir a democracia, modernizar o país e trazer riqueza e estabilidade. No entanto, a CIA previa que, num curto espaço de tempo, a adesão traria mais tensões à medida que as fracas indústrias portuguesas fossem expostas à concorrência estrangeira. Sentenciava ainda que seria provável que o défice comercial de Portugal se deteriorasse à medida que se fosse adaptando às importações de produtos alimentares mais caros, e ainda pela redução das suas barreiras comerciais.[139]

6.4. O "*olhar"* da *intelligence* americana sobre o ano de 1985 sob aos comandos do Governo do "Bloco Central": as pretensões portuguesas aquando da vinda do Presidente Reagan

Em 1985, a *intelligence* americana indicava Portugal como um dos países mais pobres do continente europeu, com um rendimento anual *per capita* de cerca de 2.000 dólares, em comparação com a média da Europa Ocidental de cerca de 8.000 dólares.[140] A CIA mencionava que o Governo de Soares havia sido forçado a aplicar um programa de estabilidade do Fundo Monetário Internacional (FMI), após o défice da balança de transações correntes ter aumentado de 1,3 mil milhões de dólares em 1980 para 3,2 mil milhões de dólares em 1982, e devido à recusa dos bancos em conceder novos empréstimos. A CIA observava ainda que esta era a segunda vez em menos de uma década que Portugal se via obrigado a recorrer ao FMI.[141]

O documento destaca também que, apesar das tensões dentro do "Bloco Central", o Governo manteve as impopulares medidas de austeridade, reduzindo o défice da balança de pagamentos para 600 milhões de dólares em 1984. No entanto, a CIA, mencionando novamente a instabilidade política, apontava a falta de consenso entre os partidos sobre como enfrentar outros problemas graves: a inflação e o défice orçamental continuavam elevados, o desemprego tinha aumentado, e os baixos salários reais sofreram uma queda de cerca de 19% entre 1983 e 1984. É também sublinhado o facto de que Portugal pouco ou nada tinha feito para reformar as empresas do sector público ou o sector agrícola. A *intelligence* americana afirmava ainda que, face ao clima de incerteza económica que pairava no país, o terrorismo havia crescido, dando como exemplo o surgimento das Forças Populares 25 de abril (FP-25).

[139] Cf. neste sentido documento da CIA "Portugal: From Empire to Small Country", p. 1. A CIA, voltaria ao assunto da adesão portuguesa volvido um ano, tendo procedido à realização de um estudo sobre as consequências do alargamento da CEE nas exportações dos EUA relativamente a Portugal e Espanha. V. documento desclassificado da CIA com o título "Estimating the impact of EC enlargement on US Exports to Spain and Portugal", do Directorate of Intelligence, datado de 8 de outubro de 1986, disponível no sítio eletrónico da FOIA - Freedom of Information Act Electronic Reading Room, através do link https://www.cia.gov/readingroom/document/cia-rdp86t01017r000404370001-2. [Consultado a 6 de junho de 2024].
[140] Cf. documento da CIA "Portugal: From Empire to Small Country", p. 1.
[141] Ibidem, p. 3.

O objetivo principal deste grupo era atacar o "imperialismo estrangeiro" e defender a classe trabalhadora, sendo considerado pela CIA como a principal organização terrorista do país.[142]

Em relação às pretensões portuguesas durante a visita de Estado a Portugal, o documento da CIA, datado de 19 de abril de 1985 e intitulado *"Portugal: Issues Soares and Eanes may wish to discuss"*[143], apresentava uma antevisão do que se poderia esperar dos políticos nacionais. O sumário descrevia as relações dos EUA com Portugal como "boas", apesar de existirem alguns assuntos considerados controversos.[144] Tanto o Presidente da República como o Primeiro-Ministro, segundo os estudos da CIA, pretendiam aproveitar a visita de Estado do Presidente americano para reforçar a imagem de Portugal como um aliado respeitado e importante. O documento afirmava também que o Chefe de Estado e o Chefe de Governo provavelmente apoiariam as visões de Washington sobre a América Central, o SDI, e a Cimeira de Génova, prevista para novembro daquele ano.[145] Sobre o SDI, ou "Guerra das Estrelas", António José Telo afirma que os EUA solicitaram "a instalação de uma das cinco estações de rastreio de satélites no Alentejo (Almodôvar)."[146] Este Autor explica que "(…) as negociações prolongaram-se por vários anos, tendo acabado por se chegar a um acordo (em 1988)." O programa ao qual a estação se inseria acabaria, porém, por ser desativado antes da sua concretização pela Administração Bush/Quayle.[147] Esta permissão portuguesa, que demonstrava apoio ao SDI, deve ser cotejada com a visão da *intelligence* americana relativamente a questões de defesa, presentes do documento acima citado. Nesse parágrafo, a CIA descrevia Portugal como um forte e consistente apoiante dos EUA e da NATO nos esforços para melhorar a defesa no mundo Ocidental, afirmando ainda que o nosso país era um "Aliado total dos EUA em questões bilaterais".[148] A CIA destacava que Portugal havia permitido a utilização de utilidades militares geograficamente localizadas no país e autorizado aterragens e sobrevoos da Força Aérea para operações NATO e não-NATO.[149] Esta simpatia e colaboração por parte de Portugal tinham, é claro, um preço. E a *intelligence* estadunidense estava ciente disso. Dada toda a cooperação e aliança por parte de Portugal, os americanos esperavam que o apoio viesse acompanhado de assistência militar ao país, justificando a CIA essa necessidade devido aos constrangimentos económicos que impediam Portugal de modernizar as suas forças armadas sem ajuda dos Aliados.[150]

---

[142] Cf. documento da CIA "Portugal: From Empire to Small Country", p. 3.
[143] V., documento desclassificado da CIA com o título "Portugal: Issues Soares and Eanes may wish to discuss", do Directorate of Intelligence, datado de 19 de abril de 1985, disponível no sítio eletrónico da FOIA - Freedom of Information Act Electronic Reading Room, através do link https://www.cia.gov/readingroom/document/cia-rdp85t01058r000202750001-0. [Consultado. a 6 de junho de 2024].
[144] Cf., documento "Portugal: Issues Soares and Eanes may wish to discuss", p. 1.
[145] Ibidem.
[146] Cf., neste sentido, TELO, António José, op. cit., Vol. II, p. 241
[147] Ibidem.
[148] Cf., documento "Portugal: Issues Soares and Eanes may wish to discuss", p. 1.
[149] Ibidem.
[150] Ibidem.

Era esta, portanto, "a moeda de troca" da lealdade portuguesa. Sobre esta questão, o documento previa ainda a possibilidade de Mário Soares transmitir queixas relativamente ao incumprimento das promessas feitas pelos EUA no sentido de ajudar a reequipar as forças armadas portuguesas e de promover a cooperação industrial no domínio da defesa.[151] Segundo a CIA, o facto de os EUA tomarem como adquirida a lealdade portuguesa levou a que Portugal tivesse uma certa relutância na aceitação de pedidos dos americanos relacionados com as forças armadas sem uma maior compensação.[152] A CIA refere ainda que as reações iniciais à proposta dos EUA de pré-posicionar navios da Marinha na Região Autónoma da Madeira, por exemplo, sugerem que o Governo português pretendia mais assistência do que a que estava a ser oferecida em troca de um acordo. Ademais, é referido que Mário Soares, defensor de uma estreita cooperação bilateral entre os países, poderia ver-se obrigado a apoiar as pressões portuguesas por uma maior compensação por parte dos EUA, fruto das críticas de que seria excessivamente permissivo para com os EUA.[153]

O memorando da CIA aborda ainda duas questões: a situação económica portuguesa e as opções portuguesas relativas à política externa, sendo aqui evidente a existência de "divergências". Relativamente ao plano económico, a *intelligence* americana referia que o pedido dos EUA de restrições voluntárias às exportações de têxteis poderia estar no topo da agenda económica de Soares, aquando da vinda de Reagan, uma vez que se tratava da linha de exportação mais importante para Portugal. A CIA afirmava que, com quase cem por cento de certeza, o Governo português estaria relutante em aceitar limites que reduzissem o crescimento e o emprego no sector têxtil. O documento sustentava ainda que, no que à economia diz respeito, Portugal estava interessado em obter tecnologia dos EUA para apoiar o desenvolvimento de sectores de alta tecnologia onde não detinha *know-how*. Aqui, é mencionada a criação da Fundação Luso-americana, que, segundo a CIA, tinha sido criada por iniciativa de Portugal, e que tinha como objetivo estimular a cooperação técnica, científica e comercial.[154]

Por fim, o documento discorre sobre política externa, dividida em parágrafos relativos à América Central (que, como já tivemos oportunidade de verificar, se encontrava na "ordem do dia" internacional) e à África. Sobre a América Central, a CIA tinha a perceção de que Portugal estava historicamente desinteressado e geralmente desinformado sobre os acontecimentos naquela zona do mundo. No entanto, referem que Mário Soares, atenta a sua posição na Internacional Socialista (IS), estaria profundamente interessado nos acontecimentos na região, e tinha ajudado a moderar as posições da IS sobre a América Central. No que à África diz respeito, a *intelligence* americana refere que se trata do foco mais importante da política externa portuguesa depois dos EUA e da Europa, e que Mário Soares era um firme apoiante das políticas dos EUA naquela região. Concretizando: o documento refere que Portugal trabalhou com os EUA para encorajar Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé a aproximarem-

[151] Ibidem, p. 2.
[152] Ibidem.
[153] Ibidem.
[154] Ibidem.

se do Ocidente, e que apoiou os esforços para alcançar a independência da Namíbia e a retirada das tropas cubanas de Angola. Para além disso, com o intuito de afastar os estados africanos lusófonos da orientação marxista, a CIA refere que Portugal empreendeu modestos programas de formação militar para as suas antigas colónias, apesar da sua grave falta de recursos.[155] Por fim, a *intelligence* americana acreditava que África seria a principal área de divergência de política externa entre Eanes e Soares, afirmando que, embora ambos concordassem que Portugal deveria desempenhar um papel naquela região, Eanes considerava que Portugal se arriscava a prejudicar os seus próprios interesses ao identificar-se demasiado com as políticas dos EUA na África Austral.[156]

Feita a análise ao "olhar" da *intelligence* americana sobre os prognósticos das pretensões portuguesas aquando da visita de Reagan, cumpre verificar se as mesmas se cumpriram ou não no decurso da visita de Estado.

Parece-nos que existiram três grandes temas abordados durante a visita de Estado a nível de política externa, a saber: a questão da África Austral, a questão de Timor-Leste e ainda a solicitação de mais contrapartidas por parte da utilização das bases nos Açores. Dos discursos proferidos por parte do Chefe de Estado e do Chefe de Governo portugueses durante a visita de Ronald Reagan, a imprensa portuguesa sublinhava que o discurso de Ramalho Eanes foi "o mais importante do ponto de vista político".[157] Eanes chamou a atenção de Reagan para a questão da África Austral e para a situação de Timor-Leste, áreas que, segundo o Presidente Eanes, "Portugal se sente particularmente afetado e responsavelmente solidário." No discurso[158] proferido durante o banquete realizado no Palácio da Ajuda em honra do Presidente estadunidense, Eanes referiu que Portugal estava disposto a contribuir para a procura de soluções negociadas e pacíficas que permitissem a paz e o desenvolvimento da África Austral, sendo certo que os EUA, atento o facto de serem uma grande potência, não poderiam ser alheios aos grandes conflitos globais ou regionais que dividiam a humanidade. Eanes, relembrou a Reagan a situação de guerra latente em toda a África Austral, onde se inserem as maiores Nações de expressão portuguesa, Angola e Moçambique, e que constituem motivo sério de preocupação para Portugal. Ainda neste discurso, o Presidente da República rejeitou de forma liminar a política "desumana" preconizada pelo *Apartheid*, rejeitando ainda "quaisquer soluções que não respeitem a Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas." Por fim, no que respeita à questão de Timor-Leste, Eanes referiu que, através das diligências da ONU, esperaria que fosse possível "garantir o direito fundamental do povo de Timor-Leste à livre determinação do seu destino." Aquando do discurso de Reagan, no mesmo banquete, nenhuma destas questões foi abordada. Ainda relativamente a Timor-Leste, o então Ministro dos

[155] Ibidem, p. 3.
[156] Ibidem.
[157] Cf., neste sentido, publicação do *Diário de Lisboa* de 10 de maio de 1985.
[158] Cf., documento audiovisual "President Reagan and President Eanes Toasts at the State Dinner in Lisbon, Portugal on May 9, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=qQrV2He94YU&t=46s.

Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, criticou os EUA por apoiarem a Indonésia, acusando-os de falta de neutralidade entre Portugal e a Indonésia relativamente à anexação.[159]

Relativamente às contrapartidas financeiras, as autoridades portuguesas manifestaram em conversações com a comitiva diplomática dos EUA, a sua insatisfação com essas contrapartidas relativas ao Acordo de Defesa, anunciadas pela Administração Reagan-Bush, como "dádivas" ou empréstimos em troca da cedência de facilidades militares em território português. A insatisfação portuguesa resultava do facto de que essas contrapartidas eram consideradas como insuficientes.[160] Sobre as contrapartidas financeiras resultantes dos Acordos de Defesa, Jaime Gama, após reunião com George Shultz, seu homónimo americano, falou numa "necessidade de aumento", bem como da importância dos EUA em efetuarem contratos de aquisição de serviços a empresas portuguesas, nomeadamente no campo da reparação naval, indústria de defesa e setor metalomecânico. Além disso, fruto desta reunião, Jaime Gama e George Shultz ativaram ainda negociações para a conclusão de um acordo sobre de segurança social e fiscal "susceptível de favorecer o investimento norte-americano em Portugal".[161] Essas negociações resultaram no Acordo sobre Segurança Social entre Portugal e os Estados Unidos da América, que entraria em vigor 3 anos depois da realização da visita de Estado de Reagan a Portugal, mais precisamente a 1 de agosto de 1989. Nessa data, já os atores políticos eram outros: da parte portuguesa, o Chefe de Estado era Mário Soares, Aníbal Cavaco Silva ocupava o lugar de Chefe de Governo, João de Deus Pinheiro era o Ministro dos Negócios Estrangeiros e George H. Walker Bush (também conhecido como Bush 41.º ou Bush Pai) ocupava o lugar de 41.º Presidente dos EUA.

Para além destas "divergências" entre os EUA e Portugal aquando da vinda de Reagan, não nos parece, dadas as nossas investigações, que tivessem existido outras. O que se verificou, com exceção dos temas acima estudados, foi um verdadeiro estreitamento de laços entre o país visitado e o visitante, onde, pelo menos por parte dos representantes da República portuguesa, existiu uma troca de palavras de reciprocidade e amizade, ressaltando a importância da cooperação, já antiga, entre países. Se podemos afirmar a existência de uma quase total "convergência" entre as elites políticas (pelo menos as eleitas), o mesmo não se poderá afirmar relativamente a alguns partidos e certas camadas da sociedade civil. Voltaremos a este assunto quando nos debruçarmos sobre as manifestações que tiveram lugar durante e por causa da vinda de Reagan, e sobre as reações dos partidos políticos coevos relativamente a Reagan e sua Administração.

[159] Cf., neste sentido, publicação do *Jornal de Notícias* de 10 de maio de 1985 e publicação do *Primeiro de Janeiro* de 10 de maio 1985.
[160] Cf., publicação do *Tarde* de 10 de maio de 1985.
[161] Cf., neste sentido, publicação do *Jornal de Notícias* de 10 de maio de 1985.

7. Os atores da vida política portuguesa coevos à visita de Ronald Reagan através do "olhar" da *intelligence* americana e vice-versa: do "hábil teórico" Álvaro Cunhal ao "carismático líder" Lucas Pires

Cumpre agora verificar o "olhar" da *intelligence* americana sobre os políticos portugueses coevos à visita de Ronald Reagan. Nesta sede, para além de nos socorrermos de documentação desclassificada da CIA, e que já tivermos oportunidade de analisar, contamos também com um documento, de caráter pessoal e íntimo, cuja autoria é do próprio Presidente Reagan: nos anos da sua presidência, Reagan desafogava por escrito alguns acontecimentos num diário que, anos mais tarde, viria a público, e que poderá ser encontrado online, através do sítio da Reagan Foundation Institute. Num exercício contrário, será também nesta secção que nos debruçaremos sobre o "*olhar*" das elites políticas portuguesas, através dos seus líderes, relativamente à figura de Ronald Reagan.

Um documento da CIA que nos permite ter uma perceção relativa à visão americana dos políticos portugueses, pelo menos a partir do ano das eleições legislativas de 1983, e que, portanto, serão os principais protagonistas políticos seguintes (pelo menos até à queda do "Bloco Central"), é datado de abril de 1983, com o título *"Portugal: Election and Postelection Outlook"*, a que já fizemos referência. Neste documento, para além da realização de um prognóstico do resultado das eleições legislativas de 1983, o documento traça o perfil dos rostos que a CIA considerava serem os principais protagonistas daquele momento eleitoral, a saber: Mário Soares, Carlos Alberto Mota Pinto, Francisco Lucas Pires e Álvaro Cunhal. Para além destes atores políticos, iremos também verificar se do lado americano existia alguma opinião sobre o Presidente da república Ramalho Eanes e ainda sobre Aníbal Cavaco Silva, que ocuparia o lugar de Presidente do PPD/PSD em maio de 1985, e, meses depois, se tornaria Primeiro-Ministro.

Como já tivemos oportunidade de verificar, o apogeu político de Cavaco Silva havia-se dado meros dias após a estada de Reagan em Portugal, aquando da sua eleição para Presidente do PPD/PSD. Naturalmente, a figura de Cavaco Silva apenas é referida pela *intelligence* estadunidense após a sua eleição em 1985. No entanto, a verdade é que a opinião que Cavaco Silva detinha sobre Reagan está expressa na sua autobiografia política, pelo que consideramos, sem dúvida, uma mais-valia incluir a sua visão sobre o Presidente estadunidense.

7.1. Mário Soares o "amigo especial"

> "O presidente Reagan tinha dificuldades em aceitar que houvesse "socialistas bons", mas parecia preparado para criar uma exceção no caso de Mário Soares." (Rui Mateus) [162]

No que a Mário Soares diz respeito, são-lhe atribuídas as profissões de advogado e professor de história. Soares, adiantava o documento, na altura com 58 anos, foi ministro dos Negócios Estrangeiros de maio de 1974 a março de 1975 e de outubro de 1977 a fevereiro de 1978, sendo à data da redação do documento da CIA, membro do Conselho de Estado. O documento reporta-se também ao facto de Soares ser o Secretário-Geral do Partido Socialista, desde 1966. De acordo com as informações da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa, apresentadas a pedido da CIA, e transpostas para o documento, Soares estava dependente de "lealdades pessoais" e de "amigos" para obter apoio político. Referia-se também que se mantinha firmemente no controle do PS, embora uma pequena fração de tecnocratas e autarcas populares se opusessem ao seu domínio do partido. É também referido, pela Embaixada dos EUA, que Soares, que havia sido Primeiro-Ministro de 1976 a 1978, pretendia candidatar-se à presidência da República. A CIA discorria sobre esta vontade de Soares de se tornar Presidente da República, considerando a mesma aceitável para o centro-direita, devido ao facto de ser considerado politicamente moderado. É ainda aludido o facto de ter granjeado respeito por parte da Aliança Democrática (AD), na sequência da Revisão Constitucional de 1982. A Embaixada dos EUA reportou ainda à CIA, que Soares, enquanto Vice-Presidente da Internacional Socialista (IS), tinha sido uma força positiva e moderada nas questões da América Central, referindo, também, que alguns membros da IS o viam como "amigável" para com os Estados Unidos. O documento refere o apoio de Soares às políticas americanas na Nicarágua, mas também a sua discórdia com algumas políticas em El Salvador. De acordo com os observadores da Embaixada, a partir de 1983, Soares começou a concentrar as suas atenções na África Austral, estando, no momento da redação do documento, a organizar uma conferência da Internacional Socialista sobre aquela região.[163]

E Ronald Reagan? Será que detinha alguma opinião sobre Mário Soares? Da análise aos escritos de Reagan, podemos concluir que Mário Soares é o ator político português que mais consta nos seus registos diários. Na quarta-feira, 14 de março de 1984, o Presidente estadunidense escreve no seu diário

[162] Cf., MATEUS, Rui, *Contos Proibidos – Memórias de um PS Desconhecido*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1996, p. 219.
[163] Cf., neste sentido, cf. "Portugal: Election and Postelection Outlook", p. 5.

pessoal[164] que recebeu o Primeiro-Ministro Mário Soares para um almoço de trabalho. Segundo Reagan, Soares era um "socialista", que procurava investimento privado para a indústria portuguesa. Além disso, Reagan reporta-se a Soares com "um apoiante dos EUA e do Ocidente". As reuniões de trabalho, segundo Reagan, foram "boas" e "proveitosas". Nessa entrada do seu diário, Reagan definia ainda Soares como um "anticomunista mais fervoroso que se pode encontrar". Na conferência de imprensa ocorrida após as reuniões, Reagan referiu-se a Soares como uma verdadeira personalidade internacional, um líder importante, defensor dos valores e ideais ocidentais, e ainda um homem de grande coragem pessoal. Reagan reporta-se mesmo a Mário Soares como um "amigo especial".[165] Na entrada do seu diário de quinta-feira, dia 9 de maio de 1985, já em Portugal, Reagan dá conta de que os seus opositores o ligam a Mário Soares escrevendo que "(...) por acaso houve algumas manifestações sobre mim e muitos *graffitis*, mas reparei que normalmente me ligavam a Soares. Os dissidentes não gostavam de nenhum de nós".[166]

Da análise aos escritos acima referidos, podemos concluir que Mário Soares, bem como as suas políticas, seriam, de um modo geral, do agrado da CIA e de Ronald Reagan. É, no entanto, curioso que em nenhum dos documentos analisados os americanos façam referência ao facto de Mário Soares ter sido militante do PCP, ainda nos tempos de clandestinidade deste partido, mais precisamente entre os anos de 1942 e 1950. Curioso pelo facto de que Ronald Reagan, também desde tempos mais remotos, sempre tivera uma atitude anticomunista primária. De todo o modo, e na eventualidade do conhecimento efetivo dessa antiga ligação de Soares ao PCP, cremos que tal facto não seria causador de desconfiança por parte dos EUA. Afinal, ainda que em termos completamente diferentes, Reagan, em tempos mais remotos, havia sido do Partido Democrata antes de ingressar no Partido Republicano, aludindo a tal facto, com naturalidade e despojado de qualquer sentimento de vergonha. Um exemplo do que se escreve poderá ser a resposta de Reagan dada a um jornalista, numa conferência de imprensa realizada a 28 de setembro de 1982, quando foi perguntado ao Presidente se não sentia culpa da recessão contínua pela qual o país atravessava. Ronald Reagan, sem embaraço, respondeu o seguinte: "Sim, porque durante muitos anos fui democrata."[167] Outro facto que permite concluir que Mário Soares era a figura "preferida", o "special friend" dos EUA é a visita que realizou a este país, em fevereiro de 1983, quando era ainda apenas líder da oposição. Segundo Rui Mateus, deputado do PS entre 1980 e 1985, e membro

[164] Cf., entrada do diário de Ronald Reagan, datada de 14 de março de 1984, disponível em https://www.reaganfoundation.org/ronald-reagan/white-house-diaries/diary-entry-03141984/ [Consultado a 25 de agosto de 2024].

[165] V. discurso com o túlulo Remarks of the President and Prime Minister Mario Soares of Portugal Following Their Meetings, 14 de março, 1984, disponível em https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-president-and-prime-minister-mario-soares-portugal-following-their-meetings [Consultado a 05/06/2024].

[166] Cf., entrada do diário de Ronald Reagan, datada de 9 de maio de 1985, disponível em https://www.reaganfoundation.org/ronald-reagan/white-house-diaries/diary-entry-05091985// [Consultado a 25 de agosto de 2024].

[167] V., The President's News Conference, 28 de setembro de 1982, disponível em https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/presidents-news-conference-3. [Consultado a 25 de agosto de 2024].

da Comissão e Secretariado Nacionais do PS, com o pelouro das Relações Internacionais entre 1976 e 1986, parece que tal facto se revestiu de unicidade pois que, "(…) seria, provavelmente, o único socialista a ser recebido numa visita privada pelo Presidente norte-americano durante os seus dois mandatos, facto, no mínimo, altamente significativo. Era o reconhecimento de que Soares era um aliado e um interlocutor privilegiado da administração americana. (…)". [168]

E qual a perspetiva de Mário Soares sobre Ronald Reagan? Conforme referido, Mário Soares visitara os EUA em fevereiro de 1983, enquanto líder da oposição na Assembleia da República. Num conjunto de entrevistas concedidas a Maria João Avillez, que resultaram em três livros, Mário Soares dá conta à jornalista de que se lembrava de Reagan como um ator, tendo também acompanhado o seu percurso como Governador da Califórnia. Sobre o teor do primeiro contacto com o Presidente estadunidense, Soares refere que teve "reservas", uma vez que se tratava de "(…) um conservador, que fizera todo o seu caminho à direita, no Partido Republicano (…)".[169] Apesar destas reservas ideológicas, Soares recorda que existiu uma grande satisfação, uma vez que não era um gesto muito comum por parte de um Presidente estadunidense receber um líder da oposição. Soares confessa mesmo que ficou "encantado" com Ronald Reagan, referindo-se ao Presidente americano como "(…) um homem comunicativo, simpatiquíssimo, sedutor por excelência. (…)"[170]. Soares recorda ainda na entrevista concedida a Maria João Avillez um conjunto de episódios ocorridos durante um almoço com Reagan: o primeiro refere-se a questões de louça. Durante o almoço, Reagan chamou à atenção de Soares para que apreciasse a louça. Soares reporta-se a este momento como uma "bizarra ideia". Apercebendo-se de que Soares não estava a entender o que se passava, Reagan questionou diretamente o seu interlocutor se não reconhecia que a porcelana Vista Alegre. Segundo Soares, Reagan encomendou um serviço Vista Alegre em Portugal "e fazia gosto que eu notasse a sua preferência…". Além disso, Soares recorda ainda à jornalista o sentido de humor de Reagan que, durante o encontro, lhe contou anedotas, em especial sobre Brejnev que, segundo o entrevistado eram a "especialidade" de Reagan. Questionado por Maria João Avillez sobre qual a impressão de que Soares ficou de Reagan, o entrevistado é claro: "Era um homem que emanava uma imensa simpatia, com grandes dotes de comunicação, e um formidável ator-político. Não procuro jogar com as palavras: era um ator-político, que sabia à maravilha jogar com os efeitos cénicos, sublinhando as frases e as situações. O seu sucesso político e pessoal advinha-lhe, principalmente, do seu poder de comunicação e da sua grande determinação. (…) Não era um fraco, como nos quiseram fazer crer: lançou a política dos direitos humanos, que tirou a América da defensiva em política internacional. (…)."[171] Parece de concluir que, à semelhança de Cavaco Silva, que Mário Soares não alinhava no discurso de que Reagan era um "lightweight".[172]

[168] Cf., MATEUS, Rui, op. cit., p. 228.
[169] Cf., AVILLEZ, Maria João, *Soares – Democracia*, Círculo de Leitores, 1996, p. 142.
[170] Ibidem.
[171] Ibidem.
[172] Cf. Capítulo I, ponto 3.1 da presente dissertação.

7.2. Carlos Alberto Mota Pinto: um moderado, com fraca capacidade de administrar

Sobre Carlos Mota Pinto, a CIA relatava no memorando "Portugal: Election and Post Election Outlook" que se tratava de um Professor de Direito respeitado, além de ter exercido funções de Primeiro-Ministro (1978-1979) e ainda outras, como, por exemplo, deputado da AR, cuja liderança se iniciara em fevereiro de 1983. Segundo a CIA, Mota Pinto era um "centrista", dividindo a liderança com uma ala mais liberal e outra mais conservadora, o que, segundo a *intelligence* americana, impediria o professor de Direito de se consolidar na presidência do partido.[173] Baseando-se no relato de oficiais da Embaixada dos EUA em Lisboa, a CIA referia que Mota Pinto era ainda um democrata do centro-direita, fortemente anticomunista e recetivo às políticas americanas. Além disso, era visto pelos serviços secretos estadunidenses como um defensor da entrada de Portugal na CEE e da NATO. Sobre as suas qualidades pessoais, era visto pela CIA como um "moderado, pragmático, com capacidade de negociação e metódico". No entanto, a CIA desdenhava da sua qualidade de administrar ou executar.[174]

Uma última nota sobre Carlos Mota Pinto. O professor que, como já referido, permitiu a solução do Governo do Bloco Central, ocupou o lugar de Vice-Primeiro Ministro e de Ministro da Defesa até 15 de fevereiro de 1985, sucedendo-lhe em ambos os cargos Rui Machete. Acabaria por falecer, sensivelmente, três semanas depois, a 7 de maio. Portanto, um dia antes da chegada de Ronald Reagan a Portugal. No dia 9 de maio, após uma reunião com Mário Soares, Reagan observou junto da comunicação que foi com um "sentimento de tristeza que refletimos sobre a morte súbita do antigo Vice-Primeiro-Ministro, Professor Mota Pinto. Era um homem dedicado aos ideais da liberdade individual e da democracia política, e era um defensor da aliança atlântica."[175]

7.3. Francisco Lucas Pires: um jovem carismático, mas demasiado teórico

Sobre Francisco Lucas Pires, a CIA, no memorando já citado, descrevia-o como um especialista em Direito Constitucional, Vice-Presidente do CDS desde 1978 e Presidente do mesmo partido desde fevereiro de 1983. Para além disso, o memorando descreve o percurso político do líder centrista, a saber: deputado na Assembleia da República de 1976 a 1980 e, desde 1981, Ministro da Cultura e da Coordenação Científica.

[173] Sobre uma ala interna do PSD, mais conversadora e opositora à presidência de Mota Pinto, a "Nova Esperança", cf., TELO, op. cit., Vol. II, p.
[174] Cf., neste sentido, cf. "Portugal: Election and Postelection Outlook", p. 3.
[175] V. "Remarks Following Discussions With Prime Minister Mario Soares in Lisbon, Portugal", da Reagan Library, disponível em https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-following-discussions-prime-minister-mario-soares-lisbon-portugal [Consultado a 5 de junho de 2024].

A CIA acreditava que Lucas Pires pretendia reavivar a AD como forma de, ganhando esta coligação a eleição, tornar-se Vice-Primeiro Ministro. Os funcionários da Embaixada dos EUA em Lisboa, transmitiram ainda à CIA que Lucas Pires, na altura com 38 anos, era um "líder carismático" da juventude e dos membros da bancada do CDS, apesar de ser "desorganizado", atribuindo-lhe ainda a qualidade de "lutador". Para além disso, os funcionários consideravam que ele era frequentemente criticado pelos políticos portugueses como sendo "demasiado teórico". É ainda referido naquele documento que Lucas Pires se havia deslocado da extrema-direita para a direita do seu partido, pelo menos de 1980. Sobre este aspeto, há uma dualidade de pensamento: se, por um lado, "alguns funcionários do Departamento de Estado dos EUA considerem esta mudança como um mero reflexo das visões políticas ecléticas de Pires" a CIA, por seu turno, concordava com os funcionários da Embaixada em Lisboa, que afirmavam de "que se trata de uma tentativa calculada para aumentar o seu poder político." No fundo, podemos concluir que a CIA não acreditava nesta mudança de posicionamento ideológico de Lucas Pires. Por fim, quanto a Lucas Pires, a CIA adiantava ainda que era objetivo de líder melhorar as relações do CSD com o PS e com o Presidente Ramalho Eanes. No que diz respeito aos EUA, o documento afirma que Lucas Pires é "bem-intencionado" em relação ao país.[176]

7.4. Álvaro Cunhal: um bom orador e hábil teórico

Secretário-geral do Partido Comunista desde 1961, Cunhal era, segundo o memorando da CIA "uma figura importante do comunismo internacional." A CIA acreditava que os longos anos de atividade clandestina deste ator político, pontuados por prisão, fizeram dele "um defensor dogmático e inflexível da linha de Moscovo, sendo partidário anti-eurocomunista" (Moscow-oriented, anti-Eurocommunist party), e ainda de um governo de "todos os partidos políticos". A CIA acreditava que esta declaração, algo "conciliatória" "era apenas um esforço para reconquistar membros desencantados e melhorar a posição do PCP nas eleições nacionais de 25 de abril"[177]. O documento referia ainda que os funcionários da Embaixada dos EUA diziam que Cunhal havia recentemente rotulado "as recentes iniciativas portuguesas em Moçambique como um "Cavalo de Troia do Neocolonialismo." Por fim, a CIA definia ainda Cunhal como um advogado que nunca exerceu bem como um Ministro "sem pasta" durante os quatro primeiros Governos provisórios do Portugal pós-revolucionário (maio de 1974 a agosto de 1975). Ademais o documento refere a sua eleição consecutiva para a Assembleia da República desde 1976, bem como a sua posição como membro do Conselho de Estado.[178]

[176] Cf., neste sentido, "Portugal: Election and Postelection Outlook", p. 3.
[177] Eleições legislativas de 1983, veja-se.
[178] Cf., neste sentido, "Portugal: Election and Postelection Outlook", p.6.

CAPÍTULO II

8. Os "*passos portugueses*" de Ronald Reagan: das ruas estreitas de Sintra ao insólito caso da gaiola na Assembleia da República

Após toda a contextualização nacional e internacional realizada nos pontos anteriores, dedicámos no Capítulo II a nossa atenção aos "*passos portugueses*" do Presidente Ronald Reagan, analisando um conjunto de temas que, a nosso ver, e atentas as fontes analisadas, foram aqueles que mais marcaram a visita de Estado e que, de certo modo, a podem caraterizar. Ademais, pretende-se trazer uma certa novidade para a presente dissertação. Cientes de que é a primeira vez que, pelo menos a um nível académico, se estuda esta visita de Estado, tentar-se-á, pelo menos, analisar e clarificar os momentos mais importantes da visita, o que significa que não se procederá a uma análise exaustiva, minuto a minuto, das 41 horas que Reagan permaneceu no nosso país. Estamos convictos de que, apesar do interesse despertado, não será possível, pelo menos no âmbito de uma dissertação de Mestrado, proceder a uma narração exaustiva que muito mereceria uma visita de Estado como esta. No entanto, tentamos dar aqui os "*primeiros passos*" para um ulterior trabalho dessa natureza e envergadura.

9. Ronald Reagan em Portugal: o que o trás por cá?

Durante toda a redação da dissertação, uma das questões que nos literalmente perseguiu literalmente até ao fim foi a de saber qual a razão pela qual Ronald Reagan veio permanecer 41 horas a Portugal. De facto, analisando várias fontes, nenhum delas parece dar a resposta. Uma vez que o assunto, como já referimos, não tem sido muito desenvolvido pela Historiografia, cumpre, desta feita, tentar dar uma eventual explicação a esta questão. O Embaixador Hall Temido, no seu livro de memórias, dá uma resposta "desapaixonada", e um tanto racional sobre a vinda de Presidentes americanos a Portugal em geral, constatando que mesmo antes do 25 de abril de 1974, tinha sido uma constante a tentativa de receber Presidentes americanos em Portugal. Segundo o Embaixador, o mérito da realização destas viagens por Portugal, deve-se "(…) em certa medida, ao peso da Espanha no quadro da política externa americana". Washington tem entendido que lhe convém colaborar nestas manifestações de amizade a que as duas capitais peninsulares são muito sensíveis por razões de política interna."[179] Uma outra possibilidade, atenta a explicação que fizemos relativamente à distinção entre visitas de Estado e visitas oficiais, que justifica a vinda de Reagan ao nosso país, poderá ser a regra do precedente, que tivemos a oportunidade de aludir. Esta possibilidade vai ao encontro da publicação do jornal *Tarde* de 8 de maio de 1985, que refere que Reagan vem a Lisboa "(…) a convite de Eanes que esteve nos Estados Unidos

[179] Cf., THEMIDO, João Hall, op. cit., p. 289.

em Setembro de 1983."[180] Por outro lado, a publicação do jornal *Capital* de 8 de maio de 1985 referia que, citando o embaixador dos EUA em Lisboa Allen Holmes, a visita tinha como objetivo demonstrar "(…) ao mundo a amizade entre os povos norte-americano e português."[181] Na verdade, parece que a questão da justificação da vinda, também foi colocada pela própria comunicação social nacional contemporânea ao acontecimento. Num artigo de opinião na *Grande Reportagem*, já após a visita, José Manuel Saraiva afirmava que, "na última edição da "Grande Reportagem", manifestava-se a estranheza pelo facto de ninguém saber ao certo o que veio Reagan fazer a Portugal. As relações entre os dois países eram (e são) excelentes e a participação e manutenção de Portugal na NATO são coisas que não se colocavam em causa. Que outras coisas, portanto, poderiam justificar a vinda do Presidente Reagan? Uma semana já lá vai desde que partiu, e ainda não se obteve resposta para a pergunta." Após fazer uma breve resenha pelos discursos, pelas reuniões havidas entre líderes, José Manuel Saraiva concluiu que a visita não trouxe qualquer tipo de novidade para as relações bilaterais entre Portugal e os EUA, sendo que, muito provavelmente, a ausência de novidade fosse mesmo o objetivo da visita, tanto por comodidade de Reagan, como também para a comodidade dos próprios eleitos portugueses.

Quanto a nós, sem embargo de concordarmos com a tese avançada pelo Embaixador Hall Themido, parece-nos que a visita foi realizada atenta ao quadro das boas relações diplomáticas entre o nosso país e os EUA, havendo, com a realização dessa visita, o objetivo comum de estreitar ainda mais os laços existentes, quando Portugal se preparava para entrar no projeto europeu.

10. O plano da visita

Julgamos conveniente, antes de procedermos à análise dos detalhes da visita de Estado, enunciar em traços gerais a mesma.[182]

Reagan chega a Portugal, Lisboa, a 8 de maio de 1985, pelas 18:15. Após receção no aeroporto militar de Lisboa, por parte de Ramalho Eanes, segue, acompanhado de um cortejo de automóveis, para o Mosteiro dos Jerónimos, onde tem lugar a cerimónia protocolar de receção, com a prestação de honras militares. Após isso, procede à deposição de uma coroa de flores onde se encontram sepultados os restos mortais de Luís Vaz de Camões e, na Sala do Capítulo, são-lhe entregues as Chaves da Cidade de Lisboa por parte de Krus Abecasis, Presidente da edilidade.[183] Depois desta cerimónia, segue para o Palácio de

[180] Cf., publicação do *Tarde* de 8 de maio de 1985.
[181] Cf., publicação do *Capital* de 8 de maio de 1985. No mesmo sentido, v. publicação do *Dia* de 8 de maio de 1985.
[182] Para uma verificação da visita de Reagan a Portugal ao minuto, cf., "Presidential Movements", de maio de 1985, pp. 9-11, disponível no sítio institucional da Reagan Library, através do link https://www.reaganlibrary.gov/public/digitallibrary/dailydiary/1985-05.pdf [Consultado a 25 de agosto de 2024].
[183] A Reagan Library disponibiliza as filmagens realizadas durante a estadia de Ronald Reagan em Portugal, através da sua página na plataforma Youtube. Para a visualização deste momento da visita de Estado, cf. "President Reagan's laying a Wreath at Jeronimos Monastery in Lisbon on May 8, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=jnnvhSA7eAM&t=51s. De sublinhar que, a partir do minuto 1:05 deste documento audiovisual, parece existir uma certa animosidade entre jornalistas portugueses e forças de segurança

Belém, onde se encontra com Ramalho Eanes. No dia seguinte, quinta-feira, 9 de maio, desloca-se à residência oficial do Primeiro-Ministro Soares[184], seguindo, depois, para a Assembleia da República, onde discursa.[185] Após a sessão solene, Reagan segue para o Palácio da vila de Sintra, onde marca presença num almoço oferecido por Mário Soares e Maria Barroso[186]. À tarde, Reagan dá uma conferência de imprensa[187] no Palácio de Queluz. A última etapa deste dia será realizada no Palácio Nacional da Ajuda, onde, em sua honra, foi servido um banquete seguido de receção[188]. No terceiro dia, 10 de maio, Reagan desloca-se ao Palácio Nacional de Queluz para assistir a uma exibição da Associação Portuguesa de Arte Equestre[189] (justificada pelo seu interesse em equitação). Ao fim da manhã, termina o seu périplo pela Europa, realizando-se no aeroporto de Lisboa a cerimónia de despedida.[190]

11. A segurança do Presidente

> "Uma semana antes da sua vinda, chegou a S. Bento uma equipa norte-americana para pareparar a viagem presidencial. Viram tudo e mediram tudo: as paredes, as portas, as diversas dependências, o jardim, os degraus das escadas… (…) Disseram-me que havia, entre o rés-do-chão e o primeiro andar, vinte e tantos degraus, coisa que eu nunca

americanas. Veremos, de seguida, se esta animosidade foi um ato isolado ou se decorreu de forma permanente durante a visita.

[184] Para visualização deste momento, cf. "President Reagan's Remarks with Prime Minister Mario Soares of Portugal on May 9, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=6JdW7sjnyyY.

[185] Para a visualização deste momento da visita de Estado, cf. "President Reagan's Remarks Before the Assembly of the Republic of Portugal in Lisbon on May 9, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=sYm_knZWt9Q.

[186] Para visualização deste momento da visita de Estado, cf., "Toasts by President Reagan and Prime Minister Soares in Lisbon on May 9, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=OoRqgRZyU_Q&t=691s.

[187] Para a visualização deste momento da visita de Estado, cf. "President Reagan gives a Press Conference at the Queluz Palace in Lisbon, Portugal on May 10, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=16CMZ8ePRfo.

[188] Para a visualização deste momento da visita de Estado, cf., "President Reagan and President Eanes Toasts at the State Dinner in Lisbon, Portugal on May 9, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=qQrV2He94YU e ainda "President Reagan's Photo Opportunity with President Eanes in Lisbon on May 9, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=O5LNFPgbJ7I&t=11s.

[189] Para a visualização deste momento da visita de Estado, cf. "Departure ceremony for President Reagan in Lisbon on May 10, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=88eZ6yl3hFY&t=714s.

[190] Para a visualização deste momento da visita de Estado, cf. "The Reagan's Watching the Exhibition of Lucitania Horses in Lisbon on May 10, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=LWa-tkqcsyU.

> pensara! (…) ” (Mário Soares a Maria João Avillez sobre a vinda de Reagan a Portugal) [191]

A visita de Reagan ao nosso país foi organizada sob um aparatoso dispositivo de segurança que, segundo noticiavam vários jornais da época, envolveu mais de quatrocentos agentes norte-americanos e portugueses[192] e, até 1985, era considerada "pelos meios policiais como a maior operação do género jamais realizada" [193], desencadeando "operações de segurança nunca antes vistas em Portugal." [194] Um pouco depois do comunicado da visita de Estado, em fevereiro de 1985, foram realizados vários estudos para a planificação da segurança, tendo chegado a Portugal um corpo de especialistas dos Serviços Secretos dos Estados Unidos. Estes especialistas (que haviam chegado incógnitos) procederam à feitura de um detalhado programa de itinerário, concebido ao minuto, podendo o mesmo ser alterado por razões de segurança. Seguindo a publicação do *Tarde*, de 7 de maio de 1985, os responsáveis de segurança "foram ao ponto de alugar apartamentos e escritórios particulares em edifícios vizinhos daqueles locais, ou de solicitar os respectivos ocupantes a sua vistoria e a colocação neles de agentes." Ironizando com o facto de a segurança pretender passar despercebida, a publicação do jornal *Tal & Qual*, de 10 de maio de 1985, referia que "os agentes de segurança americanos passaram tão despercebidos como uma manada de elefantes à desfilada no Rossio. Eram todos iguaizinhos em estatura, fatos desengonçados, saídos de um pronto-a-vestir, enchumaçados debaixo dos casacos e, não fosse haver dúvidas, dos ouvidos saíam auriculares de quem está a ouvir o relato da bola. (…)."[195]

Já nos dias que antecederam a visita, foram instituídas várias medidas de prevenção em torno do Palácio de Queluz – a residência oficial de Reagan durante a visita de Estado– bem como dos outros locais que iria visitar. De igual forma, também foram adotadas medidas na Embaixada do EUA bem como aos seus funcionários.[196] No que se refere às várias medidas de prevenção no Palácio de Queluz, o jornal *Tal & Qual*, com um tom bastante crítico à segurança implementada pelos americanos, dava a entender que as decisões da segurança portuguesa haviam sido colocadas em lugar secundário, dando como exemplo a visita – cancelada – do Presidente do Egito onde "os agentes do Cairo quiserem colocar blocos de cimento à volta do Palácio de Queluz. (…) As autoridades portuguesas opuseram-se. Os americanos fizeram agora igual exigência. As autoridades portuguesas acederam. E lá estiveram os enormes blocos a evitar que a criança dos Jerónimos trocasse o ramo de flores por um camião carregado de explosivos e o conduzisse, qual "kamikase" até ao quarto de dormir de Reagan".[197]

[191] Cf., AVILLEZ, Maria João, op. cit., p. 142.
[192] Neste sentido, v. a publicação do jornal *Semanário* de 7 de maio de 1985, publicação do jornal *Tarde* de 7 de maio de 1985, e ainda o jornal *Correio da Manhã* de 7 de maio de 1985.
[193] Neste sentido, v. a publicação do jornal *Capital* de 7 de maio de 1985.
[194] V., neste sentido, a publicação do jornal *Dia* de 7 de maio de 1985.
[195] Cf., publicação do *Tal & Qual* de 10 de maio de 1985.
[196] Ibidem.
[197] V., neste sentido, a publicação do jornal *Tal & Qual* de 10 de maio de 1985.

No que respeita aos trajetos, foram também trazidos dos EUA veículos especiais, como a limosine presidencial à prova de bala, bem como um helicóptero especial previsto para qualquer necessidade eventual. Aqui, em caso de emergência, foi constituída também uma equipa médica e de enfermagem, tendo ainda sido preparada uma sala de tratamento intensivo do hospital de Santa Cruz, em Carnaxide, em caso de emergência cirúgica do Presidente americano.[198]

Relativamente à alimentação presidencial, esta também seria alvo de rigorosa segurança. Todas as refeições do Presidente – mesmo aquelas em que foi convidado - foram concebidas por um *Chef* da Casa Branca. O procedimento adotado é este: os pratos são exatamente os mesmos para os comensais, mas o do Presidente é confecionado pelo *Chef* indicado. Assim, evitar-se-ia, por exemplo, uma tentativa de assassinato por envenenamento.[199]

Um outro aspeto relativo à segurança prende-se com *um certo retardar* da divulgação do programa oficial da visita de Estado. Ao que parece, a sua divulgação só ocorreu pouco tempo antes de Reagan chegar a Portugal. Disso deu conta a comunicação social portuguesa, referindo-se que este retardar da divulgação se devia a motivos de segurança do próprio Presidente Reagan.[200] Na verdade, atento todo o historial de tentativas de assassinato a Presidentes dos EUA, uma deles culminando na morte do Presidente Kennedy em 1963, em Dallas, Texas, seria natural que toda a atenção fosse redobrada.[201]Mas mais ainda: Reagan, pouco tempo depois da sua eleição como 40.º presidente estadunidense, sofreria, também ele, uma tentativa de assassinato que, por muito pouco, não resultou na sua morte. Voltaremos a este assunto em ponto ulterior.

Todo este aparato de segurança ao presidente estadunidense, não escaparia ao olhar dos jornalistas portugueses que, em dado momento, se sentiriam discriminados em relação aos seus homónimos americanos. Seguindo a publicação do jornal *Diário*, de 9 de maio de 1985, "os jornalistas portugueses foram ontem [dia 8 de maio], no primeiro ato público da visita, vítimas de inqualificável discriminação em relação aos jornalistas americanos.[202] Os profissionais portugueses aguardavam autorização para entrarem no "redil"[203] montado pela segurança em frente do Mosteiro dos Jerónimos quando chegou um autocarro de jornalistas americanos que acompanharam Reagan e que passaram à frente dos portugueses sem serem submetidos a qualquer verificação da segurança." A publicação do jornal *Tal & Qual* de 10 de maio de 1985, vai mais longe, reportando-se à segurança americana como "Gorilas de Reagan" que parecem "cowboys", afirmando que todo o teatro operacional "foi um triste espetáculo de medo e

[198] V., neste sentido, a publicação do jornal *Dia* de 7 de maio de 1985.
[199] Cf., neste sentido, publicação do jornal *Diário Popular* de 8 de maio de 1985.
[200] Cf., neste sentido, a publicação do jornal Dia de 7 de maio de 1985.
[201] Cf. a publicação do *Diário Popular* de 8 de maio de 1985 que refere que Hinkley, o fantasma do Presidente, também esteve em Lisboa durante a visita, numa clara alusão à tentativa de assassinato a Reagan, em 1981, e o consequente aumento do nível de segurança.
[202] Cf., neste sentido, publicação do jornal *Diário*, de 9 de maio de 1985
[203] Sobre a situação do "redil", v. publicação de 10 de maio de 1985 do jornal *Tal & Qual* onde é escrito que "(…) um major adstrito da PSP fez questão de ser rigoroso com os jornalistas, arrebanhados num redil delimitado por gradeamentos. "Cá fora não quero ninguém. Todos para a jaula." (…)."

violência latente, estranho em Portugal." A publicação referia ainda que, apesar de Reagan não ter levado nenhum tiro, a sua imagem ficou "ferida com alguma gravidade".[204] Mas este comportamento por parte da segurança americana foi ainda mais longe, ao ponto de os cavalos utilizados para a demonstração equestre realizada pela Escola Portuguesa de Arte Equestre no Palácio de Queluz terem que passar, também eles, pelo detetor de metais.[205]

Apesar de existir consenso, mesmo antes da realização da visita de Estado a Portugal, de que esta seria a etapa mais calma do périplo europeu – afirmava toda a comunicação nacional e internacional mesmo antes da visita[206] -, a verdade é que tal não fez com que o forte dispostivo de segurança fosse de alguma forma reduzido, existindo, inclusivamente, fatores de preocupação específicos portugueses, a saber: i) a realização de protestos e manifestações contra a vinda de Reagan a Portugal; ii) ações por parte das Forças Populares 25 de Abril (FP-25); iii) ações por parte de extremistas líbios e, por fim, iv) o comportamento da comunicação social portuguesa, definida pela segurança do Presidente como "tradicionalmente indisciplinada". Importa agora, analisar de forma mais detalhada, as preocupações americanas.

11.1. Detenções, protestos, apelos, manifestações, e ataques bombistas aquando a vinda de Ronald Reagan a Portugal

11.1.1. Detenções pré-visita de Estado

Mesmo antes de aterrar em solo português, a vinda de Ronald Reagan resultou em detenções. Um grupo de 18 jovens foi detido no dia 7 de maio pela PSP de Queluz, quando se encontravam a colocar cartazes para divulgação de uma vigília contra a vinda do Presidente Reagan a Portugal. Além destes 18 jovens, outros 3 foram detidos quando se encontravam a proceder à distribuição de panfletos contra a visita de Estado. Apesar de a PSP de Queluz ter afirmado que as detenções se haviam realizado apenas e só com o intuito de proceder à identificação dos jovens, tal facto causou uma certa revolta e indignação por parte dos habitantes daquela zona que, ao verem o sucessido, se juntaram em frente do quartel da PSP, cantando o Hino Nacional. Na zona de Lisboa, segundo a publicação do *Coméricio do Porto* de 9 de maio de 1985, foram também detidos vários jovens quando procediam à logística referente à realização da vigília "Três horas pela paz", realizada no dia 9 de maio.[207] O Partido Comunista Português Reconstruído (PCPR) também comunicou que alguns dos seus militantes foram detidos quando procediam à colocação de cartazes em Sete Rios, contrários à vinda de Reagan. O partido deu conta que

[204] Cf., neste sentido, a publicação do *Tal & Qual* de 10 de maio de 1985.
[205] Cf., neste sentido, a publicação do *Diário Popular* de 8 de maio de 1985.
[206] Cf., neste sentido, a publicação do *Coméricio do Porto* de 9 de maio de 1985.
[207] Ibidem.

alguns dos cartazes, que continham frases como "Reagan assassino" e "Fora Daqui!" foram apreendidos, numa atitude que o partido considerou uma "medida repressiva no quadro da liquidação das liberdades democráticas do Governo PS/PSD."[208] Também a Juventude Comunista Portuguesa (JCP), através de comunicado, repudiou de forma veemente as detenções, afirmando que se tratava de uma ação contrária aos direitos e às liberdades dos cidadãos expressos na Constituição da República Portuguesa. Por seu turno, a PSP justificava as detenções dos que colavam ou pintavam inscrições com o facto de serem "ofensivas à honra de Reagan", violando ainda normas legais que que impedem ofensas a Presidentes estrangeiros.[209] Por seu turno, o Presidente da Câmara Muncipal de Lisboa, Krus Abecassis, referiu que "alguém na madrugada de hoje [7 de maio] escreveu nas paredes dos Paços do Concelho frases injuriosas para com o Presidente Reagan e que se tornam também ofensivas para a cidade que o recebe," considerando que "quem quer que o tenha feito, fê-lo certamente a mando de alguma organização que não deve ser alheia às pessoas que com responsabilidades políticas na cidade e no país tem criticado a vinda do Presidente dos EUA", concluindo ainda que aqueles atos de destruição do património merecem "todo o nosso repúdio, tanto mais que até hoje nunca qualquer força política tinha agredido com qualquer tiro de pintura ou colagem esta casa que é de todos nós e que constitui património que se orgulha o povo português".[210]

11.1.2. As manifestações na baixa lisboeta

Das nossas investigações, foi possível verificar que as manifestações "anti-Reagan" realizadas em Portugal, mais precisamente em Lisboa, vão ao encontro daquelas que se fizeram sentir um pouco por toda a Europa do Ocidente dos anos 80: o medo de que a escalada de tensão, perpetrada por discursos mais aguerridos e agressivos por parte de Reagan, resultassem na utilização de armas nucleares. Assim sendo, cremos que não será despiciendo relembrar aquilo que se referiu no ponto referente às relações entre a Administração Reagan-Bush e os países da Europa do Ocidente, em especial, a explicação dada pelo Historiador Robert McMahon, relativamente aos Movimentos pela Paz um pouco por toda a Europa. Uma publicação do *Jornal de Notícias* de 9 de maio de 1985 parece ir ao encontro desta tese. Segundo a publicação "(…) a visita do Presidente Ronald Reagan a Portugal tem aqui suscitado, um pouco como nos restantes países europeus por onde passou, um rol de protestos. Entre pichagens contra o Presidente e a política da sua administração e meras declarações de protesto".[211] Teremos oportunidade, nas linhas que se seguem, para além de tentar reconstruir as manifestações portuguesas,

[208] Cf., publicação do *Diário Popular* de 7 de maio de 1985.
[209] Cf., a publicação do *Coméricio do Porto* de 9 de maio de 1985.
[210] Ibidem.
[211] Cf., publicação do *Jornal de Notícias* de 9 de maio de 1985

fazendo-o, através do cotejeamento das várias publicações da imprensa da época, verificar se, para além do receio da escalada do conflito entre os EUA e a URSS para um nível nuclear (que é comum a outros manifestantes de outros países europeus), existia, por parte dos manifestantes portugueses alguma reivindicação específica portuguesa relativa à vinda de Reagan. Tentaremos, portanto, verificar se dentro deste "receio homogéneo europeu" havia, para além disso, um "receio específico português", atenta, por exemplo, a disponbilização da base das Lajes para operações americanas, e ainda reivindicações específicas de grupos portugueses, sobre situações específicas que julgariam necessário a intervenção (ou não) dos EUA. No fundo, tenta-se verificar se exisitaram, por parte da sociedade civil portuguesa, apelos ao Presidente Reagan no que se refere a questões onde Portugal, por laços históricos ou outros, por exemplo, se solidarizava.

Podemos afirmar que o grosso das manifestações "anti-Reagan" se deram na capital do país. Nesse sentido, Lisboa receberia pessoas de toda a parte rumo àqueles eventos. Cumpre agora verificar *como, quando* e *onde* ocorreram, para depois nos debruçarmos sobre o *porquê* de terem ocorrido. Da análise aos jornais da época, exisitiram duas manifestações distintas: a manifestação que se concentrou apenas no Rossio, e que havia sido idealizada pela União dos Sindicatos de Lisboa, pelo Movimento Não às Armas Nucleares, pela União dos Resistentes Antifascistas Portugueses , pelo Movimento Democrático de Mulheres e, por último, pela Comissão de Paz de Lisboa. O *Diário de Lisboa* de 7 de maio de 1985 dava conta que, à última hora, também a UDP aderiu à referida manifestação. O objectivo desta manifestação foi convocada "tendo em vista a defesa da vida e a segurança dos portugueses contra o trânsito e estacionamento de armas nuclares, a corrida aos armamentos e à guerra das estrelas, em solidariedade com a Nicarágua e pela independência nacional."[212] Portanto, quer isto significar que manifestantes portugueses comungavam dos mesmos temores de outros manifestantes de outros países europeus – eis um exemplo daquilo que designámos mais acima como "receio homogéneo europeu" no que concerne à escalada nuclear, mas também a uma crítica à "Doutrina Reagan" em países do Terceiro Mundo.

A segunda manifestação (que percorreu a Rua Augusta até chegar Rossio), marcada uma semana antes da chegada de Reagan, teve como organizadores vários grupos de teatro, grupos de cultura, grupos de pacifistas e ainda grupos de solidariedade para com os povos da América Latina que, com teatro, música, fogo-de-artifício e "robertadas" demonstraram a sua posição antiamericana, fazendo-se se ouvir desde a Rua Augusta até ao Rossio, sendo, na sua maioria, muito jovens e considerados da esquerda "não alinhada" ou "festiva".[213] Foi construída uma cabeça de grandes dimensões de Ronald Reagan, de esferóvite, que acabou no chão, espezinhada pelos manifestantes. Cartazes com slogans antiamericanos como "Ave Reagan, morituri te salutant" – "os que vão morrer" saudam Reagan", bandeiras negras e vermelhas adornavam o acontecimento. Para além disso, exisitiram palavras de ordem contra Reagan,

[212] Cf., publicação do *Diário de Lisboa* de 7 de Maio de 1985.
[213] Cf., publicação do do *Diário Popular* de 10 de maio de 1985.

como "Ò Reagan vai para a rua que esta terra não é tua!". Outros manifestantes transportavam, nas costas e no peito, letreiros com as inscrições "Reagan- o teu papel de actor é o higiénico", "Reagan inimigo/Hitler está contigo", "Reagan, rancor provaca rugas" e ainda "Os portugueses são suaves mas os ditadores são provisórios." Também uma peça de teatro foi realizada por alunos da Escola de Artes Decorativas António Arroio, tendo como tema um combate entre os EUA e a URSS, com mísseis, ambos condenados pelo grupo de teatro.[214]

O encerramento da parte do comício da manifestações esteve a cabo de Luís Moita, dirigente do Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC) que referiu a temática da ingerência americana na Nicarágua e em Granada, a falta de respeito pelos direitos do povo de Timor-Leste, a militarização do espaço, através da "Guerra das Estrelas", à "louca corrida ao armamento", e à política de austeridade, comandada pelo FMI. Após este discurso, procedeu-se à destruição da cabeça gigante de esferovite do Presidente americano, onde, após ser deitado ao chão, foi espezinhada por vários manifestantes.[215]

Para além das manifestações ocorridas em Lisboa, foi-nos possível, através das nossas investigações, verificar a realização de outros protestos, apelos, e envios de cartas, por organizações específicas da sociedade portuguesa. Assim, tentaremos reconstruir essas ações específicas por parte dessas agremiações.

11.1.3. Associação Portuguesa de Ecologistas Amigos da Terra

Esta Associação procedeu a um protesto de jejum, através dos seus corpos dirigentes (António Elói, António Franco, e Gertrudes Silva), que, para além do jejum de alimentos sólidos durante as 41 horas portuguesas de Reagan, solicitaram à Embaixada dos EUA em Lisboa uma audiência com o Presidente americano com o objetivo de abordar o tema dos mares, do ar, da fome e da guerra em diversos pontos do mundo.[216] Apesar desta solicitação, não logrou acontecer qualquer encontro. Como já verificámos, o programa da visita era bastante rígido, desenhado ao minuto, pelo que não havia qualquer hipótese de furar o protocolo previamente estabelecido.

11.1.4. Movimento Democrático das Mulheres (MDM)

[214] Ibidem.
[215] Cf., neste sentido, a publicação do *Diário de Lisboa* de 10 de maio de 1985.
[216] Cf., neste sentido, a publicação do *Comércio do Porto* de 8 de maio de 1985.

Além desta agremiação, foi possível apurar que uma outra, o MDM – Movimento Democrático das Mulheres, enviou uma carta a Reagan, manifestando o seu descontentamento e apreensão com a possibilidade de instalação de bases norte-americanas em território nacional. A carta enviada a Reagan referia que o MDM pretendia ver "os nossos campos floridos de terras cultivadas e não de armas, porque o que nos interessa é um país sem armas nucleares, sem bases estrangeiras, porque não queremos guerras e defendemos que a corrida aos armamentos deve terminar."[217]

11.1.5. Movimentos Solidários com Timor-Leste

Um outro apelo a Reagan, veio dos Movimentos Solidários com Timor-Leste, a saber, a Comissão para os Direitos do Povo Maurebe e o Grupo Paz e Justiça para Timor-Leste. Como se sabe, Timor-Leste havia sido invadido pela Indonésia em 1975[218]. Segundo uma publicação do *Capital*, de 8 de maio de 1985, estes Movimentos apelaram aos órgãos de soberania nacionais, para levarem a questão junto da Administração Reagan para que se procedesse a "um empenhamento real e activo" na defesa do povo timorense e da sua autodeterminação. Dando uma conferência de imprensa, este movimento revelou que havia escrito uma carta ao Presidente da República, ao Presidente da Assembleia da República, ao Primeiro-Ministro, e ainda ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, com o intuito de expressarem "ao Presidente dos E.U.A a sua vontade em assumirem a responsabilidade histórica que lhes cabe em fazerem respeitar o direito, reconhecido pela comunidade internacional e pelos próprios E.U.A, do povo Maurebe a se autodeterminar" [219] A carta enviada aos órgãos de soberania nacionais, referia ainda ainda que "os Estados Unidos têm sido os principais fornecedores de armamento às tropas indonésias, que o utilizam no seu combate à resistência que o povo de Timor-Leste impõe à anexação."[220] Sobre o conflito ocorrido em Timor-Leste, os apelos a Reagan não vinham apenas do nosso país. Na verdade, seguindo a publicação do *Comércio do Porto* de 8 de maio de 1985, "também um grupo de 131 deputados norte-americanos (onde se incluía o deputado Tony Coelho, da Califórnia, neto de portugueses) pediu "(…) ao Presidente americano que aproveite a visita a Portugal para manifestar preocupação dos Estados Unidos pela "tragédia de Timor-Leste".[221] Ademais, esta publicação refere que, tanto da parte de democratas como de republicanos, a visita de Reagan seria "uma excelente oportunidade para se pedir que a comissão internacional da Cruz Vermelha possa ter livre acesso a todo o território de Timor-Leste." Na verdade, desde agosto de 1983, a Cruz Vermelha "tem sido impedida de forneceder alimentos e medicamentos à população timoresne que, nos últimos dez anos já sofreu um mínimo de cem mil

[217] Ibidem.
[218] Para um maior desenvolvimento da questão de Timor-Leste e a ação internacional portuguesa, cf., TELO, António José, op. cit. Vol. II, pp. 232-237.
[219] Cf., publicação do *Capital* de 8 de maio de 1985
[220] Cf., publicação do *Comércio do Porto* de 8 de maio de 1985.
[221] Idem. Cf., no mesmo sentido, a publicação do *Diário de Notícias* de 8 de maio de 1985.

mortos."[222] O antigo Administrador Apostólico da Diocese de Dili , Monsenhor Costa Lopes, mostrou igual preocupação com a situação em Timor-Leste, referindo a atenção de Ronald Reagan para a "destruição do povo de Timor-Leste".[223]

11.1.6. O ataque bombista à Rádio Europa Livre

A comunicação social da época coeva à visita reporta-se, dentro dos movimentos "anti-Reagan" a um acontecimento ocorrido na Glória do Ribatejo, Santarém, onde se deu um ataque bombista, que, segundo uma publicação do *Jornal de Notícias* de 9 de maio de 1985 terá sido "inspirado" por Ronald Reagan[224]. Numa publicação do *Diário Popular* de 8 de maio de 1985, sob o título "Manifestações Anti-Reagan – Bombas rebentam em Rádio Americana" é referido que um auto-denominado porta-voz do Grupo Anticapitalista e Antimilitarista reivindicou, na manhã do dia 8 (de maio de 1985), "(…) a autoria do atentado contra duas antenas da Rádio Europa Livre, em Glória do Ribatejo, emissora americana que difunde programas de propaganda em direcção aos países de leste. (…) O auto-denominado porta-voz afirmou que "no momento em que Reagan visita o País da Europa que tem seguido uma política de maior dependência em relação ao interesses americanos", o Grupo Anticapitalista e Antimilitarista", na sua primeira ação chama a atenção das pessoas para "não se deixarem envolver com a sua passividade, por esta política que as atira para uma condição de miséria económica." (…) ".[225] Na publicação *Jornal de Notícias* de 8 de maio de 1985 é ainda escrito que o porta-voz referiu que "Soares, Reagan ou o Embaixador Frank Shakespeare podem programar fazer deste país o que quiserem, mas devem ter a certeza de que nem todos se deixarão submeter às ordens do capital multinacional (…).[226] "Apesar do aparato, segundo "um funcionário da empresa responsável"[227] "as instalações não foram afetadas"[228] e, segundo Paul North, gerente da Rádio Europa Livre, "a explosão provocou estragos insignificantes."[229] [230]

11.1.7. Ações por parte das Forças Populares 25 de Abril (FP-25)

[222] Cf., neste sentido publicação do *Primeiro de Janeiro* de 8 de maio de 1985.
[223] Cf., neste sentido publicação do *Comércio do Porto* de 9 de maio de 1985 e publicação do *Jornal de Notícias* de 9 de maio de 1985.
[224] Cf., publicação do *Jornal de Notícias* de 8 de maio de 1985.
[225] Cf., publicação do *Diário Popular* de 8 de maio de 1985.
[226] Cf., publicação do *Jornal de Notícias* de 8 de maio de 1985.
[227] Cf., publicação do *Diário Popular* de 8 de maio de 1985.
[228] Ibidem.
[229] Cf., publicação do *Jornal de Notícias* de 8 de maio de 1985.
[230] Para uma análise académica sobre a questão do atentado às instalações da RARET na Glória do Ribatejo, cf. a obra de Vítor Madail Herdeiro, aluno desta Casa, com o título *RARET - A Guerra Fria Combatida a Partir da Charneca Ribatejana*, Edições 70, 2021.

Outra especificidade portuguesa, motivo de atenção por parte da segurança americana, tinha que ver com as FP-25, que, segundo a CIA, era considerada como a principal organização terrorista do país, como tivemos oportunidade de analisar. O receio da segurança americana relativamente a esta organização, tinha que ver com o facto de a mesma já ter procedido a ataques a instalações norte-americanas, pelo que seria de esperar que, aquando da vinda de Reagan, existisse uma maior probabilidade de tais ataques serem perpetrados.[231]

11.1.8. Ações por parte de extremistas líbios

Pese embora, à primeira vista não haja relação entre Portugal e a Líbia, acontece que, dias antes da vinda de Reagan, verificaram-se sobrevoos em helicópretos, na zona de Lisboa, por alunos-pilotos daquela nacionalidade.[232] Como explicar a relação e o receio da segurança? Anos antes, mais precisamente em 1981, Ronald Reagan tinha afirmado que não se devia "descartar" a possibilidade de serem perpetrados ataques contra a sua vida por parte de extremistas líbios. Nesse ano foram surgindo informações de que grupos de agentes líbios e outros extremistas poderiam tentar infiltrar-se nos Estados Unidos para atentar contra a vida do Presidente Reagan. Os relatórios da *intelligence* estadunidense apontavam também para a possibilidade de agentes líbios organizarem ataques contra altos funcionários norte-americanos. A partir desse momento, a proteção física do Presidente foi reforçada. Numa entrevista concedida ao *The Cleveland Plain Dealer,* nesse mesmo ano, Reagan foi questionado sobre se acreditava nas notícias de que o líder da revolução líbia, Muammar Qaddafi, teria enviado esquadrões de assassinos para atentar contra a sua vida e a vida de outras figuras políticas americanas proeminentes. "Quanto às ameaças contra mim", respondeu Reagan, "penso que, tendo em conta o que sabemos, não podem ser descartadas de imediato."[233]

11.1.9. O comportamento da comunicação social

Por fim, a segurança americana falava de uma "certa indisciplina da comunicação social portuguesa"[234]. Sobre este aspeto, o receio da segurança recaía na possibilidade de existirem falsos jornalistas nos locais de cobertura informativa do evento. Ademais, havia receio de que algum jornalista um pouco mais

[231] Cf., neste sentido, publicação do *Dia* de 7 de maio de 1985 e ainda publicação do Capital de 7 de maio de 1985.
[232] Ibidem.
[233] Cf., neste sentido, publicação do *El País* de 4 de dezembro de 1981.
[234] Esta adjetivação por parte da segurança americana é referida por grande parte da comunicação social portuguesa. Nesse sentido, cf., a título de exemplo, a publicação do *Tarde* de 7 de maio de 1985 e a publicação do *Capital* de 7 de maio de 1985.

entusiasmado e imbuído de vontade de conhecer aquilo que não era permitido aceder, escapasse do "redil". Uma vez que já tivemos oportunidade de verificar de que modo a segurança americana tratou a comunicação social portuguesa, e que, pelas várias fontes analisadas e já citadas, é de concluir que esse tratamento não foi imbuído de qualquer sentimento de urbanidade e respeito.

12. A posição dos partidos políticos portugueses relativamente à visita de Ronald Reagan a Portugal

Feita uma análise às manifestações e apelos ocorridos em Lisboa, aquando da estada de Reagan, cumpre agora mostrar os resultados da nossa investigação no que respeita ao *modo* como os partidos políticos portugueses reagiram à visita de Estado de Reagan a Portugal. Na verdade, atentos os nossos estudos, podemos desde já adiantar que não existiu um consenso por parte dos partidos políticos, bem como dos seus representantes. Cumpre, assim, proceder à análise dessas várias posições.[235]

12.1. A posição do PS e dos quatro deputados eleitos da UEDS

Apesar de o líder do PS ser o primeiro-ministro, não quer isto significar que, dentro do próprio PS, tenha havido consenso no que respeita à vinda do Presidente Reagan. Além disso, não nos podemos olvidar que a lista que o PS apresentou nas eleições legislativas de 1983 incluía partidários da UEDS, o que também não quer significar, como veremos, que tivesse existido uma opinião convergente sobre a realização da visita de Estado. No que respeita a este último partido, podemos afirmar que a sua posição relativamente à vinda de Ronald Reagan a Portugal era de que essa visita não se deveria realizar. Os UEDS foram até mais longe, não participando na sessão solene da Assembleia da República.

No que concerne à posição oficial do PS, este partido saudou a deslocação do Presidente Reagan a Portugal, qualificando-o como "visita do mais alto dignatário de um país aliado e amigo de Portugal.", e relembrando que os EUA "muito contribuíram para a derrota do nazismo na Segunda Guerra Mundial". O comunicado deste partido prosseguia, afirmando que "para a salvaguarda da democracia na Europa nos últimos 40 anos, muito têm contribuído também os Estados Unidos, de que a Europa reconhecidamente ainda depende, em termos de proteção contra a ameaça totalitária comunista."[236] No entanto, apesar desta tomada de posição oficial do partido, que via os EUA como a visita de um país "amigo", podemos afirmar que a tomada de posição de alguns deputados do PS não foi ao encontro da

[235] A ordem pela qual analisamos as posições dos partidos, tem em conta os resultados obtidos por estes nas eleições legislativas de 1983.
[236] Cf., neste sentido, publicação do *Jornal de Notícias* de 9 de maio de 1985.

posição oficial, tal como não foi a posição da juventude do partido. Na verdade, como já tivemos oportunidade de verificar aquando da breve análise da visita de Reagan à Alemanha Federal, um conjunto de deputados do PS, onde se incluía Manuel Alegre, teceram duras críticas à presença de Reagan no cemitério onde se encontram depositados os restos mortais de elementos das SS. Seja como for, tal comportamento por parte de Reagan, não levou a que estes deputados se ausentassem da sessão solene, como o fizeram os deputados da UEDS. Relativamente à Juventude Socialista, justifica-se que a marcação de manifestações contra Reagan se deveu, essencialmente à questão da política externa colocada em prática por Reagan relativamente à América Latina. Por outro lado, e tomando posição expressa sobre o assunto a JS manifestou a sua posição de defesa do direito de todos os países à escolha dos respetivos caminhos e à definição do próprio futuro. Por outro lado, a JS manifestou preocupação relativamente à "corrida ao armamento, de níveis incomportáveis, dos arsenais bélicos, de que são os principais responsáveis os EUA e a URSS." [237]

Por fim, como já aludimos, a UEDS não se fez representar na Assembleia da República, aquando da sessão solene pela vinda de Ronald Reagan. Essa ausência justificou-se com as atitudes de Reagan relativamente à Nicarágua, bem como a decisão de Reagan em visitar o cemitério de Bitburg. No entanto, através do líder parlamentar Lopes Cardoso, tais ações não impediram este partido de considerar a realização da visita como, "em princípio", um contributo para o reforço da amizade entre Portugal e os EUA. Relativamente à presença de Reagan na Assembleia da República, o grupo parlamentar da UEDS, manifestou o seu desacordo e protesto em relação a uma "política que ignora os valores da democracia e os direitos humanos sempre que estes chocam com os direitos de quem os serve."[238]

12.2. A posição do PPD/PSD

Ao contrário daquilo que tem sido a tradição portuguesa relativa à dicotomia Governo – Oposição, em que PS e PSD (por vezes coligado com outros partidos) vão rodando entre si estas posições, a verdade é que, atenta a coligação que saiu da eleição de 1983, o PPD/PSD era um partido integrante do Governo. De notar que, atenta esta coligação, o PPD/PSD estaria de certa forma colocado numa posição de alinhamento para com as visões do líder do PS, Mário Soares, também ele Primeiro-Ministro, portanto, numa posição de *subalternaria.*

A comunicação social não deixou de notar este detalhe. O jornal *Expresso,* numa publicação de 4 de maio de 1985, dava nota que o protocolo marginalizaria o PSD aquando da vinda de Reagan. Adiantava a publicação que "(…) o esquecimento a que será vedado o PSD em toda a visita (sob a

[237] Cf., neste sentido, publicação do *Comércio do Porto* de 9 de maio de 1985 e publicação do *Diário de Lisboa* de 4 de maio de 1985.
[238] Cf., neste sentido, a publicação do *Diário de Notícias* de maio de 1985.

alegação de participar na coligação), enquanto o CDS terá direito a um encontro com Reagan (…), são gestos interpretados por alguns observadores como opções protocolares de marcado significado e que correspondem "a uma certa visão da Casa Branca" sobre a política portuguesa, através da qual será o actual primeiro-ministro a tirar os maiores dividendos. (…)"[239] Numa publicação do *Diário de Lisboa*, de 13 de maio de 1985, sobre o rescaldo da visita de Reagan, também se escrutina o facto de o Presidente americano ter privilegiado, de certo modo, o CDS e o seu líder Lucas Pires em detrimento de outros partidos ou até do próprio PSD. Segundo a publicação "(…) pareceu-nos estranho que o Presidente dos EUA não tenha tido a mesma atenção que dispensou a Francisco Lucas Pires para com o Presidente do partido socialista ou para com Rui Machete (Presidente do Partido Social-Democrata), sendo abusivo, sem dúvida, considerar que a conversa com Mário Soares cobria a área das formações políticas coligadas (…)."[240]

12.3. A posição dos partidos que constituem a Aliança Povo Unido

Como já tivemos oportunidade de referir, a APU foi uma coligação formada por um conjunto de três partidos: o Partido Comunista Português, o Movimento Democrático Português/ Comissão Democrática Eleitoral (MDP/CDE) e, também pelo Partido Ecologista "Os Verdes". Cumpre, agora, analisar a posição manifestada por cada um destes partidos.

São vários os documentos e vários os comunicados onde o PCP se manifestou e condenou de forma veemente a visita de Ronald Reagan a Portugal. Face às pesquisas efetuadas aos jornais da época e outros documentos, este foi sem dúvida o partido com assento parlamentar que mais oposição fez à vinda do Presidente estadunidense. E fê-lo, não só através de palavras escritas, mas também de ações, fossem elas no Parlamento português onde, como teremos oportunidade de verificar, os deputados abandonaram o hemiciclo, ou através da adesão às manifestações que se fizeram sentir por Lisboa.

A que se deve, então, esta postura por parte do PCP? Segundo um comunicado deste partido, as razões desta posição fundamentaram-se "tanto na natureza e nos objetivos da atual política externa americana como também no contexto e condicionalismo que rodeiam esta viagem do Presidente norte-americano à Europa Ocidental e a Portugal em particular", concluindo que esta oposição à vinda de Reagan constituía um "justo imperativo de brio patriótico e de defesa da dignidade nacional (…)."[241] Para além disso, este partido considerou que a visita de Reagan a território português, significava "a presença em Portugal do principal responsável da política que, nos últimos anos, tem causado enormes perigos à paz mundial e conduzido a situação internacional a uma grave e perigosa tensão." O PCP

[239] Cf., Jornal *Expresso* de 4 de maio de 1985.
[240] V. publicação do *Diário de Lisboa*, de 13 de maio de 1985.
[241] V., neste sentido, publicação do *Diário de Lisboa* de 7 de maio de 1985.

reportava-se ainda ao facto de "o prosseguimento da instalação de mísseis americanos de alcance médio na Europa Ocidental; a tentativa de criar uma nova espiral na corrida aos armamentos com o tenebroso projecto de militarização do espaço; o anúncio de novas e provocatórias operações na Nicarágua são exemplos recentes e significativos da política norte-americana (…) que fundamental, só por si, a justeza da oposição e condenação à visita do Presidente norte-americano."[242] Para além deste comunicado, dos pedidos de adesão da população às manifestações a ocorrer em Lisboa, o PCP foi mais longe, exigindo a renegociação dos acordos militares entre Portugal e os EUA. Para tal, o PCP apresentou na Assembleia da República, um projeto de lei determinando a renegociação de todos os acordos de defesa ou com incidência militar entre os dois países. Numa nota enviada à imprensa portuguesa, o PCP, através da sua Comissão Política, afirmou ter procedido ao exame "das implicações da situação criada pela política de cedências prosseguida pelo Governo PS-PSD nas negociações com os Estados Unidos quanto ao uso militar do território português, bem como dos vícios de que enferma o processo e os instrumentos jurídicos dele resultantes e subsequente proliferação de atividades militares ilegítimas dos Estados Unidos da América em Portugal." Para além disso, o PCP afirmava que os Acordos de Defesa não nunca poderiam ter entrado em vigor, pois que "uma vez que não obedecem às disposições claramente expressas na Constituição, não entraram em vigor em 4 de fevereiro de 1984, (…) não conferem aos Estados Unidos quaisquer direitos de legítima utilização do território nacional e não vinculam o Estado português."[243] O PCP, através do *Avante*, denominou ainda Reagan de "amigo americano de Soares & C.ª Lda.", considerando a visita de Estado como uma "vergonha e um fiasco".[244] Uma outra publicação do *Avante* mostra um retrato de corpo inteiro de Reagan, vestido de gangster, com uma carabina na mão e uma bomba na outra.[245]

Por fim, podemos adiantar que o PCP se juntou à UEDS e também não participou na sessão solene em honra a Ronald Reagan. No entanto, ao contrário da UEDS, o PCP esperaria a entrada de Reagan na Assembleia da República para se retirar. Esta tomada de ação do PCP mereceu um comentário do Presidente americano, como veremos. De igual forma, o deputado dos "Verdes", iria mais longe, preconizando aquilo que designámos por "o caso insólito da gaiola". Desenvolveremos, em ponto ulterior, esta questão, quando procedermos à análise do discurso proferido por Reagan na Assembleia da República.

12.4. A posição do CDS

O partido político que mais defendeu e saudou a vinda de Reagan a Portugal foi o CDS. Este partido, assente numa matriz cristã, baseado na Doutrina Social da Igreja, tomou posição sobre a vinda do

[242] Cf., publicação do *Diário* de 7 de maio de 1985.
[243] Cf., neste sentido, a publicação do *Diário* de 9 de maio de 1985 e a publicação do *Avante* de 9 de maio de 1985.
[244] Cf., publicação do *Avante* de 16 de maio de 1985.
[245] Cf. publicação do *Avante* de 9 de maio de 1985.

Presidente estadunidense através de um comunicado. Este documento demonstrava a importância da vinda do Presidente Reagan a Portugal "no quadro da defesa da liberdade, tão cara e essencial à nossa própria independência e projeção como País." O comunicado prosseguia, afirmando que "perante regimes socialistas crescentemente vulneráveis económica e militarmente, nomeadamente na Europa do Sul, que propiciam o crescimento pacifista e neutralista, a visita do Presidente norte-americano deverá ter também o significado de reforço das alternativas de liberdade do tipo que o nosso partido representa e defende."[246] O CDS reportava-se ainda ao facto de que "a defesa activa dos interesses portugueses, e em particular da nossa posição geoestratégica, e a contribuição mais positiva para a estabilidade das relações entre os dois países, não deve ser subordinada a qualquer estratégia meramente partidária."[247]

Já a juventude do partido, a Juventude Centrista (JC), através de um comunicado, manifestou também regozijo pela visita do Estado americano. Segundo a JC, a visita de Reagan tratou-se de "um marco fundamental no aprofundamento das relações entre Portugal e os EUA", onde "ambos os países só terão a ganhar". Reportam-se ainda a Reagan como "um lutador infatigável pela defesa do mundo livre contra a ameaça do expansionismo soviético, onde quer que este se revele."[248]

É ainda de salientar o facto de Francisco Lucas Pires, do CDS, ter logrado obter uma audiência privada com Reagan. Nessa reunião, Lucas Pires discutiu com Reagan aspetos da política mundial, nomeadamente a "vulnerabilidade das estruturas europeias face à URSS."[249] Para além disso, Lucas Pires manifestou o interesse do CDS no programa "Guerra das Estrelas" e na criação da FLAD, que já fizemos referência. Ademais, o líder do CDS mostrou total solidariedade para com o partido republicano de Reagan, no quadro da União Democrática Nacional[250]. No seu diário pessoal, Reagan dá conta deste encontro, adjetivando Lucas Pires de "conservador".[251]

Por fim, e por forma a justificar a nossa tese de que o CDS foi o partido que mais congratulou a vinda de Reagan, é importante referir o voto de saudação entregue por este partido na Assembleia da República, onde se afirma que a visita de Reagan contribuiu para "o fortalecimento das relações entre os dois países, para o reforço da solidariedade atlântica.", saudando-se, ainda, "o povo americano no qual nos ligam laços históricos profundos e o país no qual muitos portugueses encontram acolhimento e para cujo progresso têm contribuído."[252]

[246] Cf., neste sentido, publicação do *Diário de Lisboa* de 7 de maio de 1985.
[247] Cf., neste sentido, publicação do *Dia* de 7 de maio de 1985.
[248] Cf., neste sentido, publicação do *Comércio do Porto* de 9 de maio de 1985.
[249] Cf., neste sentido, publicação do *Diário Popular* de 10 de maio de 1985.
[250] Cf., neste sentido, publicação do Correio da Manhã de 10 maio de 1985.
[251] Cf. entrada do diário pessoal de Ronald Reagan de 9 de maio de 1985, disponível no sítio institucional da Reagan Library, através do link https://www.reaganfoundation.org/ronald-reagan/white-house-diaries/diary-entry-05091985/ [Consultado a 31 de agosto de 2024].
[252] Cf., neste sentido, publicação do *Correio da Manhã* de 10 maio de 1985.

13. O discurso de Ronald Reagan Assembleia da República

> "Afinal, o presidente dos EUA alterara mesmo o seu discurso na A.R. para agradar ao «amigo» Mário Soares" (Rui Mateus)[253]

13.1. O caso insólito da gaiola [254]

Conforme afirmamos em parágrafo anterior, a par das manifestações realizadas, também se verificou um episódio insólito[255] na própria Assembleia da República contra a vinda de Ronald Reagan, que cabe agora analisar.[256] A parte da manhã do dia 9 de maio de 1985 estava reservada para a deslocação de Ronald Reagan à Assembleia da República. Pelas onze e meia, o jornalista Eduardo Carneiro descreve que, já na sala das sessões, um funcionário da Assembleia montava um fio elétrico para o microfone que Reagan iria utilizar durante o seu discurso. Tudo isto parece normal. No fundo, trata-se da preparação logística pré-discurso. O que acontece é que os seguranças de Reagan não viram tal facto como um mero detalhe logístico. Eduardo Carneiro descreve que a dois seguranças americanos, que parece não terem gostado do fio, ter-se-ão juntado mais dois seguranças americanos que, por volta das onze e trinta e sete, experimentaram o sistema de som. Como o fio não parecia estar conforme os padrões de segurança americanos, já por volta das onze e quarenta o mesmo foi removido com o espanto do funcionário da Assembleia da República, que ficara sem perceber a atitude. Uma publicação de *O jornal* de 10 de maio de 1985 referia que o parlamento português havia sido tomado "num bunker de insuspeita solidez" e que os "funcionários mais antigos (…) não se lembravam de ocupação tão minuciosa e tão possessiva (…). Nem mesmo no tempo de Salazar."[257]

Voltando ao relato do jornalista Eduardo Carneiro, é possível concluir que o ambiente na sessão, que ainda não havia começado, era de um certo espanto e jocosidade relativamente ao aparato da segurança americana.[258] Eduardo Carneiro relata que "um jornalista comenta a propósito da bancada do PCP (na ocasião ainda sem deputados): "Estes gajos nunca viram tantos comunistas juntos ao vivo."

Um pouco depois da retirada do fio elétrico, António Gonzalez, deputado "Verde", entra no hemiciclo. Outros deputados, de outros partidos, já haviam entrado. Carneiro descreve que, por exemplo, alguns deputados do PSD utilizaram gravata preta, outros, como Manuel Alegre, do PS, menos ortodoxos. O jornalista não se referiu às vestes do deputado António Gonzalez, mas sim ao que o

---

[254] Verificando a ata da sessão plenária de 9 de maio, não nos são dados quaisquer dados sobre o sucedido, pelo que nos socorremos de jornais da época.
[255] Verificando a ata da sessão plenária de 9 de maio, não nos são dados quaisquer dados sobre o sucedido, pelo que nos socorremos de jornais da época.
[256] Para esta análise, tivemos por base o texto do jornalista Eduardo Guerra Carneiro, que estivera presente na sessão de boas vindas ao presidente Reagan. Cf., *Diário Popular* de 9 de maio de 1985.
[257] Cf., neste sentido, publicação de *O jornal* de 10 de maio de 1985.
[258] Ibidem.

acompanhava: uma gaiola com uma pomba branca. O deputado, entretanto, abandonou o hemiciclo deixando a ave na bancada. Entretanto, os deputados João Paulo de Oliveira (da UEDS) e Margarida Marques (do PS) procederam à distribuição de panfletos a convocar os presentes para a manifestação contra a visita de Reagan, que já tivermos oportunidade de tratar. Ambos os deputados estarão ausentes da sessão de boas-vindas, assim como os deputados da UEDS, os deputados do MDP-CDE e, por fim, os deputados do PCP.

Pelas onze e cinquenta entram os primeiros membros do Governo. Um deles é Jaime Gama, que, segundo o jornalista citado, percorre o olhar pelas bancadas diplomáticas. Já por volta das doze horas, Nancy Reagan, acompanhada por Maria Barroso e George Shultz, senta-se na tribuna indicada.
Pelas doze e quinze, um novo aparato com a gaiola sucede: um segurança americano tenta remover a gaiola com a ave branca do hemiciclo, contra a vontade dos deputados do PCP que não permitem tal ação. O PSD ameaça então sair da sala, iniciando atividade para o efeito. Nesse momento, um contínuo da Assembleia, com fato de gala, e acompanhado por um membro dos serviços de protocolo, retira, finalmente, a gaiola do hemiciclo.[259] Tal gesto foi aplaudido, com exceção dos deputados comunistas e de Magalhães Mota (deputado do PSD).

Passado todo este episódio insólito, o Presidente Reagan podia, finalmente, entrar na sala. Eram doze horas e cinquenta minutos. Quando se sentava na tribuna de honra, os deputados do PCP, em silêncio, abandonam o hemiciclo. Após a leitura do discurso de boas vinda por parte do Presidente da Assembleia da República, e antes de iniciar o seu discurso oficial, Reagan, com humor referiu o seguinte: "Tenho pena que algumas cadeiras à esquerda parecessem inconfortáveis."[260] Mais tarde, já em Sintra, o Presidente americano fora questionado por um jornalista americano que lhe perguntou a sua opinião sobre o facto de o PCP ter abandonado o hemiciclo. A sua resposta foi: "Isto é a democracia. É um direito que eles têm."[261],[262] A atitude do PCP, atentas "todas as formas de protesto ensaiadas contra a visita de Reagan a Lisboa (…) foi, porventura, a que envolveu um peso político mais significativo."[263]

O discurso proferido por Ronald Reagan na Assembleia da República que, segundo o próprio, "(…) é tão rico em história e onde a voz do povo português é ouvida"[264], abordou variadíssimos temas. Socorrendo-se da ajuda de teleponto, no seu discurso de vinte e cinco minutos (que causou a sensação

[259] Ibidem.
[260] V. Diário da Assembleia da República, III Legislatura, p. 3049.
[261] V. publicação do *Diário de Lisboa* de 10 de maio de 1985.
[262] Numa outra publicação, semelhante à citada, mas provinda do *Jornal de Notícias*, datado de 10 de maio de 1985, é referido que Reagan respondeu "É a democracia e o seu privilégio." Apesar de a ideia base ser a mesma, a tradução é ligeiramente diferente, pelo que, a bem do rigor histórico que se emprega na presente dissertação, julgamos pertinente de se referir.
[263] V. publicação do *Diário de Lisboa* de 10 de maio de 1985.
[264] V. Diário da Assembleia da República, III Legislatura, p. 3049.

das elites políticas portuguesas[265]), Reagan relembrou a velha Aliança de amizade com o povo português, citou personagens da história portuguesa, referiu a importância fundamental de Portugal para a NATO através da sua contribuição militar, e ainda, procedeu à análise da dimensão espiritual do homem, onde citou o fenómeno de Fátima, ocorrido no ano de 1917, local da aparição de Maria, Mãe de Jesus aos Beatos Lúcia, Francisco e Jacinta e ainda o encontro que havia tido com João Paulo II, no Alasca, em 1984. Atento o Diário da República, podemos afirmar que, dos partidos que não abandonaram o hemiciclo, não houve qualquer tipo de crítica oral ao discurso, registando-se apenas "risos" e "aplausos gerais" por parte de todas as bancadas.[266]

Como referido, Reagan abordou um conjunto diverso de temáticas no seu discurso. Não nos parece correto, atenta a finalidade desta dissertação, proceder a uma narração exaustiva, e subsequente análise e contextualização do seu longo discurso.[267] No entanto, podemos apenas referir que a maioria dos temas abordados por Reagan tiverem em grande parte o objetivo de enaltecer o povo português, a sua "aventura" na História e ainda a cooperação constante para com os EUA. Parece-nos que o contributo desta dissertação poderá ser mais pertinente se se preferir proceder à elaboração de um exercício de construção de respostas a questões que ainda não foram alvo de análise pela academia portuguesa. Quanto a nós, estes pontos prendem-se, por um lado com a citação por parte de Reagan do fenómeno mariano ocorrido em Fátima e de Papa João Paulo II, e que, salvo melhor opinião, não mereceu qualquer desenvolvimento por parte da historiografia portuguesa. Outra questão, que também não nos parece ter sido ainda estudada tem que ver com a total ausência de citação no discurso de um protagonista da revolução que resultou na instauração da democracia portuguesa e que, poucos anos depois, se tinha tornado o primeiro Presidente da República portuguesa democraticamente eleito. Quererá o silêncio de Ronald Reagan relativamente a Ramalho Eanes ter significado algo? Poderá esta ausência de congratulação estar ligada à eleição presidencial que se realizaria dentro em breve? Tentaremos, assim, nas linhas que se seguem dar uma possível resposta às questões colocadas, abrindo assim caminho para um estudo futuro mais aprofundado sobre estas temáticas.

13.2. A dimensão espiritual do homem – as aparições de Maria, mãe de Jesus, aos pastorinhos de Fátima

[265] O próprio Primeiro-Ministro Mário Soares estava convencido de que se tratava de um "brilhante improviso". Segundo Soares a Maria João Avillez, quando Reagan foi à Assembleia da República "(…) descobri, pela primeira vez na minha vida, a existência de uma espécie de teleponto invisível do exterior: todos os deputados se convenceram - e eu também! – de que estávamos diante de um brilhante improviso. Afinal, Reagan lia tranquilamente o seu discurso, através dessa máquina instalada em frente de si e estrategicamente escondida dos olhares indiscretos…". Cf., AVILLEZ, Maria João, Op. Cit., p. 143.

[266] V. Diário da Assembleia da República, III Legislatura, p. 3049.

[267] Na verdade, salvo melhor opinião, seria despiciendo voltar a analisar a importância fundamental de Portugal para a NATO, atenta a exaustiva contextualização que já tivemos o cuidado de fazer no início da dissertação, por exemplo.

No discurso proferido na Assembleia da República, Reagan afirmava que: "(…) acreditamos numa outra dimensão, um lado espiritual para o homem; encontramos aí uma fonte transcendente para as nossas pretensões de liberdade humana (…). Ninguém fez mais para relembrar ao mundo a verdade da dignidade humana (…) do que o homem que veio a Portugal há alguns anos, após um terrível atentado à sua vida. Veio aqui a Fátima, local do vosso grande santuário religioso, para cumprir a sua devoção especial a Maria, para implorar perdão e compaixão para os homens, para rezar pela paz e pelo reconhecimento da dignidade humana no mundo. Quando conheci o Papa João Paulo II, há 1 ano, no Alasca, tive a oportunidade de lhe agradecer pela sua vida e pelo seu apostolado. E ousei sugerir que é no exemplo de homens como ele e nas orações de pessoas humildes em todo o mundo - pessoas humildes como os pastorinhos de Fátima - que reside um poder maior do que todos os grandes exércitos e estadistas do mundo. Isto é algo que os portugueses podem igualmente ensinar ao mundo, pois a grandeza da vossa nação encontra-se no povo. (…) Quanto a mim é aí que reside o poder; é aí que reside a compreensão do significado da vida e do objetivo da história. E aí está a base para uma ideia revolucionária, a ideia de que os seres humanos têm direito a escolher o seu próprio destino."[268] Paul Kongor afirma que quando Reagan citou a palavra "Fátima", fez-se silêncio na Assembleia da República, enquanto os deputados ficavam atónitos, aguardando a tradução das palavras proferidas. Após confirmação de que a palavra proferida era mesmo aquela que estariam a pensar, uma enorme salva de palmas fez-se ouvir no hemiciclo. Kongor, prossegue afirmando que os deputados não estavam à espera de ouvir Fátima citada no discurso presidencial.[269]

Esta passagem do discurso de Ronald Reagan, pouco referida e discutida entre investigadores[270] e até na própria comunicação social, ao se referir ao milagre do sol, permite questionar se realmente o conhecia ou se, simplesmente, leu aquilo que lhe havia sido dado a ler pelo redator de discursos que, em 1985, era Anthony R. Dolan. E, em caso afirmativo, ou seja, em caso de conhecimento efetivo do milagre católico, por que razão o citou? E por que razão mencionou o Papa João Paulo II? Qual a importância de João Paulo II para Reagan, ao ponto de o mencionar num país estrangeiro? Uma outra questão que se poderá colocar é a seguinte: porque é que esta passagem passou ao lado da comunicação social europeia e portuguesa se, segundo a tese de Kongor, tais citações não eram esperadas por um Chefe de Estado americano? E por que razão mencionou o Papa João Paulo II? Cientes das dificuldades, e atentas às incapacidades notórias do redator, cremos que as respostas para estas questões, se bem que não definitivas, podem ser encontradas a partir da importância que a Religião e a Fé tinham para Ronald Reagan. Depois dessa análise, podemos partir para outras problemáticas, como seja a relação de Reagan

[269] Cf., neste sentido, artigo de opinião de Paul Kengor, "Ronald Reagan, John Paul II, and Fatima", na revista *Crisis Magazine*, de 10 de maio de 2017, disponível através do link https://crisismagazine.com/opinion/ronald-reagan-john-paul-ii-fatima. [Consultado a 1 de setembro de 2024].

[270] Conforme teremos oportunidade de escrutinar, no que concerne ao discurso proferido por Ronald Reagan na Assembleia da República, apenas o autor estadunidense Paul Kengor, que já aludimos, estuda a questão.

com o Papa, que, como tivemos oportunidade de verificar, é igualmente citado, bem como do hipotético conhecimento de Reagan do milagre de Fátima, ocorrido em 1917.

13.2.1. A importância da Religião e da Fé para Ronald Reagan – uma breve contextualização

No que diz respeito à relação entre Reagan e a fé, apenas alguns académicos procederam à análise desta relação e do seu eventual impacto durante os anos que exerceu cargos públicos, como governador da Califórnia e, anos mais tarde, como Presidente dos EUA.[271] No fundo, a grande questão que se coloca é a de saber se influência da religião e da fé em Ronald Reagan foi de alguma forma transportada através da política que colocava em prática.

Apesar de serem poucos a estudar a relação entre Reagan e a fé, a verdade é que mesmo assim não existe um consenso alargado sobre a importância das questões do transcendente para Ronald Reagan. Por um lado, existem autores que enquadram a educação de Reagan numa família devota, o conhecimento e admiração profundos pela bíblia, bem como a sua crença na eficácia da oração. Outros, no entanto, consideram a religião como uma componente central para Reagan, em especial nos anos em que exerceu cargos públicos, vendo-a como um fator determinante durante a sua presidência.[272] Edmund Morris, por exemplo, realça o papel que a religião desempenhou na vida de Reagan, mas não apresenta a religião como um dos pontos principais da biografia dedicada àquele Presidente estadunidense. Num lado completamente oposto, e que Matthew Avery Sutton, Professor de História da Washington State University, considera uma verdadeira "exceção" é a obra "God and Ronald Reagan", de Paul Kengor, Professor de Ciência Política no Grove City College, Pensilvânia, na medida em que coloca a religião no centro da vida de Reagan, defendendo que as suas sensibilidades relativamente a questões do transcendente e a sua compreensão do comunismo como um sistema "anti-Deus" moldaram a política externa da sua Administração.[273]

No fundo, a grande questão que se coloca é a de saber se influência da religião e da fé em Ronald Reagan foi de alguma forma transportada através da política que colocava em prática, tanto a nível interno (domestic policy), como sejam as questões relativas ao aborto e à oração em escolas públicas, seja a nível externo (foreign policy) como a visão de Reagan relativamente à Guerra Fria e à URSS. Teria sido a religião e a fé a moldarem a visão de Reagan de que a União Soviética era um sistema do "Império do Mal"[274]? Divergências sobre se a fé foi ou não central na vida de Ronald Reagan, mas a

[271] Neste sentido, cf., SMITH, Gary Scott – *Faith and the Presedency: From George Washington to George W. Bush*, New York: Oxford University Press., Inc. 2006, p. 325.
[272] Cf., neste sentido, SUTTON, Mathhhew Avery, Reagan, Religion and the Culture of Wars of the 1980s. In *A companion to Ronald Reagan*, 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons Lda., 2015, p. 205.
[273] Ibidem.
[274] Para visualização do discurso em que Reagan define a URSS como um "Império do Mal", cf., ""Evil Empire" Speech by President Reagan - Address to the National Association of Evangelicals" de 03/08/1983, disponível na

verdade é que parece que aqueles temas estiveram sempre presentes na sua vida, começando logo na sua infância. Foi a mãe de Reagan, Nell, que iniciou o filho nos temas da religião, da fé, e do transcendente. Aliás, segundo Mary Beth Brown, autora da obra "The Faith of Ronald Reagan", "a chave para entender Ronald Reagan é olhar para o seu tempo de infância e aprender sobre a sua mãe."[275] Reagan foi batizado a 21 de junho de 1922, com cerca de onze anos, oficializando o seu compromisso com Cristo e com a Igreja dos Discípulos, e quando era jovem frequentava a igreja várias vezes por semana, fazendo recitações dramáticas e atuações em peças de teatro. Já enquanto aluno do ensino secundário, Reagan dava aulas na escola dominical, dirigia estudos bíblicos e reuniões de oração, participando ainda num grupo chamado "Christian Endeavor". Foi durante estes tempos que Reagan namorou a filha de Ben Cleaver, seu pastor e visto pelo Presidente estadunidense como figura paternal, aconselhando-o em muitas questões e ajudando-o a entrar na Faculdade.[276] Gary Smith refere, tal como outros autores[277], que a leitura de um livro de Harold Bell Wright, "That Printer of Udell", de 1903, marcou definitivamente a vida de Reagan. Aliás, segundo Reagan, "causou uma impressão duradoura em mim... por causa da bondade do personagem principal"[278]. Este livro, em resumo, aplica os princípios do cristianismo para remediar os males da sociedade. No final do livro, os negócios honestos substituíram os espetáculos burlescos, e os indigentes e os de má reputação encontraram empregos respeitáveis. Reagan, ao ler o livro, afirmaria de forma perentória à sua mãe que queria ser como o herói do livro, e que queria ser batizado.[279] Após os estudos secundários, Reagan entrou no Eureka College, em Illinois, uma pequena escola afiliada aos Discípulos, onde, mais uma vez, a Bíblia "era uma parte diária e vital" da sua vida. Stephen Vaughn argumenta que a sua formação na igreja e no colégio durante estes anos influenciou fortemente muitas das crenças posteriores de Reagan enquanto Presidente, incutindo-lhe "fé na Providência e na oração, … [a] presunção de que a pobreza é um problema individual" que deve ser resolvido pela caridade privada e não pelo Estado, a crença na ética do trabalho, a admiração pelos ricos, o ódio ao comunismo, o empenhamento nos valores da família e a convicção de que Deus tinha escolhido a América para servir os seus propósitos."[280]

Durante os seus anos de radialista e ator em Hollywood, o envolvimento de Reagan em comunidades religiosas foi mínimo. Em 1950, redige um texto com o título "A minha Fé", para a *Modern Screen*, admitindo que a sua participação na igreja era limitada e que as suas convicções religiosas não

página de Youtube da Reagan Presidential Foundation & Library, através do link https://www.youtube.com/watch?v=FcSm-KAEFFA. [Consultado a 31 de agosto de 2024].

[275] Cf., neste sentido, BROWN, Mary Beth, *The Faith of Ronald Reagan*, Thomas Nelson, Inc., Nashville, Tennessee, 2011, p.33.

[276] Cf., neste sentido, SMITH, Gary Scott, op. cit., p. 326.

[277] Como por exemplo, BROWN, Mary Beth, op. cit, p. 47; e MORRIS, Edmund, *Dutch. A memory of Ronald Reagan*, Random House, Inc., Nova Iorque, 1999 (versão E-book), p. 81.

[278] Cf., neste sentido, SMITH, Gary Scott, op. cit., p. 327.

[279] Cf., neste sentido, MORRIS, Edmund, op. cit., p. 84.

[280] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p.327.

eram muito específicas.[281] Segundo Gary Smith, só depois de ter sido eleito governador da Califórnia, em 1966, e enquanto se debatia com os imensos desafios do cargo, é que a fé voltou a ser mais significativa na vida de Reagan. Na semana anterior à sua tomada de posse, Reagan declarou a sua intenção de seguir os ensinamentos de Jesus Cristo no seu trabalho como governador e de contar com a ajuda de Deus no desempenho das suas funções. Segundo o Governador Reagan: "Passei mais tempo em oração nestes últimos meses do que em qualquer outro período anterior de que me lembro."[282]

Já enquanto 40.º Presidente dos EUA, cerca de nove semanas depois de tomar posse, Reagan fez um discurso no Washington Hilton. Ao sair do hotel, John Hinckley Jr. disparou seis tiros contra o Presidente americano, tendo um deles atingido Reagan, a poucos centímetros do coração.[283] Segundo as palavras de Reagan: "Saí do hotel pela entrada lateral habitual e dirigi-me para o carro - de repente, houve uma rajada de tiros da esquerda. O agente da S.S. empurrou-me para o chão do carro e saltou para cima dele. Senti um golpe na parte superior das costas que me doeu imenso. Tinha a certeza de que ele me tinha partido uma costela. O carro arrancou. Sentei-me na borda do banco quase paralisado pela dor. Depois comecei a tossir sangue, o que nos fez pensar - sim, tinha uma costela partida e tinha perfurado um pulmão. (…) Levar um tiro dói. Ainda assim, o meu medo aumentava porque, por mais que tentasse respirar, parecia que estava a receber cada vez menos ar. Concentrei-me no teto de azulejos e rezei. Mas apercebi-me de que não podia pedir a ajuda de Deus e, ao mesmo tempo, sentir ódio pelo jovem confuso que me tinha alvejado. Não é esse o significado da ovelha perdida? Somos todos filhos de Deus e, por isso, igualmente amados por Ele. Comecei a rezar pela sua alma e para que ele encontrasse o caminho de volta ao redil. Abri os olhos uma vez e encontrei Nancy lá. Rezo para nunca enfrentar um dia em que ela não esteja lá. De todas as formas que Deus me abençoou, dá-la a mim é a maior e está para além de qualquer coisa que eu possa merecer."[284] Enquanto recuperava deste episódio, concluiu que Deus havia intervindo para preservar sua vida. O Cardeal Terence Cooke, da Arquidiocese de Nova Iorque, na sequência da tentativa de assassinato, visitou Reagan ao hospital para discutir a razão pela qual a sua vida tinha sido poupada, dar conselhos espirituais e rezar com ele. "Decidi que o tempo que me resta", confidenciou Reagan a Cooke, "é para Ele".[285] Escreveu ainda no seu diário: "Aconteça o que acontecer agora, devo a minha vida a Deus e tentarei servi-lo de todas as formas que puder."[286]

---

[281] Ibidem.
[282] Ibidem.
[283] Para uma análise profunda sobre o ataque perpetrado contra Ronald Reagan, cf., por todos, O`REILLY, Bill; DUGARD, Martin, *Ronald Reagan: o atentado, os bastidores e as polêmicas de um dos presidentes mais populares dos EUA*, 1.º Edição, Record, Rio de Janeiro, 2016.
[284] Cf., entrada do diário pessoal de Ronald Reagan de 30/03/1981, disponível na página institucional da Reagan Library, através do link https://www.reaganfoundation.org/ronald-reagan/white-house-diaries/diary-entry-03301981/?srsltid=AfmBOooTFXQjXPzAbi4jadSW7SbHxrCSKI_B4F0yhnJXupkoPrzPWG0v. [Consultado a 31 de agosto de 2024].
[285] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p.328.
[286] Cf., entrada do diário pessoal de Ronald Reagan de 30/03/1981, disponível na página institucional da Reagan Library, através do link https://www.reaganfoundation.org/ronald-reagan/white-house-diaries/diary-entry-03301981/?srsltid=AfmBOooTFXQjXPzAbi4jadSW7SbHxrCSKI_B4F0yhnJXupkoPrzPWG0v. [Consultado a 31 de agosto de 2024].

Esta fé, quase inabalável de Reagan é, segundo Gary Smith, demonstrado por vários fatores, dos quais destacamos, por exemplo, a manutenção de relações relativamente próximas com vários líderes cristãos, o interesse por profecias bíblicas, pelo Santo Sudário, pelo criacionismo e por outros temas religiosos. Em muitos discursos, proclamações, cartas e conversas privadas, Reagan sublinhou a sua fé em Deus e na oração, a inspiração da Bíblia e a divindade de Jesus Cristo.[287] Recuando a uma entrevista dada a David Frost em 1968, Reagan disse que a pessoa que mais admirava era Jesus Cristo, uma afirmação que repetiu noutras ocasiões.[288] Embora muitos cristãos conservadores tenham apoiado Reagan devido à sua fé pessoal e às suas políticas, a verdade é que ficariam perturbados pelo facto de o Presidente não frequentar a igreja e ainda pelo interesse de Nancy Reagan pela astrologia. Na verdade, segundo Gary Smith, a sua ausência em locais de culto parecia contradizer as crenças que professava e desiludia a expetativa generalizada de que os Presidentes demonstravam piedade pública.[289] Reagan, defendendo-se da crítica, afirmou que desejava frequentar a igreja, mas não queria pôr em perigo nem incomodar os outros fiéis, atentas as medidas de segurança colocadas em prática, e aumentadas no pós-tentativa de assassinato.[290] A questão relativa à ausência de Reagan dos locais de culto obteve proporções nacionais. No primeiro debate presencial para as eleições de 1984 com Walter Mondale, Reagan foi questionado qual a razão de não frequentar a igreja. Reagan retorquiu que toda a sua vida tinha ido à igreja, mas que, face ao cargo que desempenhava, não lhe parecia correto ir à igreja se isso ameaçava vida de várias centenas de outras pessoas. Face a esta justificação, Reagan diria ainda: "Eu tenho saudades de ir à igreja, mas penso que o Senhor percebe."[291] Os críticos, no entanto, parecem não ter aceite a justificação de Reagan, afirmando que as preocupações com a segurança dos outros não o impediram de passar tempo com celebridades de Hollywood ou homens de negócios.[292] Parece, no entanto, que Reagan não estaria muito preocupado com as aparências, pois, segundo Gary Smith, se assim fosse, sustenta Gary, teria provavelmente ido à igreja, como quase todos os seus antecessores, apesar dos riscos (ou, pelo menos, celebrado cultos privados na Casa Branca).[293]

Um outro tema que parece ter prejudicado Reagan relativamente à ideia de que a sua pregação não se refletia na sua ação, parece ter sido o fascínio de Nancy Reagan pela astrologia. Este assunto que, tal como a ausência de Reagan de locais de culto, se tornaria um assunto público em 1988.[294] Gary Smith afirma que já há muito que Nancy Reagan se interessava por astrologia e, antes de Reagan se tornar

[287] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., pp. 328 -329.
[288] Ibidem.
[289] Ibidem, p. 331.
[290] Ibidem.
[291] Para visualização deste debate, cf., "1984 Presidential Candidate Debate: President Reagan and Walter Mondale - 10/7/84", disponibilizada pela Ronald Reagan Presidential Foundation & Institute, na plataforma Youtube, através do link https://www.youtube.com/watch?v=OGvBFQQPRXs [Consultado a 25 de agosto de 2024].
[292] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p. 332.
[293] Ibidem.
[294] Ibidem.

Presidente, ambos liam regularmente os seus horóscopos. Este interesse aumentou com a tentativa de assassinato de Reagan. Nancy recorria com frequência à astróloga Joan Quigley, com vista a entender quais as alturas para Reagan marcar viagens, proferir discursos mais importantes, etc.[295] Em 1988, Don Regan, que tinha sido Chefe de Gabinete da Casa Branca entre 1985 a 1987, lança um livro de memórias, onde expõe publicamente a relação dos Reagan com a astrologia. Segundo Don Regan, citado por Gary Smith, "praticamente todos os grandes movimentos e decisões que os Reagan tomaram durante o meu tempo como Chefe de Gabinete da Casa Branca, foram previamente acordados com uma mulher em São Francisco que elaborava horóscopos para se certificar de que os planetas estavam num alinhamento favorável para a empresa [the Firm]"[296] O resultado desta exposição por parte do ex-Chefe da Casa Branca, resultou num coro de críticas contra o Reagan, que passaram desde a acusação de que o programa "Star Wars" foi negociado com a URSS após uma discussão prévia com a astróloga pessoal de Nancy, até uma petição assinada por centenas de milhares de americanos com o título "Diz não à astrologia na Casa Branca".[297] Apesar do coro de críticas, Reagan nunca condenou publicamente a prática da astrologia. [298]

Um terceiro aspeto, quanto a nós de índole ainda mais espetacular, e que pode demonstrar uma certa incongruência entre as palavras e ações de Reagan, tem que ver com o facto de Reagan acreditar em experiências místicas e visitas espirituais. Segundo Gary Scott, Reagan tinha práticas supersticiosas, acreditava em fantasmas e achava que tinha herdado poderes psíquicos da mãe.[299] Afirmou que no funeral do pai, em 1941, o ouviu dizer: "Estou bem e onde estou é muito bom. Por favor, não sejas infeliz".[300] Além disso, o secretário de imprensa de Reagan, Marlin Fitzwater, afirmou que o Presidente estadunidense acreditava em amuletos. Os assessores revelaram que ele batia na madeira e guardava uma moeda da sorte no bolso.[301]

Outra questão que poderá ter causado problemas a Reagan foi a sua crença nos versículos do Apocalipse, em especial do Armageddon. Como Presidente, Reagan discutiu o Apocalipse tantas vezes com tantas pessoas, que um dos seus estrategas de campanha receou que os *media* divulgassem o seu fascínio pelo tema.[302] Esta questão, tal como a da ausência de Reagan dos locais de culto, seria desenvolvida no segundo debate para a eleição presidencial de 1984. Um dos jornalistas que compunham o painel, questionou Reagan se os planos dos EUA para uma eventual guerra nuclear estariam ligados à crença de um "Armageddon Nuclear." Reagan, respondeu afirmando que "ninguém

[295] Ibidem.
[296] Ibidem, p. 333.
[297] Este título é uma adaptação da campanha antidrogas desenvolvida por Nancy Reagan, que tinha como título "Just say no!". Esta campanha também foi realizada aquando da visita de Estado dos Reagan a Portugal, aquando da visita de Manuela Eanes e Nancy Reagan a um colégio no Ramalhão. Cf., neste sentido, publicação do *Capital* de 9 1985,
[298] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p. 333.
[299] Ibidem, p. 333.
[300] Ibidem.
[301] Ibidem, p. 334.
[302] Ibidem.

sabe se o Armageddon está a mil anos de distância ou depois de amanhã. Por isso, nunca avisei seriamente que temos de planear em função do Armageddon".[303]

Dois meses antes de realizar o périplo pela Europa, Reagan preconizou mais um momento de controvérsia, ao utilizar um texto bíblico para apoiar uma defesa nacional mais forte.[304] Falando a representantes de empresas e do comércio na Casa Branca e aos Radiodifusores Nacionais Religiosos na sua convenção anual no mesmo dia, o Presidente estadunidense invocou as Escrituras para justificar a sua política externa. Lembrou à audiência as palavras de Jesus Cristo em Lucas 14:31-32: "Qual é o rei que, quando se põe a caminho para enfrentar outro rei numa batalha, não se senta primeiro e toma conselho sobre se é suficientemente forte com 10.000 homens para enfrentar aquele que vem contra ele com 20.000? Ou então, enquanto o outro ainda está longe, [ele] envia uma delegação e pede os termos da paz". Aplicando a passagem à situação dos Estados Unidos, o Presidente concluiu: "não creio que o Senhor que abençoou este país, como nenhum outro país jamais foi abençoado, pretenda que um dia tenhamos de negociar por causa da nossa fraqueza."[305] Interrogado numa conferência de imprensa, algumas semanas mais tarde, se era correto utilizar passagens bíblicas para defender as suas posições políticas, Reagan respondeu que não era sua pretensão trazer assuntos bíblicos para a política", mas ela continha "uma resposta para quase tudo e todos os problemas que nos confrontam".[306] Os críticos acusaram o Presidente de ignorar centenas de outros versículos que promovem a paz e a não-resistência, instando-o a abster-se de usar as Escrituras para defender políticas específicas.[307]

Importa agora verificar de que modo a fé de Ronald Reagan foi relevante na prossecução das suas políticas, tanto externas, como internas. Em 1984, Reagan, num discurso proferido num pequeno-almoço de oração ecuménico em Dallas, Texas, referiu que que "a política e a moralidade são inseparáveis". "E como o fundamento da moralidade é a religião, a religião e a política estão necessariamente relacionadas. Precisamos da religião como guia."[308] Segundo Gary Smitth, embora a fé de Ronald Reagan tenha afetado muitas das suas políticas, a sua oposição ao comunismo, parece ser o que mais esclarece a relação entre as suas convicções religiosas e as suas políticas públicas internas e

---

[303] Para visualização deste debate, cf., "The 1984 Showdown: President Reagan and Walter Mondale's Second Presidential Debate", disponibilizada pela Ronald Reagan Presidential Foundation & Institute, na plataforma Youtube, através do link https://www.youtube.com/watch?v=-f7G7MSZjMg&t=334s. [Consultado a 25 de agosto de 2024]. Sobre a questão do Armageddon e a guerra nuclear, cf. o documento audiovisual a partir do minuto 53.

[304] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p. 334.

[305] Para visualização deste discurso, cf., "President Reagan's Remarks at the National Religious Broadcasters Convention on February 4, 1985", disponibilizada pela Ronald Reagan Presidential Foundation & Institute, na plataforma Youtube, através do link https://www.youtube.com/watch?v=--c6Ql32im0. [Consultado a 25 de agosto de 2024]. Sobre a citação, por parte de Ronald Reagan, de Lucas 14:31-32, cf. documento audiovisual a partir do minuto 7.

[306] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p. 335.

[307] Ibidem.

[308] V. "Remarks at an Ecumenical Prayer Breakfast in Dallas, Texas", de 4 de junho de 1984, disponível na Reagan Library, através do link https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/remarks-ecumenical-prayer-breakfast-dallas-texas. [Consultado a 25 de agosto de 2024].

externas.[309] Muitos dos que partilhavam os seus pressupostos religiosos aplaudiram a sua abordagem a estas questões, mas outros que discordavam profundamente dos seus pressupostos denunciaram-na como errada, imprópria, injusta, perigosa e prejudicial. Em 1983, os editores da *New Republic* rejeitaram a afirmação de Reagan de que "as decisões políticas têm de ter razões religiosas", afirmando que Reagan foi eleito para ser Presidente e não padre, portanto a sua função seria proteger os corpos dos americanos e não salvar as suas almas, bem como fazer a vontade do povo americano e não de Deus. Segundo esta crítica, o discurso de Reagan era "profundamente divisionista".[310] Ao contrário de políticas internas, como a questão do aborto e a oração nas escolas, a batalha contra o comunismo não envolvia, segundo Gary Smith, intrinsecamente a religião. No entanto, segundo este autor, tal visão não era aceitável para Ronald Reagan, que advogava que a guerra contra o comunismo era, no fundo, uma guerra religiosa, uma "luta espiritual"[311], sendo a derrota daquela ideologia um objetivo central da sua Administração. Para Reagan, o comunismo era um sistema inerentemente malévolo e expansionista que estava destinado a falhar porque era contrário à natureza humana, aos princípios bíblicos e ao plano de Deus para a História.[312] Nessa sequência, Reagan afirmava que os EUA e a URSS ofereciam duas visões muito distintas do mundo: a visão dos EUA acredita que todos os homens são criados iguais por um Deus que nos abençoou com a liberdade. A segunda visão acredita que a religião é o ópio das massas, e nega que princípios eternos como a verdade, a liberdade e a democracia não têm significado para além do capricho do Estado.[313] "A luta entre a liberdade e o totalitarismo", insistia Reagan, não era, em última análise, uma batalha de armas ou mísseis, mas uma "luta espiritual". Porque era inimigo de Deus e da liberdade, o comunismo não podia durar. Gary Smith sustenta que em março de 1983, o Presidente Reagan proferiu o discurso[314] mais controverso da sua presidência. Em março de 1983, perante a Associação Nacional de Evangélicos, em Orlando, Florida, Reagan afirmou que existia pecado e maldade no mundo, sendo que as Escrituras e Jesus Cristos ordenavam os EUA a opor-se àquelas. Voltando-se contra o ateísmo e os "pecados" da URSS, Reagan afirmava que os soviéticos repudiavam toda a religião e afirmavam que a moralidade estava subordinada aos interesses da luta de classes, sendo o foco do mal no mundo moderno, uma vez que procuravam dominar o planeta. Reagan aproveitou ainda este discurso para atacar aqueles que apoiavam um "congelamento" nuclear, alertando ainda que a ideia de que culpar as duas potências da corrida ao armamento era errado, uma vez que, ao proceder a essa conclusão, estar-se-ia a ignorar os factos históricos e os impulsos agressivos de um Império do Mal. Nessa senda, o Presidente estadunidense acusava aqueles que adotaram aquela abordagem de se afastarem da luta entre o bem e o

[309] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p. 348.
[310] Ibidem.
[311] V. "Address Before a Joint Session of the Irish National Parliament", de 23 de agosto de 1984, disponível na Reagan Library, através do link https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/address-joint-session-irish-national-parliament. [Consultado a 25 de agosto de 2024].
[312] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p. 348.
[313] Ibidem, p. 353.
[314] Para visualização deste discurso, cf., "President Reagan's Address to the National Association of Evangelicals, March 8, 1983", disponibilizada pela Ronald Reagan Presidential Foundation & Institute, na plataforma Youtube, através do link https://www.youtube.com/watch?v=v7bUye1CpfE. [Consultado a 25 de agosto de 2024].

mal. Por fim, Reagan dava a sua visão sobre a Guerra Fria: uma guerra que não seria decidida por bombas ou por exércitos, mas sim através da ultrapassagem da crise espiritual. No fundo, a Guerra Fria seria um teste à moral e à fé.[315] Mais uma vez, Reagan não foi poupado a críticas. Gary Smith, na sua obra, dá vários exemplos: Henry Steele Commager, historiador americano, afirmava que o discurso de Ronald Reagan era "o pior discurso presidencial da história americana", devido ao seu "apelo grosseiro ao preconceito religioso". Hugh Sidey, jornalista, protestou na *Time* que o "sermão inflamado de Reagan misturava política e religião". "A forma como lidamos com os soviéticos", argumentou, "não é algo que possa ser decidido por soldados de Deus auto-nomeados, armados com juízos inflexíveis sobre quem e o que é bom e moral". No *New York Times*, o jornalista Anthony Lewis condenou o discurso como "simplista", "terrivelmente perigoso", "ultrajante" e "primitivo". O Teólogo Jim Wallis, queixou-se no *Sojourners* de que era "não só má teologia, mas também uma heresia perigosa sugerir que o mal no mundo" estava "maioritariamente localizado a norte do Mar Cáspio". Um editorial do *Washington Post* acusou Reagan de alistar "Deus do nosso lado na Guerra Fria".[316]

Em consequência deste tipo de retórica, Gary Smith refere que muitos europeus ocidentais, temerosos de serem apanhados no fogo cruzado de uma guerra nuclear entre as superpotências, depreciaram Reagan como um "simplório de mentalidade binária" que pensava que questões complexas "podiam ser reduzidas a caixas marcadas com “Sim” ou “Não"[317], o que parece ir ao encontro da investigação que acima se realizou sobre a perceção do “povo europeu” relativamente a Ronald Reagan (a dicotomia entre um “pese leve”, um cowboy e um “salvador”, um “Presidente de sucesso”, utilizando em comodato a expressão do Professor Aníbal Cavaco Silva, já devidamente citada). Seja como for, e apesar de muitos discordarem na altura (seja nos EUA seja na Europa do Ocidente, seja numa outra qualquer região do globo), Ronald Reagan tinha a ideia que se tratava de um pacificador, afirmando que o seu objetivo final era parar a produção de mais armas nucleares e proceder a esforços no sentido da sua redução.[318] No entanto, a ideia de “paz através da força”, significava que, em primeiro lugar, havia a necessidade de os EUA alcançarem a superioridade militar a nível mundial para, depois disso, encetar negociações numa posição de superioridade, de força, em relação à URSS. Apesar de muitos discordarem na altura, Reagan via-se a si próprio como um “pacificador” e tal como os seus críticos religiosos, Reagan via a guerra nuclear como imoral e impossível de vencer. Assim, Reagan propôs o SDI, ou programa “Guerra da Estrelas”, a que já aludimos, e que se tratava de um escudo para travar os mísseis da outra superpotência, porque os Estados Unidos, segundo o seu Presidente, tinham a "obrigação moral de procurar avanços tecnológicos que nos permitissem abandonar a dependência exclusiva da ameaça de retaliação e do terror nuclear mútuo". Assim o SDI eliminaria a necessidade de destruição mútua assegurada (Mutual Assured destruction, com acrónimo MAD), que Reagan

[315] Cf., SMITH, Gary Scott op. cit., p. 353.
[316] Ibidem, p. 354.
[317] Ibidem.
[318] Ibidem.

desprezava por razões morais, e aproximaria o mundo do seu sonho de "um mundo livre de armas nucleares". Aliás, Reagan definiu mesmo o MAD como uma "loucura", a "coisa mais louca de que alguma vez ouvi falar". Era como "dois ocidentais num *saloon* a apontar as armas à cabeça um do outro - permanentemente".[319]

A luta ideológica de Reagan contra a URRS, também resultou na procura de maiores oportunidades espirituais para os povos residentes em países comunistas. Reagan estava convicto de que muitos dos que viviam por detrás da Cortina de Ferro, tinham um profundo desejo pelo espiritual, e que, apesar do antagonismo comunista, estava a ocorrer naqueles países um reavivamento religioso.[320] Em numerosos discursos, Reagan expressou a sua esperança de que as pessoas atrás da Cortina de Ferro viessem a conhecer "a natureza libertadora da fé em Deus". Para além disso, denunciou repetidamente a falta de liberdade religiosa nas nações comunistas, encontrou-se com vários dissidentes soviéticos e instou a URSS a permitir que mais judeus emigrassem. Em 1983, Reagan avisou que aqueles que procuravam "esmagar a liberdade religiosa", prendiam crentes, fechavam igrejas, confiscavam Bíblias e assediavam padres e rabinos "nunca destruiriam o amor a Deus e àliberdade que arde nos seus corações".[321] Mais tarde, nesse mesmo ano, protestou contra o facto de, em muitos países, as pessoas não terem "sequer autorização para ler a Bíblia. Cabe-nos a nós garantir que a mensagem de esperança e salvação passa". Reagan aplaudiu continuamente e apoiou secretamente a luta do povo polaco para se libertar da opressão soviética. "Em nenhum lugar do mundo existe uma afirmação mais esplêndida desta ligação entre os valores religiosos e a liberdade política", declarou Reagan, "do que nos ideais, na fé e no heroísmo do povo polaco edos líderes do Solidariedade."[322] Sobre a questão da luta do povo polaco, Reagan iria encontrar no líder do Vaticano, João Paulo II um dos seus melhores aliados. Trataremos desta relação no ponto seguinte.

Pese embora muito mais se pudesse escrever sobre este tema, a verdade é que, salvo melhor opinião, com esta breve exposição, não será difícil explicar e justificar a aproximação de Ronald Reagan a João Paulo II, e ainda a referência aos pastorinhos de Fátima, na Assembleia da República portuguesa. Foi, aliás, a procura de explicações a estas questões que estiveram no âmago destes últimos parágrafos. Assim sendo, e em jeito de conclusão, acreditamos que com esta exposição foi possível verificar e demonstrar, seja através de excertos de discursos, seja através de opiniões dos mais variados autores, que a religião, a fé, e a bíblia foram elementos fundamentais na vida de Ronald Reagan, e percorreram toda a sua vida. Estes elementos do religioso não se ficaram apenas pela consciência interior do como seja o ato de rezar antes de reuniões, mas foram transpostas para o seu modo de viver, de ver e até de dirigir um lado do mundo bipartido nos anos 80. De facto, parece-nos, Reagan replicou muitas das suas crenças nas suas políticas públicas, seja através da luta contra o

[319] Ibidem.
[320] Ibidem, p. 355.
[321] Ibidem.
[322] Ibidem.

aborto, à consideração de que o conflito entre os EUA e a URSS era uma guerra religiosa. Ademais, a procura de justificação para muitas das ações tomadas, tiveram sempre como base um elemento religioso, em especial passagens bíblicas, como tivemos oportunidade de verificar. Interessante foi também verificar que Reagan foi aquilo a que podemos designar por um "crente autodidata" ou, nas palavras de Patrick Buchanan, diretor de comunicação da Casa Branca entre 1985 e 1987, um "cristão autodidata"[323]. Na verdade, esta devoção por Deus, pelo místico, não é sustentada por uma teologia fundamental e dogmática rigorosas, como o são a religião católica ou a religião protestante. A religião de Reagan, embora com elementos de várias congregações por onde passou, como os Discípulos de Cristo durante a sua juventude, por exemplo, foi, de facto, uma religião individual, uma religião muito própria. Uma religião sua. Sem prejuízo, como verificado, da existência de contradições entre o que Reagan defendia e o que depois executava, o certo é que esta transposição de assuntos de fé para assuntos de Estado é sem dúvida um elemento através do qual se pode caraterizar a Administração Reagan e, para além disso, a própria pessoa que era Ronald Reagan.

Tendo em linha de conta o que se escreveu nos parágrafos anteriores, cumpre, agora, desenvolver a amizade que se estabeleceu entre Ronald Reagan e o Papa João Paulo II para, depois, demonstrarmos o resultado das nossas investigações relativamente à questão de saber se Ronald Reagan era ou não um conhecedor do fenómeno mariano ocorrido em Portugal.

13.2.2. A amizade entre João Paulo II e Ronald Reagan: unidos na fé e na ideia de colocar o comunismo nas "Cinzas da História"

> "Quando estive com o Papa João Paulo II, há 1 ano, no Alasca, tive a oportunidade de lhe agradecer pela sua vida e pelo seu apostolado. E ousei sugerir que é no exemplo de homens como ele e nas orações de pessoas humildes em todo o mundo - pessoas humildes como os pastorinhos de Fátima - que reside um poder maior do que todos os grandes exércitos e estadistas do mundo." (Ronald Reagan à Assembleia da República de Portugal)[324]

[323] Ibidem, p. 335.

[324] Cf., Diário da Assembleia da República, III Legislatura, 2.ª sessão legislativa (1984-1985), reunião plenária de 9 de maio de 1985, onde se encontra transcrito o discurso de Ronald Reagan aos deputados portugueses, disponível na página institucional da AR, dedicada a debates parlamentares, através do link https://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/01/03/02/079/1985-05-09?sft=true#p3045. [Consultado a 1 de julho de 2024.] Para visualização do discurso, cf., "President Reagan's Remarks Before the Assembly of the Republic of Portugal in Lisbon on May 9, 1985", através do link https://www.youtube.com/watch?v=sYm_knZWt9Q.

Como vimos, as convicções religiosas de Ronald Reagan foram uma constante da sua vida, tendo-se repercutido nas políticas conduzidas pela sua Administração. Da mesma forma, também tivermos oportunidade de verificar que Reagan, aquando do proferimento do seu discurso na Assembleia da República de Portugal, referiu João Paulo II. Nessa senda, cumpre verificar a razão pela qual Reagan lembrou o Papa João Paulo II durante a sua estada em Portugal, referindo-se ao líder católico como um exemplo de onde reside um poder maior que todos os exércitos e estadistas no mundo. Através das nossas investigações, foi possível concluir que Reagan e João Paulo II tinham uma amizade especial. A que se deveu esta relação? Uma primeira hipótese, quanto a nós, que deverá ser, *ab initio*, descartada, prende-se com o facto de Reagan ser um católico-romano devoto. Na verdade, João Paulo II não era o seu líder religioso. Reagan, como vimos, era um cristão "autodidata" ou "*self made*", cuja devoção por Cristo não estava sustentada por uma teologia rigorosa. Segundo a página institucional da Reagan Library, o Presidente estadunidense era presbiteriano.[325] Assim, atentas as nossas investigações relativamente ao estabelecimento desta relação, parecem advir de dois tipos de afinidade: uma afinidade pessoal e uma afinidade ideológica. A afinidade pessoal parece resultar do facto de ambos terem sofrido tentativas de assassinato no ano de 1981. Reagan, como vimos, a 30 de março de 1981, apenas dois meses depois de se ter tornado o 40.º Presidente dos estadunidenses, e João Paulo II, cerca de dois meses depois, a 13 de maio de 1981. Ambos, portanto, comungavam do sofrimento de uma tentativa de assassinato que quase colocou fim às suas vidas, o que resultou numa afinidade entre os dois líderes. No caso de Ronald Reagan, a bala desferida ficou apenas a 3 centímetros do seu coração, tendo, também, colocado para sempre numa cadeira de rodas um seu segurança. O atentado contra João Paulo II também o deixou com complicações para o resto da sua vida.[326] Paul Kengor defende que, anos antes das tentativas de assassinato e do primeiro encontro entre estes dois líderes, Reagan foi especialmente afetado pela ocorrência de dois eventos relacionados com o Papa. O primeiro foi a eleição do Cardeal Karol Wojtyla, feito Papa João Paulo II, em outubro de 1978, o primeiro Papa não-italiano desde há 455 anos e, igualmente, o primeiro Papa eslávico. O outro acontecimento que Reagan prestou atenção foi à visita de João Paulo II à Polónia, sua terra natal, em junho de 1979, cerca de um ano e meio antes de se tornar 40.º Presidente dos EUA. Nessa visita, João Paulo II insistiu abertamente para que todos os governos da Europa de Leste tivessem liberdade de consciência, direitos individuais, propriedade privada, eleições e independência. O Presidente americano reconheceu que se tratava de um acontecimento importante que ameaçava o domínio do comunismo na Europa de Leste.[327] Nas palavras de Kengor, "Reagan nunca mais foi o mesmo". Reconheceu que se tratava de um acontecimento

[325] Cf., neste sentido, publicação com o título "Facts about Ronald Reagan", no sítio institucional da Reagan Library, através do link https://www.reaganlibrary.gov/reagans/ronald-reagan/facts-about-ronald-reagan. [Consultado a 2 de setembro de 2024].
[326] Para uma narrativa mais aprofundada sobre o atentado ocorrido no dia 13 de maio de 1981, cf., por todos, RICCARDI, Andrea, *João Paulo II. A Biografia*, Paulinas Editoras, Prior-Velho, 2001, p. 207 e ss.
[327] KENGOR, Paul, "A Pope & a President: John Paul II, Ronald Reagan, & The Collapse of Communism". In *Providence, a Journal of Christianity & American Foreign Policy*, Primavera 1967/2017, número 7, p.31.

importante que ameaçava o domínio do comunismo na Europa de Leste. Ao ver os noticiários da visita do Papa a partir da sua casa na Califórnia, onde estava sentado ao lado do seu amigo e conselheiro Richard V. Allen, Reagan ficou visivelmente comovido e chorou. Disse a Allen (como viria a dizer a outros) que João Paulo II era "a chave" para ajudar a Polónia a tornar-se a peça fundamental para desmantelar o Império Soviético."[328] Ora, esta ideia que Reagan tinha de João Paulo II de ser "a chave" pela qual a URSS se iria desmantelar, vem ao encontro daquilo que referimos como a existência de uma afinidade ideológica entre ambos os líderes. Tanto Reagan como o Papa, caracterizavam o regime soviético como um "Império do Mal", cujo destino só poderia ser o de acabar nas "cinzas da História"[329]. Eram, portanto, verdadeiros "cruzados"[330] na luta contra o comunismo soviético, algo que, é preciso notar, não começou apenas aquando da eleição de Reagan para 40.º Presidente do EUA nem tão pouco quando o Cardeal Wojtyła se tornou o 263.º sucessor de São Pedro. Na verdade, a luta contra o comunismo havia começado muito mais cedo na vida de ambos.[331]

Sobre esta relação inesperada, que resultou no restabelecimento das relações bilaterais entre os dois países, algo que não sucedia desde o ano de 1867, estamos cientes de que trata de um tema que merece um desenvolvimento alargado, e que foi, de facto, estudado de forma generosa por diversos autores.[332] Devemos relembrar, contudo, que não é nossa pretensão fazer uma revisão de literatura sobre as duas tentativas de assassinato ou outros temas que, pelo seu caráter extraordinário, mereceriam a nossa atenção. No entanto, cremos, que se se simplesmente se ultrapassasse a questão, muito daquilo que escrevemos relativamente à questão da importância da religião para Reagan, ou até mesmo a sua citação

[328] Ibidem.

[329] Expressão utilizada por Ronald Reagan, num discurso aos membros do Parlamento Britânico a 12 de junho de 1982. Para uma leitura completa do discurso, cf. o link disponibilizado pela Reagan Library https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/address-members-british-parliament. [Consultado a 25 de agosto de 2024].

[330] Paul Kengor, na obra *The Crusader: Ronald Reagan and the Fall of Communism*, aborda a questão de Reagan se ver e ser visto por parte da URSS como um "cruzado". Refere que o título da obra pode parecer sensacionalista, escolhida para dramatizar excessivamente aquilo que Reagan acreditava. No entanto, segundo aquele autor, o título do livro reflete a mentalidade e as ações de Reagan, e o que os soviéticos acreditavam e diziam sobre o presidente americano, ao longo da década de 1980. Kengor refere que, após investigação realizada sobre o tema, especialmente em arquivos dos meios de comunicação soviéticos desde a década de 1960 até 1990, ficou surpreendido ao encontrar centenas de exemplos de figuras soviéticas que se referiam às intenções de Reagan em relação à URSS como uma "cruzada", apelidando-o de "cruzado" e chamando à sua equipa "cruzados". Segundo Kengor, os soviéticos usavam frequentemente aquelas palavras para caraterizar o ataque de Reagan à sua ideologia e ao seu império. Questionado o porquê de a URSS apelidar Reagan de "cruzado", Kengor descobriu que próprio Reagan já a usava a expressão desde, pelo menos, 1950, usando-a, anos mais tarde, aquando da sua eleição como 40.º presidente estadunidense. Cf., neste sentido, KONGOR, Paul, *The Crusader: Ronald Reagan and the Fall of Communism*, Harper Perennial E-books, 2006, pp. 7-13.

[331] Sobre a luta contra o comunismo por parte de Reagan nos anos de Hollywood e seguintes, cf., por todos, Kengor, Paul, *A Pope and a President. John Paul II, Ronald Reagan, and the Extraordinary Untold Story of the 20th Century*, Harper Milenial E-Books, Wilmington, Delaware, 2017, p. 138 e ss. Sobre a luta de João Paulo II contra o comunismo, em especial na Polónia, sua terra natal, cf., RICCARDI, Andrea, op. cit., p. 87 e ss.

[332] Para uma análise mais profunda do restabelecimento das relações bilaterais entre os EUA e o Vaticano, durante a Administração Reagan/Bush no ano de 1984, cf., por todos, GAYTE, Marie, "The Vatican and The Reagan Administration: a Cold War Alliance". In *The Catholic Historical Review*, Vol. 97, nº. 4 (outubro de 2011), pp. 713-736.

do milagre de Fátima no Parlamento português não ficaria devidamente contextualizado. As tentativas para uma explicação destes assuntos, padeceria assim de incompletude. Nessa senda, acreditamos que explanação de alguns tópicos da união de forças entre Reagan e João Paulo II contribuem para um enquadramento mais aprofundado no que respeita ao discurso proferido em Portugal. Devemos, pois, analisar, ainda que em traços gerais, esta relação. É aquilo que nos dedicaremos nos parágrafos seguintes.

O objetivo de Reagan e João Paulo II de colocar o comunismo nas "cinzas da História", centrou-se na Polónia, uma vez que ambos consideravam que este país era o segredo para desfazer o império soviético[333], ou, segundo Reagan peça fundamental para desmantelar a URSS. Em 1981, dá-se a primeira "fagulha" que, anos mais tarde, iria resultar na "cinza" da URSS. O governo comunista polaco, agindo sob ordens de Moscovo, declarou a lei marcial contra o povo polaco, sendo o movimento Solidariedade o principal alvo da repressão. Lech Walesa, líder do movimento, solicitou ajuda a todo o mundo: "Apelamos a vós: ajudem-nos na nossa luta através de protestos em massa e de apoio moral. Não assistam passivamente às tentativas de estrangular os primórdios da democracia no coração da Europa. Estejam connosco nestes momentos difíceis. Solidariedade com solidariedade. A Polónia ainda não está perdida."[334] Ora, segundo Kengor, os apelos foram ouvidos pelo Papa e pelo Presidente estadunidense, sendo que ambos se empenharam em apoiar o Solidariedade como a "fagulha" que poderia acabar por dividir o Bloco Soviético e colocá-lo nas "cinzas da História". Para Ronald Reagan, a imposição da lei marcial na Polónia apresentava possibilidades de uma futura divisão do bloco soviético, sendo que João Paulo II, acreditava Reagan, podia juntar-se-lhe na exploração e prossecução dessas possibilidades. Partindo do pressuposto de Reagan de que não se imaginaria e entrar num país e derrubar o governo em prol dos cidadãos, uma vez que teriam que ser os próprios cidadãos a derrubar o seu governo, o Solidariedade era a arma perfeita para conseguir esse derrube.[335] Reagan é recebido no Vaticano, em 1982. Os dois líderes conversaram a sós, durante 50 minutos, na Biblioteca do Vaticano. O Arcebispo Pio Laghi, segundo Kengor, contou mais tarde que Reagan disse ao Papa: "Vejam como as forças do mal foram postas no nosso caminho e como a Providência interveio." Clark confirmou esse sentimento, dizendo que ambos se referiram ao "milagre" de terem sobrevivido. Naquele dia em Roma, segundo Bill Clark, os dois líderes compartilharam a sua visão comum de que haviam recebido "uma missão espiritual - um papel especial no plano divino". Ambos expressaram preocupação com "a terrível opressão do comunismo ateu", e concordaram que "o comunismo ateu viveu uma mentira que... deve finalmente falhar". Havia, igualmente, uma visão comum sobre a forma como deveria ser combatido o comunismo. Reagan, afirmou que "ambos sentimos que se tinha cometido um grande erro em Yalta e que era preciso fazer alguma coisa. O Solidariedade era a arma ideal para o conseguir". Reagan disse

[333] Cf., neste sentido, O´SULLIVAN, John, op. cit., p. 214.
[334] KENGOR, Paul, "A Pope & a President: John Paul II, Ronald Reagan, & The Collapse of Communism". In *Providence, a Journal of Christianity & American Foreign Policy*, Primavera 1967/2017, número 7, p.31.
[335] Cf., neste sentido, O´SULLIVAN, John, op. cit., p., 215.

ainda ao Papa: "A esperança permanece na Polónia. Nós, trabalhando em conjunto, podemos mantê-la viva."[336] Assim, durante esta visita, é registada uma convergência de visões sobre a política na Polónia e sobre o papel do Solidariedade.[337] O encontro em Roma, em 1982, foi o primeiro de muitos. Reagan e João Paulo II encontraram-se mais cinco vezes no total. Segue-se um esforço de estreita colaboração entre a Casa Branca e o Vaticano. Segundo Bill Clark, citado por Kengor, "Sabíamos que íamos ambos na mesma direção e por isso decidimos colaborar, particularmente em questões de informação relativas ao Bloco de Leste". "Havia uma convergência natural de interesses, o que levou os funcionários da Casa Branca a trabalharem em conjunto com os seus homólogos do Vaticano."[338] Anos mais tarde, algumas semanas antes das primeiras eleições livres na Polónia, em 1989, Reagan, que já tinha terminado o seu segundo mandato como Presidente estadunidense, foi visitado por dois membros do Solidariedade e dois polaco-americanos que os acompanhavam. Um dos presentes, Chris Zawitkowski, Chefe da Fundação Polaco-Americana para a Investigação e Educação Económica, perguntou a Reagan se tinha algum conselho político para os dois membros do Solidariedade enquanto se preparavam para as eleições de junho daquele ano. Os convidados polacos esperavam ouvir Reagan sobre estratégia política, mas ficaram surpresos com o que ouviram do: "Ouçam a vossa consciência, porque é lá que o Espírito Santo vos fala". Nesse momento, Reagan apontou para uma foto do Papa João Paulo II que se encontrava na parede: "Ele é o meu melhor amigo", disse Reagan com um sorriso. "Sim, sabem que sou protestante, mas ele ainda é o meu melhor amigo." Segundo Kengor, esta afirmação era certamente um exagero pessoal, mas igualmente uma comovente testemunha do que os dois amigos realizaram no palco internacional.[339]

Face a tudo o que se escreveu, e ainda ao facto de os EUA e o Vaticano terem voltado a restabelecer relações bilaterais em 1984, facto que, como vimos, não ocorria desde o Século XIX (1867), é possível afirmar que a comunhão de ideais e objetivos resultou numa "Santa Aliança" entre Reagan e João Paulo II? Andrea Ricardi refere que somente durante o Pontificado de Pio XII e a Guerra Fria é que a Santa Sé teve uma importância tão grande para os EUA.[340] Reagan entendeu que o catolicismo nos países do Bloco de Leste poderiam ser o "calcanhar de Aquiles" dos Soviéticos. João Paulo II, embora não mudando a posição não-alinhada da Santa Sé, estava consciente do valor estratégico dos EUA na contenção da potência soviética, algo que igualmente desejava. Havendo claros sinais de entendimento entre estes países, é de concluir pela existência de uma "Santa Aliança", pelo menos no que respeita ao objetivo de terminar com a URSS.

Como acima referimos, muito mais se poderia desenvolver sobre a amizade entre Reagan e João Paulo II e o resultado dessa união de esforços no combate contra a URSS e o comunismo que

[336] Cf., neste sentido, KENGOR, Paul, op. cit., p. 34.
[337] Cf., neste sentido, RICCARDI, Andrea, op. cit., p. 306.
[338] Cf., neste sentido, KENGOR, Paul, op. cit., p. 34.
[339] Ibidem, pp. 35-36.
[340] Cf., neste sentido, RICCARDI, Andrea, op. cit., p. 306.

preconizava. No entanto, pensamos que com esta breve reflexão, se torna mais fácil justificar o porquê de Reagan ter citado João Paulo II em Portugal. Resta, agora, desenvolver o outro ponto do discurso, relativamente à citação do milagre de Fátima. Assim, impõe-se a seguinte questão: seria Reagan um devoto de Fátima?

13.2.3. Ronald Reagan, um devoto de Nossa Senhora de Fátima?

Pouco se discutiu, aquando e após a visita, se Ronald Reagan, ao se referir ao "milagre do sol"[341], realmente o conhecia ou se, simplesmente, leria um discurso previamente preparado pelo seu *staff*. E, mesmo assumindo que estava de facto a par dos contornos do fenómeno ocorrido em Fátima, qual seria, para Reagan, o seu grau de importância? Terá sido apenas uma manobra do "Great Communicator", como era apelidado, para escandalizar as bancadas mais à esquerda do Partido Socialista? Ou, de facto, revia-se em tal fenómeno, acreditava nele e utilizava-o na sua retórica e no modo como via o mundo? Procuraremos dar uma possível resposta nas páginas que seguem. Recentemente, no ano de 2017, este tema foi estudado com um certo grau de profundidade pelo autor Paul Kengor, que na sua obra "A Pope and a President. John Paul II, Ronald Reagan, and the Extraordinary Untold Story of the 20th Century", questiona como se justifica o facto de um Presidente americano, presbiteriano, ter citado um milagre católico, mencionado três figuras religiosas ligadas à Igreja Católica – portanto, os três pastorinhos – numa Assembleia da República laica, com uma maioria de esquerda, e tal facto ter passado quase despercebido pela comunicação social. Kengor, defende que o assunto passou ao lado da comunicação social europeia e americana atento o facto de, em primeiro lugar, a viagem a Portugal, como já tivemos oportunidade de verificar, se integrar num périplo de dez dias por outras capitais europeias, e, em segundo lugar, porque o assunto mais destacado do périplo pela Europa seria a controvérsia visita de Ronald Reagan ao cemitério de Bitburg.[342] Será que Kengor tem razão? No que diz respeito à imprensa portuguesa, e atenta a nossa investigação à imprensa da época, podemos afirmar que o assunto mereceu algum relevo por parte de alguns jornais da época, mas não de forma tão destacada como foram, por exemplo, as questões da segurança ou das manifestações contra a vinda do Presidente Reagan. Num artigo de opinião assinado por António Lopes Ribeiro na publicação do *Primeiro de Janeiro* de 19 de maio de 1985, é, aliás, referido que "é de pasmar que a portentosa oração do Presidente dos EUA, tão generosa para Portugal (…) não tenha sido transcrita na íntegra por nenhum dos jornais."[343] Por outro lado, atentas as nossas pesquisas, foi possível verificar que nem todos ficaram agradados pela alusão a Fátima e aos

[341] Para uma análise aprofundada sobre Fátima, cf., por todos, FRANCO, José Eduardo; REIS, Bruno Cardoso, *Fátima: Lugar Sagrado Global*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2017.
[342] Cf., neste sentido, artigo de opinião de Paul Kengor, "Ronald Reagan, John Paul II, and Fatima", na revista *Crisis Magazine*, de 10 de maio de 2017, disponível através do link https://crisismagazine.com/opinion/ronald-reagan-john-paul-ii-fatima. [Consultado a 1 de setembro de 2024].
[343] Cf., publicação do *Primeiro de Janeiro* de 18 de maio de 1985.

pastorinhos. O PCP, através do Avante, numa publicação datada de 16 de maio de 1985, refere que "o visitante americano não falou da guerra das estrelas, nem do embargo à Nicarágua, da invasão de Granada, da África do Sul, ou da política protecionista norte-americana. (…) As expressões [dos deputados] falavam por si. Aquele era o homem que se diz escolhido por Deus para libertar o mundo: quem são eles para o contradizer?" Apesar dos inúmeros afloramentos das suas concepções reacionárias (…), foi manifesto que Ronald Reagan procurou envolver as suas verdadeiras ideias, concepções e planos em teorizações vagas ou em considerações de recorte demagógico ou pretensamente moralizador (…)."[344] Para além desta crítica, a referência a Fátima mereceu o lamento da Igreja Evangélica Baptista de Coimbra. Numa publicação do *Diário de Lisboa* de 11 de maio de 1985, é mencionado que a referida Igreja lamentou que Reagan "não tivesse visto que Fátima tem sido um poderoso instrumento da hierarquia de Roma para suprimir a liberdade dos portugueses." Para além disso, a Igreja refere que "Fátima tem sido utilizada para promover o atraso e a escravatura espiritual, moral e até económica da nossa gente. Se a América defende os ideais de liberdade tal como o tem feito, é porque há muito a maioria do seu povo está livre do julgo espiritual e político dos bispos de Roma."[345]

Um outro dado interessante relativamente ao proferimento das palavras "Fátima" e "três pastorinhos" refere-se ao facto de que a imprensa nacional afirma ter existido uma certa capitalização por parte do discurso, tanto pela Igreja Católica, como pelo CDS. Numa publicação da *Grande Reportagem* de 18 de maio de 1985, assinado por José Manuel Saraiva, é referido que a dimensão religiosa do discurso de Ronald Reagan foi capitalizada por algumas paróquias do país, donde alguns padres procederam a referências encomiásticas ao teor do discurso de Reagan. Para além disso, José Manuel Saraiva dá nota que, em resultado do conhecimento dessas referências em Igrejas, o CDS havia começado a apostar "forte" na candidatura de Diogo Freitas do Amaral a Presidente da República.[346]

Assim, e face a uma análise da imprensa portuguesa nos pós visita, em especial à dos dias 11 a 25 de maio de 1985, parece-nos correta a ideia de que, efetivamente, e seguindo as palavras de Kengor, o assunto passou ao lado da comunicação social.

Sem embargo do pouco empenhamento e destaque por parte da comunicação social estrangeira e portuguesa relativamente ao assunto, parece-nos de relevo fazer a seguinte questão: é possível afirmar que Reagan conhecia o segredo de Fátima? Terá tido João Paulo II alguma influência no assunto, dando a conhecer a Reagan o "milagre do sol"? Segundo Kengor, parece que sim. A resposta afirmativa provém do resultado das suas investigações para responder àquela questão. Este autor, partindo de entrevistas concedidas por aqueles que foram mais próximos de Reagan, bem como à análise de documentação provinda dos arquivos de Reagan, na sua maioria disponibilizados pela Reagan Libary, avança a tese de que Ronald Reagan teve o seu primeiro contato com a questão de Fátima alguns anos antes da vinda a

[344] Cf., publicação do *Avante* de 16 de maio de 1985.
[345] Cf. publicação do *Diário de Lisboa* de 11 de maio de 1985.
[346] Cf. publicação da *Grande Reportagem* de 18 de maio de 1985.

território português. Kengor, inicia a investigação sobre este tema com alguma estranheza: "afirmar que futuros historiadores iriam reconhecer a jornada de Portugal como "a jornada do nosso tempo, a jornada do nosso século", era uma declaração forte, até estranha. Portugal não era uma maior ou até menor potência mundial. Tinha uma economia pequena. Não aparecia no "radar internacional". O que pretendia dizer o Presidente estadunidense? Será que tinha Nossa Senhora de Fátima em mente?[347] Estaria ele a referir-se à jornada *única* que começou numa pequena vila no início do século XX?" Numa entrevista de Kengor a Tony Dolan, redator dos discursos do Presidente estadunidense, é afirmado que aquela jornada "única" era sobre o milagre de Fátima.[348] Kengor questiona ainda Dolan se é possível afirmar que Reagan já tinha conhecimento sobre Fátima antes de vir a Portugal. A resposta de Dolan é positiva. Segundo o redator de discursos de Reagan, "Fátima fazia parte do movimento anticomunista. O movimento de Fátima era algo que ele conhecia. E, para além disso, ele tinha um forte lado místico."[349] Ora, esta afirmação do redator de discursos de Reagan parece vir ao encontro daquilo que escrevemos sobre a importância que Reagan dava a questões do transcendente, do misticismo. Kengor adiciona ainda um elemento para corroborar a tese de Tony Dolan de que Reagan conhecia Fátima anos antes de vir a Portugal. O filme de Hollywood "The Miracle of Our Lady of Fatima" foi lançado em 1952, portanto, nos anos em que Reagan trabalhava como ator.[350] Ainda sobre a tese que defende que Reagan conhecia Fátima, Kengor prossegue a sua investigação, realizando uma entrevista ao jornalista Tomasz Pompowski, que referiu que o Presidente Reagan conversou com Bill Clark, seu conselheiro, sobre as mensagens de Fátima duas vezes.[351] Um outro ponto que permite defender a tese de que Reagan era conhecedor de Fátima – mesmo antes da viagem a Lisboa – será o facto João Paulo II ter oferecido ao Presidente americano um livro de entrevistas sobre Fátima proveniente da Biblioteca do Vaticano. Kengor sustenta que "tal troca de livros teria provavelmente acontecido após - e talvez tenha sido motivada pelo - encontro de junho de 1982 no Vaticano entre João Paulo II e Reagan. É possível, portanto, que o Papa e o Presidente tenham discutido Fátima logo em junho de 1982.[352]

Para Paul Kengor, tal não seria uma grande surpresa, pela existência de uma afinidade pessoal entre os líderes, em especial no que respeita à ideia de que ambos foram poupados da morte por uma intervenção divina. devido ao facto de ter existido uma intervenção divina. Assim, Kengor assume que, depois de ter explicado Nossa Senhora de Fátima a Reagan, o Papa terá enviado ao Presidente um livro sobre o assunto.[353] Para justificar esta tese, Kengor não se ficou por esta afirmação, tendo ido mais longe na sua investigação. Deslocou-se ao Rancho de Ronald Reagan, o Rancho Del Cielo, situado na Califórnia, a fim de verificar que existia algum livro relativo a Fátima. A pesquisa saiu gorada. Não

[347] Cf., neste sentido, KENGOR, Paul, op. cit., p. 414.
[348] Ibidem.
[349] Ibidem.
[350] Ibidem.
[351] Ibidem.
[352] Ibidem, p. 415.
[353] Ibidem.

existia nenhum livro sobre Fátima.[354] Interrogou ainda a Reagan Library se existiam títulos referentes a Fátima na casa de Reagan, em Los Angeles, ou no seu escritório em Century City, ou ainda noutros locais. O autor recebeu resposta afirmativa por parte da Reagan Library, que lhe informou que, de facto, existiam três títulos sobre Fátima, um dos quais conhecido por Ronald Reagan: o primeiro, trata-se de um simples panfleto datado de 1992, sem qualquer inscrição e oferecido por um leitor à Reagan Library. Kengor afirma que, sustentado pelo que lhe foi dito pelos serviços da biblioteca, que Reagan nunca viu aquele panfleto. O segundo livro, que, segundo a biblioteca, Reagan também não teve contato, tem como título *"Our Lady of Fátima"*, de 1954, de William Thomas Walsh. O exemplar da biblioteca tem uma inscrição para Nancy Reagan de uma doadora chamada Ethel Becker, que ofereceu o livro como prenda em 1981. O terceiro é um livro sobre Fátima que Reagan teria visto, "*Fátima: The Great Signal"*, de Francis Johnson, publicado em 1980 pela TAN Books, e que continha uma "Recomendação" introdutória do Bispo de Leiria-Fátima.[355] Segundo Kengor "a contracapa apresentava uma fotografia do próprio João Paulo II a segurar o livro e a espreitar para o seu interior - um verdadeiro aval. Assim, se o Pontífice recomendou um livro sobre Fátima a Reagan, provavelmente terá sido este. Como me disse um funcionário da biblioteca Reagan, este livro "podia ser o livro."[356] Numa outra investigação, o autor revela que a biblioteca tem em arquivo um memorando de uma página de Tony Dolan para Ronald Reagan, resumindo o livro e delineando a relação entre a história de Fátima e as opiniões de Reagan sobre o comunismo. Qual a forma como o recebeu? Será que o leu? Estas questões permanecem, igualmente em aberto.[357] No entanto, para Kengor, Reagan, pelo menos, viu aquele livro. Kengor refere ainda que João Paulo II enviou outros livros a Reagan, indicando que, em março de 1983, por exemplo, o Papa enviou a Reagan o *Annuario Pontificio* de 1983 do Vaticano. A 18 de março, Reagan escreveu a João Paulo II para agradecer o presente: "Aprecio profundamente a sua bondade, e guardarei esta edição de 1983 como uma recordação da sua calorosa amizade". Kengor reitera ainda a tese que Reagan, aquando da estada em Portugal, conhecia, de facto, o fenómeno ocorrido em Fátima. O autor corrobora esta tese com a conversa que teve com Tony Dolan, que, como referido, contribuía para a redação de discursos de Reagan: "Foi uma frase ousada", disse Tony Dolan três décadas mais tarde. "Ele [Reagan] podia tê-la deixado passar, mas não o fez. Esse [projeto de discurso] passou por muitas interações para ser revisto."[358] Para além disso, Kengor refere que a equipa de Reagan revia cuidadosamente todos os discursos do Presidente, caraterizando-os como "agressivos na eliminação de tudo o que consideravam estranho, não convencional ou potencialmente controverso." É ainda referido que "muitas frases dos discursos de Reagan causavam confusão entre os seus conselheiros. Qualquer redator de discursos de Reagan pode lembrar-se de exemplos, desde frases bem conhecidas como "Sr. Gorbachev, derrube este

[354] Ibidem.
[355] Ibidem.
[356] Ibidem.
[357] Ibidem, 416.
[358] Ibidem.

muro" e "Império do Mal" até declarações pró-vida que os assessores de Reagan, como James Baker e Richard Darman, atacaram (…)".[359] Ora, se assim é, a referência oblíqua ao milagre de Fátima tenha sido incluída num discurso presidencial parece extraordinária: "essas frases podiam emaranhar um rascunho de discurso durante semanas, até meses. Mas desta vez, de alguma forma, uma frase sobre três crianças pastoras e as suas alegações de visitas da mãe de Cristo escapou, aparentemente sem oposição."[360]

O que dizer sobre a tese estudada? Terá ido longe demais? Atenta a importância das questões místicas para Ronald Reagan, em especial a ideia de que Deus lhe havia confiado um plano para a sua vida, após a tentativa de assassinato, não nos parece desprovida de racionalidade. Ademais, a tese de Kengor parece estar documentalmente sustentada, seja através de entrevistas (portanto, utilizando a História Oral como *uma metodologia entre as demais*[361]), seja pela busca incessante de elementos (em especial provenientes de arquivos) que possam demonstrar aquele conhecimento de forma efetiva. Quanto a nós, após uma investigação sobre o assunto, mas utilizando fonte documental portuguesa, em especial proveniente da imprensa coeva à visita, estamos em condições de adicionar mais um elemento que permita defender que Reagan era conhecedor e devoto de Fátima. Tal elemento encontra-se nos preparativos da visita a Portugal. Segundo uma publicação do *Tempo* de 3 de maio de 1985, portanto, antes da realização da visita de Estado, Reagan havia manifestado intenção de proceder a um grande discurso na Cova de Iria, lugar das aparições marianas. No entanto, face a questões relacionadas com a segurança, Reagan foi dissuadido de se deslocar ao local. A ideia seria viajar de Lisboa a Fátima, utilizando helicóptero, tendo, inclusivamente, vindo dos EUA dois pilotos para realizar o percurso. A segurança, considerou, no entanto, que essa viagem seria demasiado perigosa para se poder realizar.[362] Ora, ao se pretender, *ab initio*, o proferimento do seu discurso mais importante num local de culto católico mundial, parece, quanto a nós, um elemento demonstrativo da importância dada a Reagan relativamente ao fenómeno de Fátima. Reagan, pode, e cremos que esta seja a leitura correta, não ter aprofundado com grande desenvolvimento todos os grandes contributos científicos e académicos sobre o milagre, como sejam, por exemplo, estudos teológicos sobre a questão. Pode apenas ter detido um conhecimento superficial sobre o assunto. Mas, seja como for, o desejo de realizar "um grande discurso" na Cova de Iria simplesmente não pode passar ao lado de quem pretenda estudar este tópico com seriedade como é a procura do rigor em História. Escrito de uma outra forma: Reagan, evangélico, líder do "mundo livre", tencionava proferir um discurso na Cova de Iria, Fátima? Qual a capitalização? Quais as vantagens para a Administração Reagan-Bush? Na verdade, quanto a nós, já parece ter sido um risco a menção a Fátima numa Assembleia onde os conservadores eram a minoria, quanto mais realizar o mesmo, num centro de devoção mariana mundial. Não parece existir, do nosso ponto de vista, mais nenhuma resposta correta

[359] Ibidem, p. 417.
[360] Ibidem.
[361] Cf., neste sentido, OLIVEIRA, Luísa Tiago de, "A História Oral em Portugal". *In Sociologia. Problemas e Práticas*, 63, 2010, pp. 139-56. Acessível em http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n63/n63a08.pdf.
[362] Cf. publicação do *Tempo* de 3 de maio de 1985.

que não seja o facto de que Reagan era, efetivamente, um devoto daquilo que sucedeu em Fátima, no início do século XX. Além disso, também não será exagerado que Reagan, para além da devoção, revia-se em Fátima pelo facto de considerar os milagres como verdadeiros bastiões do comunismo, através da ideia da consagração de Fátima à Rússia, por exemplo. Ora, assumindo-se como um "cruzado" contra o comunismo, parece plausível aceitar que Reagan possa ter visto o fenómeno como mais um sustento para preconizar as suas políticas anticomunistas. Por fim, devemos afirmar o seguinte: parece algo romanceada a ideia de que Reagan se revia como um "cruzado" anticomunista e um devoto de Fátima. Parece ainda algo infantil ou até mesmo anedótico considerar a perspetiva de que Reagan recorria ao místico e a questões de fé para governar o seu país e metade do mundo. No entanto, mais uma vez questionamos: qual a capitalização de Reagan com tais referências? Parece-nos, acima de tudo, a demonstração da sua ideia do mundo influenciada por questões de fé; a ideia que três pastores são mais poderosos do que grandes exércitos, como Reagan referiu na Assembleia da República, é uma ideia perfeitamente enquadrável na visão de Reagan de que o conflito entre os EUA e a URSS não era apenas um conflito militar, mas sim uma verdadeira guerra religiosa, como já demonstrámos. Parece, assim, que Fátima e os três pastorinhos marianos se poderiam perfeitamente enquadrar nas crenças de Reagan e, talvez por essa razão, o Presidente americano fez questão de os citar, num ambiente totalmente laico e, como referido, com uma maioria de esquerda, da qual, pelo menos 75 deputados de 250 eram comunistas.

13.3. O Portugal democrático como exemplo para toda a Aliança Atlântica: a capitalização da visita de Estado, por parte de Mário Soares, para as eleições presidenciais?

Voltando ao discurso na Assembleia da República, Reagan referiu que, mais do que através de uma contribuição militar, o verdadeiro exemplo português residia na sua transição para a democracia. O Presidente estadunidense aludia ao facto de a democracia portuguesa ser ainda jovem, com apenas onze anos, e que, como acontecera no seu próprio país, não estaria a salvo de "problemas políticos, sociais e económicos (…)". No entanto, prosseguia, afirmando que "(…) nenhuma democracia, principalmente nos seus primeiros anos, avança sem obstáculos. Isto é verdadeiro para qualquer nação e especialmente em qualquer democracia. No meu país aprendemos, repetidamente, que os resultados da democracia só podem ser avaliados - não a curto, mas a longo prazo - se tivermos presentes os princípios nos quais ela se baseia e nos lembrarmos como Winston Churchill tinha razão ao recordar-nos que a democracia, na verdade, é a pior forma de governo. Exceto em relação a todas as outras."

Falar de democracia em Portugal é também falar dos seus protagonistas. Por que razão não terá Ronald Reagan mencionado e congratulado o primeiro Presidente da República democraticamente eleito após a Revolução de 25 de Abril de 1974, também ele um ator da revolução que resultou na democracia? Afinal, Reagan fizera-o dias antes em Espanha, sublinhando a importância do Chefe de Estado, o Rei

Dom Juan Carlos I, na transição para a democracia. Reagan afirmou o seguinte: "é com grande prazer que me encontro convosco esta noite para aplaudir outra decisão de coragem e de visão, a decisão de traçar para Espanha um caminho para a democracia. A Coroa espanhola desempenhou também um papel importante nesta viragem histórica. "A vossa dedicação e os vossos ideais, Majestades, mereceram o respeito e a gratidão dos povos amantes da liberdade em todo o mundo."[363] No que diz respeito a esta ausência de referência ao Chefe de Estado no discurso de Ronald Reagan, e atenta a nossa investigação, parece ter havido um momento de "fricção" entre São Bento e Belém. Rui Mateus conta que "no dia 7 de Maio seria chamado de urgência a São Bento. O primeiro-ministro estava em polvorosa. Dois dias depois chegaria a Portugal o Presidente do EUA e o primeiro-ministro acabara de ter conhecimento de que o discurso que aquele dignitário iria fazer na Assembleia da República era altamente elogioso para o Presidente Ramalho Eanes. «Não pode ser» — dir-me-ia Soares — «afinal contratámos aqueles gajos para nos ajudar e depois fazem uma gaffe destas». Para Soares, os elogios a Eanes, para além de desagradáveis por se tratar de Eanes, constituíam uma nota negativa nas suas aspirações presidenciais. Ele é que era o amigo dos americanos e ao ser ignorado pelo Presidente dos Estados Unidos, em Portugal, representava uma não ingerência altamente favorável a Freitas do Amaral. Eu entraria imediatamente em contacto com Paul Manafort que compreendeu a «aflição» de Soares. Mas também viu aqui uma boa oportunidade de demonstrar a sua influência em Washington, entrando em contacto imediato com Bud Mac Farlane, o poderoso conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, e no dia seguinte receberia confirmação de que o discurso que o Presidente dos Estados Unidos iria proferir perante a Assembleia da República, tinha sido convenientemente modificado. Reagan falaria da liberdade, de Winston Churchill, de Lincoln e dos pastorinhos de Fátima, mas não mencionaria uma única vez o seu homólogo, o Presidente da República, General Ramalho Eanes. Pelo contrário, no almoço que o primeiro-ministro lhe ofereceria em Sintra, Reagan saudaria com grande entusiasmo a "coragem e liderança do primeiro-ministro."[364]

De facto, analisado o discurso de Reagan que antecedeu um brinde a Mário Soares, nenhuma referência foi feita a Ramalho Eanes, e o Presidente estadunidense, de facto, elogiaria Soares afirmando que: "(…) estamos a lançar os alicerces do progresso e da liberdade de que os nossos filhos irão usufruir. O que fazemos hoje é para eles amanhã. Eles apoiar-se-ão nos nossos ombros e nós temos de lhes dar costas fortes para que possam ver bem o futuro. E serão pessoas como V. Exa., Senhor Primeiro-Ministro, a quem as gerações futuras ficarão mais gratas. Pode orgulhar-se especialmente da sua forte liderança para trazer a democracia a Portugal."[365] Este pode ser considerado mais um exemplo do que

[363] Cf. documento "Toast at the State Dinner in Madrid, Spain", de 7 de maio de 1985, disponível em https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/toast-state-dinner-madrid-spain [consultado a 2 de junho de 2024].
[364] Cf., Mateus, Rui, op. cit., p. 268.
[365] Cf., documento "Toast at a Luncheon Hosted by Prime Minister Mario Soares in Lisbon, Portugal", de 9 de maio de 1985, disponível em https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/toast-luncheon-hosted-prime-minister-mario-soares-lisbon-portugal [consultado a 1 de agosto de 2024].

escrevemos sobre a visão de Reagan relativamente a Soares: com ou sem pedido por parte de Rui Mateus, mais uma vez foram exaltadas as qualidades do líder socialista e ocultadas quaisquer referências a Eanes. Parece, assim, ter existido uma tentativa de capitalização da vinda de Reagan para "lançar" Soares na corrida presidencial que ocorreria dentro de breve. De igual forma, apesar das nossas investigações não nos terem permitido concluir pela existência de qualquer ingerência, tanto a Igreja como o CDS utilizaram a parte religiosa do discurso de Reagan para lançar a campanha presidencial de Diogo Freitas do Amaral. E relativamente a Mário Soares? Verificámos, através das palavras de Rui Mateus que Soares tinha solicitado a alteração do discurso de Reagan para omitir toda e qualquer referência a Eanes. A comunicação social portuguesa deu conta deste episódio? Ou apenas foi revelado, anos mais tarde, aquando da publicação das memórias de Rui Mateus? Tentaremos responder a estas questões nas linhas que se seguem. Mais ainda: será que a tentativa de capitalização da vinda dos americanos a Portugal se ficou apenas pelo pedido de modificação do primeiro discurso onde Eanes era mais elogiado?

Relativamente à questão da ausência de referências a Eanes no discurso do Presidente estadunidense, e até ao facto de o Chefe de Estado ter sido colocado, de certa maneira, num lugar secundário na visita, podemos afirmar que a imprensa portuguesa deu conta do sucedido. Numa publicação do jornal do *O Jornal,* de 10 de maio de 1985, sob o título "Belém torceu o nariz a soarismo da Casa Branca", era avançada a tese de que "o palácio de Belém terá feito sentir, de forma indireta ao lado americano, que o enfâse dado no programa às cerimónias em que participava Mário Soares podia ser interpretada como um apoio da Casa Branca do primeiro ministro, Mário Soares." Tal constatação, segundo a publicação, resultou na atribuição de uma maior importância protocolar ao banquete final da visita de Reagan, no Palácio da Ajuda"[366], precisamente o banquete oferecido por Ramalho Eanes. A publicação vai ainda mais longe, referindo que Reagan não escondia a simpatia por Mário Soares.[367] Sobre esta simpatia entre Reagan e Mário Soares, uma publicação do Comércio do Porto de 10 de maio de 1985, referia que os líderes se começaram a tratar pelos nomes próprios. Segundo a publicação Ronald Reagan sentia-se embaraçado com o tratamento dado a Mário Soares e propôs-lhe: "Porque não nos chamamos apenas pelos nossos nomes?"[368] O *Expresso* de 18 de maio de 1985, reporta-se àquela proposta como um privilégio de intimidade, referindo ainda que Soares era o "interlocutor mais querido da diplomacia americana"[369] Uma publicação irónica do *Tal & Qual* com o título "Corações ao alto", assinado por Pitonisa, datado de 10 de maio de 1985, também discorria sobre o facto de Eanes ter ficado em "segundo plano" na visita presidencial. Na publicação é referido que "numa visita oficial de 41 horas, o rico[370] teve a gentileza de conceder ao seu homólogo português, Ramalho Eanes, 45 minutos de

[366] Cf. publicação de O *Jornal* de10 de maio de 1985
[367] Ibidem.
[368] Cf. publicação do *Comércio do Porto* de 10 de maio de 1985.
[369] Cf. publicação do *Expresso* de 18 de maio de 1985.
[370] A publicação refere-se a Ronald Reagan como "rico".

conversa – menos de 2 por cento do tempo que esteve em Portugal. (…) Já o mesmo não sucede com o dr. Mário Soares, que teve a honra de recebê-lo, na sua residência oficial de São Bento, durante hora e meia. Compreendo: Eanes deixa Belém e vai para Alcains, enquanto o Marocas está para lavar e durar. (…)"[371]

Também o PCP se debruçou sobre esta alegada ingerência, afirmando que Reagan teria vindo a Portugal não por "sentimentos de amizade" entre os dois países, mas no "quadro da sua política de hostilidade para com o Povo e a democracia portuguesa". Através de comunicado, o PCP sustentava a tese de que Reagan incluiu Portugal no seu périplo europeu com o intuito de, em ano de eleições[372], "patentear o apoio dos EUA a um governo anti-popular e ao seu chefe, o que representa uma descarada ingerência nos assuntos internacionais do nosso País, que o PCP firmemente repudia como gravemente atentatória da dignidade e da independência nacional."[373] Procurando responder à última questão que colocámos acima, um outro ponto, embora não diretamente relacionado com a visita, mas ligado a Reagan e noticiado por vários meios de comunicação social aquando da sua estada no nosso país[374], terá sido o contato com os responsáveis de *marketing* político das suas campanhas eleitorais - Lee Atwlater e Paul Manafort - para a campanha de Soares às presidenciais de 1986, que, aliás, se deslocaram a São Bento e a Nafarros, Sintra. A ideia destes encontros seria, para além do aconselhamento, perceber qual seria o estilo do "candidato ideal". Mário Soares, no entanto, optaria por não acatar tais conselhos, considerando os mesmos como desfasados da realidade portuguesa. Segundo Soares, "(…) não colava à psicologia do eleitorado português"[375], dando como exemplo o envio maciço de cartas à população que simplesmente as iria deitar para o lixo, sem as ler, quando se apercebessem de que se tratava de propaganda e, além disso, eram "caríssimos"[376]. Soares, reporta-se mesmo a esta auscultação americana como uma "sondagem negativa", afirmando mesmo que "falavam linguagens diferentes". Sobre as táticas utilizadas para a campanha presidencial de 1986, Soares explica a Avillez que acabaria por acatar conselhos do chefe das campanhas eleitorais do SPD – enviado por Willy Brant -, por exemplo na utilização de figuras populares com um dístico "Soares Presidente" informando que o seu sentido de voto seria em Mário Soares. Constam destes cartazes, entre outras personalidades da época, Hermínia Silva, cujo cartaz tinha escrito o seguinte: "Ó bom povo português, Santo de tantos altares, façam cá

[371] V. publicação do *Tal & Qual* de 10 de maio de 1985.
[372] Devemos apenas sublinhar que, aquando da visita de Reagan a Portugal, as eleições presidenciais estavam marcadas para o ano de 1985. No entanto, a queda do Governo do "Bloco Central" fez com que as mesmas fossem realizadas no início do ano seguinte, atentos os preceitos constitucionais sobre a matéria. Naturalmente, aquando deste comunicado por parte do PCP, ainda não se antevia a queda do Governo, daí a expressão "em ano de eleições".
[373] Cf. publicação do *Diário* de 10 de maio de 1985.
[374] V., por exemplo, publicação do *Diário*, assinado por Miguel Urbano Rodrigues, com o título "Dos planos eleitorais de Soares às frustrações de Mr. Cors", de 8 de maio de 1985.
[375] Cf., AVILLEZ, Maria João, Op. Cit., p. 271.
[376] Ibidem.

como a Hermínia, e votem Mário Soares!"[377] [378] Parece, assim, possível concluir que a capitalização de Reagan a Portugal por parte de Mário Soares se ficou apenas pelos elogios feitos pelo Presidente estadunidense, uma vez que, conforme verificámos, Soares decidiu-se por uma campanha à "portuguesa", utilizando personalidades nacionais da época.

14. Os "*passos portugueses*" de Ronald Reagan como os melhores do périplo pela Europa?

Antes de terminarmos o estudo da visita de Ronald Reagan a Portugal, cumpre questionar o seguinte: num exercício comparativo, terão sido as 41 horas de Ronald Reagan em Portugal as melhores relativamente aos outros locais por onde passou? Dito de outra forma: terá Ronald Reagan fechado a visita pela Europa com "chave de ouro"? Atendendo a tudo aquilo que estudámos nos capítulos ulteriores, parece que, em comparação com os outros lugares visitados, Portugal foi o país onde o Presidente estadunidense recebeu mais aclamação e menos oposição. Na verdade, quando comparada com as outras visitas, a estada de Reagan em Portugal foi a que pareceu ser a visita mais calma, com menos contestação, e mais convergência política. Apesar de se terem realizado manifestações contra a presença de Reagan, e posições de rejeição liminar da vinda de Reagan por parte de alguns partidos mais à esquerda, bem como de associações e agremiações de diversa índole, a verdade é que, quando comparadas com outras manifestações, as portuguesas parecem ter sido aquelas onde a violência menos se verificou. Para além disso, não se notaram polémicas de maior, havendo elogios (mas também apelos) entre o Presidente Reagan e o Chefe de Estado e Chefe de Governo portugueses. A própria saída de alguns deputados, aquando da realização da sessão solene na Assembleia da República, ocorreu sem problemas de segurança maiores. A imprensa portuguesa parece justificar a tese por nós defendida, havendo várias publicações nesse sentido. Tomemos como exemplo algumas delas: uma publicação na *Grande Reportagem* de 18 de maio de 1985 refere que "na visita à Europa nem tudo foram espinhos, Lisboa compensou-o [Reagan] da frieza com que as outras cidades o receberam" [379]; uma publicação do *Tarde* de 14 de maio de 1985, refere que o encontro entre Reagan e Soares foi "o encontro amigo"[380]; o *Expresso*, numa publicação de 11 de maio de 1985, refere que Portugal foi "o "happy-end" da viagem

[377] Cf, AVILLEZ, Maria João, Op. Cit., p. 270.
[378] De notar que esta auscultação ao *marketing* político americano não seria isenta de polémicas. Rui Mateus, na sua obra, refere que Lee Atwater e Paul Manafort foram pagos com dinheiro do Estado. Sobre este assunto, Mário Soares, em entrevista concedida a Avillez refere o seguinte: "não foram pagos, nem tinham que ser: não passámos da fase da sondagem; ofereceram-nos um modelo que não foi utilizado. Foi tudo. Menos ainda com dinheiro do Estado. (…)" Cf., AVILLEZ, Maria João, Op. Cit., p. 272.
[379] Cf. publicação da *Grande Reportagem* de 18 de maio de 1985.
[380] Cf. publicação do *Tarde* de 14 de maio de 1985.

europeia de Reagan".[381]; o *Comércio do Porto*, numa publicação datada de 11 de maio de 1985 refere que a "receção portuguesa foi a melhor da Europa"[382]; o *Jornal de Notícias*, numa publicação de 11 de maio de 1985, reporta-se a Portugal como um "paraíso" em relação aos outros países visitados[383]; o *Dia* de 11 de maio de 1985 refere-se à visita a Portugal como uma "visita bem sucedida" e que o Presidente americano "parte muito satisfeito com hospitalidade portuguesa"[384]; o *Comércio do Porto*, numa publicação de 9 de maio de 1985 refere que existiram "mais sorrisos do que protestos à chegada do Presidente americano"[385]; uma publicação do *Capital* de 10 de maio de 1985, admite que a "hospitalidade portuguesa" não teve rival no resto da Europa. Ora, atendendo às publicações citadas, parece, assim, ser defensável que, de facto, Reagan fechou o périplo europeu com "chave de ouro".

[381] Cf. publicação do *Expresso* de 11 de maio de 1985.
[382] Cf. publicação do *Comércio do Porto* de 11 de maio de 1985.
[383] Cf. publicação do *Jornal de Notícias*, de 11 de maio de 1985.
[384] Cf. publicação do *Dia* de 11 de maio de 1985.
[385] Cf. publicação do *Comércio do Porto* de 9 de maio de 1985.

Conclusão

Através da redação da presente dissertação, foi possível verificar que as relações bilaterais entre Portugal e os EUA não mudaram significativamente com a presidência de Ronald Reagan, tendo permanecido, no essencial, as mesmas desde o 25 de abril de 1974 até ao ano de 1985. A partir desse ano, e mais especificamente a partir de 1 de janeiro de 1986, é natural que se tenha dado uma modificação nesta relação bilateral, atenta a entrada do nosso país na CEE. Modificação essa, devemos sublinhar, que ocorreu não na forma de rutura total, mas simplesmente de uma revisão da relação bilateral. Seja como for, desde o 25 de abril de 1974 até, pelo menos, ao ano de 1985, ainda em tempo de Guerra Fria, as relações entre Portugal e os EUA resumem-se, basicamente, a questões de defesa e segurança para a Aliança Atlântica, sem embargo da abertura de novos pontos de contato entre os países, como seja, por exemplo, a criação da FLAD.

No âmbito da relação bilateral entre Portugal e os EUA, foi possível concluir que não existia uma relação privilegiada entre dois países, em detrimento de outras relações entre os EUA e outros países europeus. O que parece ter existido, da parte de alguns estudiosos e de alguma elite política, foi o sentimento de que Portugal era o "favorito" dos EUA quando, na verdade, a existência de uma relação mais "acesa" entre os dois países se deu apenas em certos momentos históricos, não sendo de concluir, pelo menos quanto a nós, que esses certos momentos, como foram os anos pós-25 de abril, por exemplo, se tratam de verdadeiras exceções, possam significar que Portugal tenha sido o país europeu com a relação mais privilegiada com os EUA. Assim, não nos parece correto, em Relações Internacionais, considerar um país mais "favorito" que o outro. Sendo certo que existem Alianças, é igualmente verdade que essas Alianças têm sempre uma "moeda de troca". No caso português, sem dúvida, e salvo melhor opinião, a joia da coroa, pelo menos em termos de guerra (fria ou não) ou defesa, foi sempre os Açores. Basta, aliás, verificar a importância dada à base das Lajes no pós-Guerra Fria. O interesse dos países na relação com os outros em determinado momento (em determinada conjuntura), parece-nos que pode, aos mais incautos, fazer parecer que existe uma relação de "favoritismo" e "privilégio", quando, salvo melhor opinião, no jogo de xadrez que são as Relações Internacionais, tal "favoritismo" ou "privilégio" não existem. O que existe, isso sim, são interesses dos próprios países. A localização geográfica dos Açores sempre foi um verdadeiro *plus* nas relações entre os EUA e Portugal, é certo, mas também não é menos certo que esse *plus* esteve sempre balizado por um lapso temporal limitado pelos interesses americanos, atentos certos acontecimentos. Quando não existe tal interesse, quando a conjuntura já não é propícia, as Lajes, simplesmente deixam de ser um *plus*. No fundo, aquilo que o Autor Álvaro de Magalhães refere como "dupla ilusão". Se é verdade que a estada de Reagan em Portugal foi, em relação aos outros países visitados, um verdadeiro "paraíso", tal não quer significar que existia uma relação "especial" entre os dois países. As manifestações realizadas em Portugal foram, de facto, menos

agressivas do que as dos outros países, mas, também não nos parece de concluir que tal facto demonstre uma relação especial. Aliás, como tivemos oportunidade de explicar, as manifestações portuguesas enquadravam-se num receio geral relativo à Guerra Fria. Não ao facto de Portugal ser o país "favorito" dos EUA.

Se não nos é possível concluir que Portugal era o país europeu "favorito" dos EUA, com uma relação "privilegiada", porque não podemos tomar como correta a ideia de que existem "favoritismos" nas Relações Internacionais, mas tão somente "conjunturas", tal não quer significar que o Presidente Reagan não possa, de facto, ter tido uma figura política portuguesa coeva à visita "preferida". E aqui, sem dúvida que nos parece que Ronald Reagan, atentas todas as circunstâncias já explanadas, nutria, mesmo antes da visita a Portugal, uma relação e sentimento especiais com o primeiro-ministro Mário Soares. Desde a receção como "mero" líder da oposição portuguesa, até às entradas no seu diário privado, passando até pelas alegadas alterações ao discurso proferido na Assembleia da República por forma a "lançar" Soares como futuro Presidente da República, não nos parece exagerado concluir que Ronald Reagan tinha, entre os políticos portugueses, um carinho especial por Soares. Na verdade, nem mesmo Lucas Pires, que se encontrava na mesma linha ideológica de Reagan, mereceu tanto destaque.

Outro ponto de destaque desta dissertação, teve que ver com o facto de Ronald Reagan ter criado uma visão muito própria da política, onde incluía a moral e a religião. Em frases bastante simples, Reagan criou linhas de pensamento que relacionam a moral e a política e até a inexistência desta sem a primeira. O seu misticismo não parece suficiente para nos fazer concluir que seria um devoto mariano fervoroso. Mas não nos parece exagerado, atentas as teses explanadas, que Reagan era um conhecedor do milagre de Fátima, pretendendo deslocar-se à Cova de Iria aquando da sua vinda a Portugal, e, não lhe sendo possível, citou o fenómeno e os pastorinhos num Parlamento laico, onde a maioria dos deputados era de esquerda. Julgamos que este acontecimento deve ser tomado como mais um exemplo da retórica anticomunista primária de Reagan, bem como a sua visão de que a guerra com a URSS era uma verdadeira guerra "religiosa", da qual João Paulo II foi visto como um dos seus principais aliados no objetivo de colocar a URSS nas "cinzas da História".

Por último, sem quaisquer pretensões de exibicionismo, julgamos ter contribuído para o aprofundamento do estudo das relações bilaterais entre Portugal e os EUA, em especial as relações entre o Governo do "Bloco Central", a presidência de Ramalho Eanes e a Administração Reagan-Bush. Para além disso, deram-se aqui os "primeiros passos" para uma tentativa de reconstituição dos "passos portugueses" de Ronald Reagan, sendo certo que, confessamos, muito caminho ainda existe por trilhar.

Referências bibliográficas

A) Arquivos

Arquivo Mário Soares

Pasta n.º 3599.004 – Recortes da presidência do concelho de ministros/visita Ronald Reagan – conjunto de fotocópias de recortes, elaborado pela Presidência do Concelho de Ministros, sobre a visita de Ronald Reagan a Portugal, 03/05/1985 a 07/05/1985.

Pasta n.º 3599.003 – Recortes da presidência do concelho de ministros/visita Ronald Reagan – conjunto de fotocópias de recortes, elaborado pela Presidência do Concelho de Ministros, sobre a visita de Ronald Reagan a Portugal, 08/05/1985.

Pasta n.º 3599.002 – Recortes da presidência do concelho de ministros/visita Ronald Reagan – conjunto de fotocópias de recortes, elaborado pela Presidência do Concelho de Ministros, sobre a visita de Ronald Reagan a Portugal, 09/05/1985.

Pasta n.º 3599.001 – Recortes da presidência do concelho de ministros/visita Ronald Reagan – conjunto de fotocópias de recortes, elaborado pela Presidência do Concelho de Ministros, sobre a visita de Ronald Reagan a Portugal, 10/05/1985.

Pasta n.º 3600.004 – conjunto de fotocópias de recortes da presidência do concelho de ministros/visita Ronald Reagan – conjunto de fotocópias de recortes, elaborado pela Presidência do Concelho de Ministros, sobre a visita de Ronald Reagan à Europa e Portugal em particular, de 11/05/1985, 13/05/1985, 14/05/1985, 16/05/1985 a 18/05/1985 e 25/05/1985.

B) Fontes visuais

"1982 Voodoo Economics", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=o8hnM6xNjeU.

"1984 Presidential Candidate Debate: President Reagan and Walter Mondale - 10/7/84", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=OGvBFQQPRXs.

"Departure ceremony for President Reagan in Lisbon on May 10, 1985", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=88eZ6yl3hFY&t=714s.

"Evil Empire" Speech by President Reagan - Address to the National Association of Evangelicals" de 03/08/1983, disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=FcSm-KAEFFA.

"President Reagan and President Eanes Toasts at the State Dinner in Lisbon, Portugal on May 9, 1985", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=qQrV2He94YU&t=46s.

"President Reagan gives a Press Conference at the Queluz Palace in Lisbon, Portugal on May 10, 1985", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=16CMZ8ePRfo.

"President Reagan's Remarks with Prime Minister Mario Soares of Portugal on May 9, 1985", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=6JdW7sjnyyY.

"President Reagan's Address to the National Association of Evangelicals, March 8, 1983", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=v7bUye1CpfE.

"President Reagan's laying a Wreath at Jeronimos Monastery in Lisbon on May 8, 1985", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=jnnvhSA7eAM&t=51s.

"President Reagan's Photo Opportunity with President Eanes in Lisbon on May 9, 1985", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=O5LNFPgbJ7I&t=11s.

"President Reagan's Remarks at the National Religious Broadcasters Convention on February 4, 1985", disponível através do link https://www.youtube.com/watch?v=--c6Ql32im0.

C) Fontes escritas

"President's Daily Diary, December", de 23 de dezembro de 1967, disponível no sítio institucional da LBJ Library, em http://www.lbjlibrary.net/assets/lbj_tools/daily_diary/pdf/1967/19671223.pdf.

Artigo de opinião de John Lewis Gaddis, com o título "Reagan was no lightweight", abril de 2004, disponível em https://www.historynewsnetwork.org/article/john-lewis-gaddis-reagan-was-no-lightweight.

Artigo de opinião de Paul Kengor, "Ronald Reagan, John Paul II, and Fatima", na revista *Crisis Magazine*, de 10 de maio de 2017, disponível através do link https://crisismagazine.com/opinion/ronald-reagan-john-paul-ii-fatima.

Diário da Assembleia da República, III Legislatura, p. 3049.

Diário pessoal de Ronald Reagan, disponível na Reagan Library, através do link https://www.reaganfoundation.org/ronald-reagan/white-house-diaries/diary-entry-01201981/.

Documento da CIA "Estimating the impact of EC enlargement on US Exports to Spain and Portugal", do Directorate of Intelligence, datado de 8 de outubro de 1986, disponível no sítio eletrónico da FOIA - Freedom of Information Act Electronic Reading Room, através do link https://www.cia.gov/readingroom/document/cia-rdp86t01017r000404370001-2.

Documento da CIA "Portugal: Election and Postelection Outlook", datado de abril de 1983, disponível no sítio eletrónico da FOIA - Freedom of Information Act Electronic Reading Room, através do link https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP84S00555R000100210002-8.pdf.

Documento da CIA "Portugal: From Empire to Small Country", datado de 17 de abril de 1985, disponível no sítio eletrónico da FOIA - Freedom of Information Act Electronic Reading Room, através do link https://www.cia.gov/readingroom/document/cia-rdp85t01058r000202700001-5.

Documento da CIA "Portugal: Issues Soares and Eanes may wish to discuss", datado de 19 de abril de 1985, disponível no sítio eletrónico da FOIA - Freedom of Information Act Electronic Reading Room, através do link https://www.cia.gov/readingroom/document/cia-rdp85t01058r000202750001-0.

Sítio institucional do Portal Diplomático, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, secção dedicada às relações bilaterais entre os Estados Unidos da América e Portugal, subsecção "visitas de Estado e oficiais", disponível para consulta em https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises-geral/estados-unidos-da-america.

Texto do sítio institucional da Reagan Foundation, com o título, "Reaganomics: Economic Policy and the Reagan Revolution", disponível no sítio eletrónico da Ronald Reagan Foundation and Presidential Institute, através da hiperligação https://www.reaganfoundation.org/ronald-reagan/the-presidency/economic-policy/?srsltid=AfmBOop5kI13q7NQjtZKSv54OfIb8BOmsrXgVorVzfhYnuf2r4uPDnKN.

D) Referências bibliográficas

AVILLEZ, Maria João, Soares – Democracia, Círculo de Leitores, Lisboa, 1996.

BRONWNLEE, W. Elliot, "Reaganomics" The Fiscal and Monetary Policies". In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons Lda., 2015.

CAVACO SILVA, Aníbal, Autobiografia Política Volume I, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002.

FREIRE ANTUNES, José, Kennedy e Salazar. O leão e a raposa, Lisboa, Difusão Cultural, 1991.

COLBY, Jason M., "Reagan and Central America". In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons.

GAYTE, Marie, The Vatican and The Reagan Administration: a Cold War Alliance. In *The Catholic Historical Review*, Vol. 97, nº. 4 (outubro de 2011), pp. 713-736.

GRAY, William Glenn, Reagan and Western Europe. In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons Lda., 2015.

HERDEIRO, Vítor Madail, RARET - A Guerra Fria Combatida a Partir da Charneca Ribatejana, Edições 70, 2021.

KENGOR, Paul, "A Pope & a President: John Paul II, Ronald Reagan, & The Collapse of Communism". In *Providence, a Journal of Christianity & American Foreign Policy*, Primeira 1967/2017, número 7, pp. 28-36.

KENGOR, Paul, A Pope and a President. John Paul II, Ronald Reagan, and the Extraordinary Untold Story of the 20th Century, Harper Milenial E-Books, Wilmington, Delaware, 2017.

KENGOR, Paul, The Crusader: Ronald Reagan and the Fall of Communism, Harper Perennial E-Books, Wilmington, Delaware, 2006.

LIPSTADT, Deborah E. "The Bitburg Controversy." In *The American Jewish Year Book* 87 (1987): 21–37.

LUDLOW, N. Piers , The Unnoticed Apogee of Atlanticism? U.S.–Western European Relations during the Early Reagan Era. In *European Integration and the Atlantic Community in the 1980s*. Cambridge University Press, 2013.

MAGALHÃES, José Calvet de História das Relações Diplomáticas entre Portugal e os Estados Unidos da América (1776-1911), Publicações Europa-América, Mem Martins, 1991.

MAGALHÃES, José Calvet de; VASCONCELOS, Álvaro de; SILVA, Joaquim Ramos; Portugal, Paradoxo Atlântico. Diagnóstico das Relações Americanas, Fim de Século Edições, 1993.

MATEUS, Rui, Contos Proibidos. Memórias de um PS desconhecido. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1996.

MCMAHON, Robert J., The Cold War, A Very Short Introduction (versão ebook), Oxford University Press, Oxford, New York, 2003.

MOREIRA DE SÁ, Tiago, "Quando Portugal contou para a América». Os Estados Unidos e a transição democrática portuguesa". In *Ler História*, 63, 2012, 109-125.

MOREIRA DE SÁ, Tiago, História das Relações Portugal - EUA (1776-2015). D. Quixote, Lisboa, 2016.

MOREIRA DE SÁ, Tiago, Os americanos na Revolução portuguesa (1974-1976), Editorial Notícias, Lisboa, 2004.

O´SULLIVAN, John, O Presidente, o Papa e a Primeira-Ministra, Ronald Reagan, João Paulo II e Margaret Thatcher, três figuras que mudaram o mundo, Aletheia, Lisboa, 2007.

OLIVEIRA, Luísa Tiago de, "A História Oral em Portugal". In *Sociologia. Problemas e Práticas*, 63, 2010, pp. 139-56. Acessível em http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n63/n63a08.pdf.

PANIZO, Alonzo, "Las visitas de Estado en el mundo". In *Estudios Institucionales*. Madrid. Vol. II, n.º 3, 2015, pp. 157-187.

RICCARDI, Andrea, João Paulo II. A Biografia, Paulinas Editoras, Lisboa, 2001.

RODRIGUES, Luís Nuno, Salazar-Kennedy, a Crise de uma Aliança, Lisboa, Editorial Notícias, 2002.

RODRIGUES, Luís Nuno. "A Administração Johnson e a Questão Colonial Portuguesa". In Luís Nuno Rodrigues (Ed.), *Regimes e Império: As Relações Luso-Americanas no século XX*. (pp. 89-112). Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

RODRIGUES, Luís Nuno. "Missão impossível: O Plano Anderson e a questão colonial portuguesa em 1965". In *Relações Internacionais*. Lisboa. N.º 1, 2004, pp. 99-112.

RODRIGUES, Luís Nuno. "A Revolução Americana (1763-1787)". In *As Revoluções Contemporâneas*, 29-47. Lisboa, Portugal: Edições Colibri/IHC da Universidade Nova de Lisboa, 2005.

RODRIGUES, Luís Nuno. "Dwight Eisenhower Visita Portugal". In *Anos de Salazar*, pp. 40-49. Lisboa, Portugal: Planeta Agostini, 2008.

ROOSEVELT, Selwa, A Anfitriã. Memórias de uma Chefe de Protocolo da Casa Branca, Edições ASA, 1990.

SERRANO, Estrela, As Presidências Abertas de Mário Soares. As Estratégias e o Aparelho de Comunicação do Presidente da República, Edições Minerva, Coimbra, 2002.

SERRANO, José de Bouza, O Livro do Protocolo, Esfera dos Livros, Lisboa, 2011.

SMITH, Gary Scott – Faith and the Presidency: From George Washington to George W. Bush, Nova Iorque: Oxford University Pres, Inc., 2006.

SUTTON, Matthew A. Reagan, Religion, and the Culture Wars of the 1980´s. In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons Lda., 2015.

LIPSTADT, Deborah E. "The Bitburg Controversy." In *The American Jewish Year Book* 87 (1987): 21–37.

TEIXEIRA, Nuno S. - Portugal e a NATO: 1949-1989, in Nação e Defesa, n.º 89 – 2.ª Série, 1999.

TELO, António José, História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à actualidade, Vol. I, Editorial Presença, Barcarena, 2008.

TELO, António José, História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à actualidade, Vol. II, Editorial Presença, Barcarena, 2008.

VIEIRA, Joaquim, Mário Soares. Uma Vida, Reverso, Cofina Media, 2022.

WALCHER, Dustin, "The Reagan Doctrine". In *A companion to Ronald Reagan*. 1.º Edição, West Sussex, Reino Unido, John Wiley & Sons Lda., 2015.